



**Carolina Ardente de Oliveira**

**Sonhar uma cidade de mulheres: Design Especulativo e  
o imaginário de mulheres sobre a cidade do Rio de  
Janeiro**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design, do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Freitas de Magalhães

Rio de Janeiro  
Março, 2022



**Carolina Ardente de Oliveira**

**Sonhar uma cidade de mulheres: Design Especulativo e  
o imaginário de mulheres sobre a cidade do Rio de  
Janeiro**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito  
para obtenção do grau de Mestre em Design pelo  
Programa de Pós-Graduação em Design, do  
Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

**Prof. Claudio Freitas de Magalhães**

Orientador

Departamento de Artes e Design - PUC-Rio

**Profa. Maria Manuela Rupp Quaresma**

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

**Profa. Isabel Cristina Gonçalves Fróes**

Copenhagen Business School

Rio de Janeiro, 8 de março, 2022

Rio de Janeiro, 8 de março de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

**Carolina Ardente de Oliveira**

Bacharel em Direito pela Universidade Federal  
Fluminense, pós-graduada em branding pelo Instituto  
Europeo di Design

Ficha Catalográfica

Oliveira, Carolina Ardente de

Sonhar uma cidade de mulheres : design especulativo e o imaginário de mulheres sobre a cidade do Rio de Janeiro / Carolina Ardente de Oliveira ; orientador: Claudio Freitas de Magalhães. – 2022.

107 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2022.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Cidade inteligente. 3. Cidade para mulheres. 4. Design e gênero. 5. Imaginário. 6. Design especulativo. I. Magalhães, Claudio Freitas de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Agradeço à CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais não seria possível realizar esse trabalho.

Diante de dois anos tão terríveis, e de um processo de mestrado pessoalmente difícil, fiquei pensando muito nas coisas e pessoas pelas quais me sinto grata. A pandemia me marcou profundamente, assim como marcou esta pesquisa. Acima de tudo agradeço por estar viva, e pela vida das pessoas que amo. Que bom que acabou.

Ao meu orientador, Claudio de Magalhães pela ampla liberdade na escolha do tema de pesquisa.

À banca examinadora.

Ao Romário da coordenação do PPG Design, por toda a paciência e presteza – sempre pronto para tirar dúvidas e ajudar!

À professora Barbara Szaniecki pela gentileza, acesso e disponibilidade para trocar ideias.

Às minhas amigas de laboratório e “companheiras de viagem”, Marcia Borges e Fabienne Schiavo – sem vocês teria sido literalmente impossível conseguir passar pela experiência do mestrado.

Às queridas amigas e companheiras de turma, Luciana Gonçalves e Luiza Marcier – vocês tornaram o percurso mais leve, obrigada por tantas trocas e conversas!

Aos meus pais, por todo o apoio sempre. Em especial um agradecimento à minha mãe que, mesmo enfrentando anos tão duros, ainda se manteve forte e viva para me apoiar.

Ao meu grande amigo Luiz Antunes, muito obrigada pela parceria, pelas risadas, pela amizade e pelo amor que você compartilha é um conforto e uma sorte ter você ao meu lado!

Ao meu precioso amigo Willian Becker, por ter me acompanhado do início ao fim, por ter compartilhado tantas jornadas, tantas tardes juntos escrevendo (cada um a sua pesquisa), pelos desabafos, choros, risos, jogos sem a sua parceria eu não teria conseguido, muito obrigada!

Ao meu querido amigo Henrique Lima, obrigada por todo o apoio e pelas palavras nos momentos certos você me deu forças para terminar!

À minha querida amiga Graziella Pimenta por todas as conversas, todo o apoio, carinho e confiança.

Ao meu melhor amigo Yuri Dias, por me apoiar sempre.

À minha psicóloga Patrícia de Oliveira pelo acompanhamento nesses dois anos e pelo profissionalismo.

Dedico também ao meu amigo Ronaldo Bezerra onde quer que esteja. Você que sempre foi um dos meus maiores incentivadores fez muita falta durante esse processo e escrita, mas tenho certeza que olha por mim!

Por fim, como não poderia deixar de ser em tudo o que faço, agradeço aos meus ancestrais, guias e mentores, por nunca me deixarem de lado.

## Resumo

Ardente, Carolina; Magalhães, Cláudio Freitas de. **Sonhar uma cidade de mulheres: Design Especulativo e o imaginário de mulheres sobre a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2022. 106 páginas. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A cidade obedece a uma lógica de estruturação que não é inclusiva e atenta às diversidades, fazendo com que mulheres não usufruam plenamente da vida urbana. E se mulheres, com vivências diversas, partindo de lugares diversos, pudessem projetar a cidade onde vivem, o que elas fariam? É a partir desta pergunta com potencial especulativo que esse trabalho se estrutura. Como é o imaginário de mulheres sobre a cidade do Rio de Janeiro? E o que mulheres pensam sobre “Cidades Inteligentes?”. Escrever sobre cidades é escrever também sobre design, pois o design molda mundos possíveis e, aparentemente, impossíveis com a sua dimensão especulativa. Neste trabalho que gira em torno da tríade design-cidade-gênero, além de ouvir mulheres e suas vivências, buscamos investigar como o debate de gênero é levado em consideração para pensar a construção de cidades mais igualitárias e acolhedoras. Trazemos à tona a relevância de se pensar design e gênero, ressaltando a importância de se pensar o design de forma crítica para sonhar mundos preferíveis.

## Palavras-chave

Cidade Inteligente. Cidade para mulheres. Atributos. Imaginário. Design especulativo. Design e gênero.

## Abstract

Ardente, Carolina; Magalhães, Cláudio Freitas de. **Attributes for a “Women's City”: Speculative Design and the women's imagination about the city**. Rio de Janeiro, 2022. 106 páginas. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

What if women, with different experiences, coming from different backgrounds, could design the city where they live, what would they do? This question filled with speculative potential is the core of this work. What is the women's imaginary about the city of Rio de Janeiro? And what do women think about “Smart Cities?”. Writing about cities is also writing about design, because design shapes possible and apparently impossible worlds with its speculative dimension. In this work, which revolves around the design-city-gender triad, in addition to listening to women and their experiences, we seek to investigate how the gender debate is taken to consider the construction of more egalitarian and welcoming cities. We bring to light a concern with thinking about design and gender, highlighting the importance of thinking or designing critically in order to dream preferable worlds.

## Keywords

Smart City. City for women. attributes. Imaginary. Speculative design. Design and gender.

# Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1. PROBLEMA .....	15
1.2. QUESTÃO NORTEADORA.....	21
1.3. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS .....	21
1.3.1. <i>Objetivo geral</i> .....	21
1.3.2. <i>Objetivos específicos</i> .....	21
1.4. OBJETO DA PESQUISA .....	22
1.5. RELEVÂNCIA DA PESQUISA .....	22
1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	23
<b>2. CIDADES INTELIGENTES .....</b>	<b>25</b>
2.1. CIDADES: PROBLEMAS COMPLEXOS.....	25
2.2. CONCEITO DE CIDADE INTELIGENTE .....	27
2.3. CIDADES INTELIGENTES – UMA ABORDAGEM CRÍTICA: DO TECNOCENTRISMO À DIMENSÃO HUMANA .....	32
<b>3. DESIGN E GÊNERO – OPORTUNIDADES DE PESQUISA.....</b>	<b>40</b>
3.1. PENSAR RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO DO DESIGN – O DESIGN NÃO PODE MUDAR NADA ANTES QUE MUDE A SI PRÓPRIO? .....	43
3.2. DESIGN E MULHERES, UM PROBLEMA HISTÓRICO? .....	44
3.3. DESIGN ESPECULATIVO E GÊNERO .....	47
3.3.1. <i>Do que se trata o Design Especulativo?</i> .....	47
3.3.2. <i>Especular é preciso: um design especulativo feminista?</i> .....	51
3.4. CAMINHOS POSSÍVEIS: INICIATIVAS QUE MISTURAM DESIGN, FEMINISMO E CIDADE.....	57
3.4.1. <i>Crowdmapping e Crowdsourcing: a tecnologia como ferramenta de co-design para meninas e mulheres na construção de uma cidade segura</i> .....	58
3.4.2. <i>Barcelona: Workshops pela cidade</i> .....	61
3.4.3. <i>Meu Ponto Seguro: uma iniciativa brasileira para repensar o espaço público para mulheres</i> .....	64
<b>4. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>68</b>
4.1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	68
4.1.1. <i>Entrevistas Qualitativas</i> .....	68
4.1.2. <i>Questionário Online</i> .....	70
4.2. ANALISANDO RESULTADOS .....	70
4.2.1. <i>O perfil das mulheres entrevistadas</i> .....	71
4.2.2. <i>O perfil das mulheres respondentes ao questionário</i> .....	74
4.2.3. <i>Segurança</i> .....	82
4.2.4. <i>Atributos de uma cidade para mulheres</i> .....	85
4.2.5. <i>“Cidade inteligente?”</i> .....	91
4.3. LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	93
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>
<b>7. APÊNDICES.....</b>	<b>103</b>
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO ON-LINE.....	103



## Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem adaptada e traduzida pela autora, baseada no livro “Speculative Everything Design, Fiction and Social Dreaming”, 2013.	49
Figura 2 - “Cone dos futuros preferíveis” - imagem retirada do livro “Speculative Everything Design, Fiction and Social Dreaming”, 2013)	50
Figura 3 - “Mapa dos sonhos de mulheres para o Rio de Janeiro” - Imagem criada pela pesquisadora).	91
Figura 4 - Imagem criada pela pesquisadora com base no guia “Nocturnas. The everyday life of women nightshift workers in the Barcelona Metropolitan Area”).	63
Figura 5 - Imagem criada pela pesquisadora com base pesquisa “Meu Ponto Seguro” desenvolvida pela ONG Think Olga).	66
Figura 6 - Arte: Mariana Simões / Texto: Thaís Sereno, disponível em: <a href="https://www.geledes.org.br/meu-corpo-nao-e-publico-propoe-campanha-colaborativa-contra-assedio-nos-transportes-baixe-cartazes/">https://www.geledes.org.br/meu-corpo-nao-e-publico-propoe-campanha-colaborativa-contra-assedio-nos-transportes-baixe-cartazes/</a> ).	75
Figura 7 - Como as mulheres se identificam quanto à cor/raça	79
Figura 8 - Orientação sexual das mulheres respondentes do questionário online.	79
Figura 9 - Faixa etária das mulheres respondentes do questionário online.	80
Figura 10 - Escolaridade das mulheres respondentes do questionário online.	80
Figura 11 - Renda familiar das mulheres respondentes do questionário online.	81
Figura 12 - Zona onde vivem as mulheres respondentes do questionário.	81
Figura 13 - Medos envolvendo circular pelo Rio de Janeiro.	82
Figura 14 - Situações/contextos que causam medo ao circular no Rio de Janeiro.	83
Figura 15 - Adjetivos que melhor caracterizam o Rio de Janeiro hoje.	86
Figura 16 - Atributos de uma cidade para mulheres.	87
Figura 17 - Imagem criada pela autora, Atributos de uma Cidade para Mulheres.	90

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - 10 características de um wicked problem. Fonte: Adaptado e traduzido de Rittel & Webber, 1973.	26
Tabela 2 - Índice Smart City Index, adaptado e traduzido. Fonte: IMD, 2020.	29
Tabela 3 - Definições de Cidade Inteligente/Smart City. Fonte: Tabela criada pela autora a partir da pesquisa bibliográfica realizada neste trabalho.	31
Tabela 4 – Eixos de orientação para as perguntas. Fonte: Criada pela autora.	71
Tabela 5 – Perfil das mulheres entrevistadas – entrevistas qualitativas. Fonte: Criada pela autora.	73
Tabela 6 – Bairros das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	76
Tabela 7 – Profissão das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	77
Tabela 8 – Etnia das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	79
Tabela 9 – Sexualidade das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	79
Tabela 10 – Faixa etária das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	80
Tabela 11 – Escolaridade das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	80
Tabela 12 – Zona de residência das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.	81

# 1.

## Introdução

Pesquiso para sonhar outros mundos. É uma tarefa árdua e diária.

Pensar outros mundos, ao contrário do que possa parecer, não se trata de começar do zero e imaginar novos e imaculados mundos. O “outro”, em “outros mundos” não tem a função de aniquilar aquilo que já existe, como se fosse possível viver em outra Terra.

Não se trata, também, de partir de percepções distópicas de fim de mundo e futuros apocalípticos em busca de um amanhã redentor, embora estejamos vivendo tempos turbulentos no chamado Antropoceno. Do que se trata então?

A expressão “outros mundos”, neste trabalho, se refere à possibilidade de imaginar, resgatando a dimensão do sonho como prática essencial para vislumbrar realidades mais empáticas, solidárias e inclusivas.

Como nos ensina Donna Haraway (2016) em seu livro “*Staying with The Trouble*”, para vislumbrar possibilidades de futuros é preciso ficar no presente e elaborar o hoje, pois só assim será possível preservar a continuidade para um amanhã.

Quando me inscrevi para o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Design na PUC Rio, jamais poderia imaginar o que o ano de 2020 reservava para o mundo e o quanto a minha jornada enquanto pesquisadora e estudante seria atípica. Pesquisar durante a pandemia não foi uma tarefa fácil. Mudou tudo: metodologia, processo, expectativas.

Iniciar esta dissertação trazendo uma breve contextualização e um certo grau de pessoalidade se torna fundamental, pois tudo o que for produzido neste período pandêmico será, em algum aspecto, um registro histórico de pesquisas desenvolvidas em tempos pandêmicos.

Escrevo majoritariamente em primeira pessoa do singular para evidenciar o quanto essa jornada em meio à pandemia do chamado novo coronavírus (COVID-19) me afetou não só enquanto pesquisadora, mas também na maneira e na necessidade de sonhar mundos. Sonhar outras possibilidades de cidade.

Sempre sonhei com realidades melhores, pois, como mulher, percebo o mundo e como ele foi projetado. Percebo também como mulheres não fazem parte desse projeto (ex: observe qualquer ônibus, transporte público, e como não são projetados para mães com os seus carrinhos de bebê; o Plenário do Senado brasileiro que até 2016 não tinha banheiro feminino<sup>1</sup>; ou ainda, no plano jurídico, a impossibilidade de uma mulher realizar o procedimento de laqueadura sem a autorização do marido, devido a uma lei de 1996<sup>2</sup>). E aqui há de se frisar que algumas mulheres são ainda mais excluídas do que outras. Pense, por exemplo, nas mulheres indígenas e nas mulheres negras, nas mulheres pobres e nas periféricas, mulheres que foram historicamente excluídas de um projeto de “processo civilizatório”.

Além disso, utilizar a primeira pessoa do singular serve para evidenciar o quanto também sou sujeito<sup>3</sup>, mulher, agente do conhecimento.

Dentre outras motivações, isso também ocorre com o intuito de contestar uma diferenciação rígida de “sujeito x objeto”, **pois o próprio tema da pesquisa se refere a uma investigação sobre como seria uma cidade imaginada por e para mulheres.**

De acordo com a filósofa Donna Haraway (1995), uma das autoras base para a realização desta dissertação, os saberes são sempre localizados. Isso significa dizer que os saberes partem de lugares diversos de acordo com contextos e até mesmo subjetividades. O sujeito que fala, fala sempre de algum local.

Para Grada Kilomba (2019, p.58) todos somos sujeitos que falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e realidades específicas. Em sua obra “Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano”, Grada Kilomba (2019) critica as noções de universalidade, objetividade e neutralidade na própria academia. De acordo com ela:

Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. Desse modo, se esses ensaios parecem preocupados

<sup>1</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/01/plenario-do-senado-tera-banheiro-feminino-55-anos-apos-inauguracao.html>. Acesso em: 11/10/2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2021/10/06/mulher-decide-passar-por-laqueadura-mesmo-com-resistencia-do-marido-eu-optei-por-mim.ghtml>. Acesso em: 11/10/2021.

<sup>3</sup> SCHERRE, Paula Pereira, E QUANDO PESQUISADOR E PESQUISADO SÃO A MESMA PESSOA? REFLEXÕES EPISTEMO-METODOLÓGICAS À LUZ DA COMPLEXIDADE E DA TRANSDISCIPLINARIDADE, Revista Terceiro Incluído, v. 5, n. 1, p. 263–286, 2015.

em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico, vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. (Kilomba, 2019, p.58)

Como já mencionado nos parágrafos acima, o tema deste trabalho é investigar como seria uma cidade estruturada por e para mulheres, respeitando as suas diversidades, vivências e particularidades. Desta forma, cumpre ser coerente também com a maneira em que este trabalho é conduzido e escrito.

Os acontecimentos decorrentes dessa nova doença denominada Covid-19, que rapidamente se espalhou pela Terra, afetaram não só o desenvolvimento da pesquisa em termos de possibilidades, mas o próprio estado de espírito de todos os envolvidos.

Digo todos os envolvidos, pois idealmente uma pesquisa não se faz apenas pela pesquisadora, mas sim por toda uma rede de pessoas em menor ou maior grau: orientadores, professores, colegas de laboratório, funcionários da universidade, pessoas entrevistadas, colaboradores, redes de apoio, e outros pesquisadores que contribuíram com os seus próprios trabalhos prévios. Nesse sentido, a pesquisa precisa ser produzida coletivamente e para o coletivo.

Com a pandemia do novo coronavírus, diversos desafios foram impostos às pesquisas: a impossibilidade de ir às ruas de forma verdadeiramente segura, o distanciamento do convívio social no ambiente das universidades, o cansaço pelo tempo extenso diante de telas, o medo pelo contágio e a insegurança com os rumos do amanhã.

A partir desse contexto, é preciso frisar que a presente pesquisa foi fortemente moldada e remodelada, ao longo do ano de 2020 e 2021, de acordo com todas as dificuldades impostas pela pandemia do Covid-19.

A ideia para este trabalho incluía uma série de oficinas e encontros presenciais com mulheres para pensar a cidade do Rio de Janeiro. Escutar suas vivências, compreender aquilo que prejudica e limita, e o que poderia melhorar as suas vidas na cidade.

A proposta de encontros presenciais serviria não só para proporcionar um clima mais descontraído e intimista, como também para gerar imagens a partir de especulações, de provocações através do design especulativo. Nesse sentido, o design especulativo teria o papel crítico de estimular o diálogo e a reflexão sobre

problemáticas, criando narrativas.

Infelizmente, isso não foi possível devido a desgastes mentais gerados pela pandemia, e pelos riscos ofertados pela transmissão do novo coronavírus.

Em um país com mais de 500 mil mortes<sup>4</sup> por coronavírus, é difícil – senão até desumano – manter-se indiferente às externalidades, por mais que as formalidades rígidas e tradicionais de um trabalho acadêmico-científico possam exigir uma postura mais objetiva.

Ao contrário, esta pesquisa busca ir na contramão das indiferenças, abraçando, inclusive, subjetividades. Comecei esta pesquisa com o intuito de imaginar mundos, pensar presentes e futuros mais inclusivos, mas me vi em um momento em que imaginar futuros foi muito doloroso, pois estava vivendo um presente incompreensível, inacreditável. Ainda assim, esta pesquisa me fez manter a possibilidade do sonho.

Neste trabalho que gira em torno da tríade design-mulheres-cidade, “neutralidade” no sentido de afastamento, distanciamento, imparcialidade e universalização, será um ponto discutido ao longo da pesquisa.

Ainda partindo do pensamento de Haraway (1995), esta pesquisa parte de uma perspectiva feminista para desafiar lógicas universalizantes. Para Haraway, saberes posicionados se relacionam com a redefinição da racionalidade e da objetividade sustentada na defesa da perspectiva parcial enquanto epistemologia.

Importante ressaltar que o feminismo é uma epistemologia. Trata-se de uma outra episteme oposta, por exemplo, à episteme do patriarcado. O feminismo é uma epistemologia (Allcof, 1993; Rago, 1998) que se estrutura conceitualmente de forma analítica e crítica capaz de ser fundamento para diversas teorias e práticas. Assim sendo, podemos dizer que o feminismo é uma “teoria crítica” em relação à “teoria tradicional” patriarcal, mas que se desdobra em diversos “feminismos”.

Isso se faz relevante nesta dissertação, pois propomos exatamente um olhar atento àquilo que mulheres diversas<sup>5</sup> imaginam e almejam em relação a uma cidade

---

<sup>4</sup> MAGENTA, Mateus. 500 mil mortos por covid: 4 gráficos para comparar a tragédia do Brasil com a de outros países. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57523633>. Acesso em 22/06/2021.

<sup>5</sup> Nesta dissertação, sempre que possível, será utilizada a palavra “mulher/mulheres” junto à palavra “diversa(s)”, ou “diversidade”, para reforçar que a expressão “mulher/mulheres” não se refere a um grupo categórico homogêneo. O termo “mulher/mulheres” como categoria de análise é utilizado de forma a facilitar o entendimento neste trabalho. Isso significa dizer que, nesta pesquisa, a utilização dos termos “mulher/mulheres” não tem o intuito de definir “mulheres” como um grupo homogêneo, considerando apenas o marcador de gênero, pois isso seria apagar vivências e outros marcadores

que respeite as suas vivências. Trata-se de um olhar inclusivo e criativo, pautado na equidade de gênero e também na criatividade para olhar os problemas, criticar e propor um estado de coisas que muitas vezes, pela dureza do cotidiano, não nos damos conta .

A proposta desta pesquisa, portanto, é pensar a cidade. Mas não qualquer cidade, não uma cidade ou projetos de cidades que desconsiderem vivências fortemente impactadas por imposições sociais de gênero.

Um dos intuitos deste trabalho, nesse sentido, é ressaltar a importância de se pensar gênero, levar em consideração marcadores de gênero nos projetos de cidade e nos processos de design. Por isso, trataremos do chamado Design Especulativo nesta pesquisa, também conhecido como “design crítico especulativo” (em inglês *Speculative Critical Design* – SCD), ou ainda “design ficcional” (Dunne, Raby, 2016).

O design especulativo tem por objetivo especular, partindo de uma simples pergunta: “E se?”. No caso desta pesquisa, uma das perguntas a ser feita é: “e se as mulheres tivessem o poder de decidir sobre a estruturação da cidade? Como seria a construção/modificação da cidade sob a ótica de mulheres?”, “O que é uma Cidade Inteligente sob o ponto de vista de mulheres?”.

Design especulativo trata de pensar sobre futuros possíveis e criar cenários de futuros preferíveis. Afinal de contas, os cenários como estratégia de compreender o futuro apontam e, na medida em que apontam, interferem no presente.

## **1.1. Problema**

Quando pensamos em cidades e em toda a sua complexidade estrutural, organizacional, cultural e econômica, é possível observar uma diversidade de espaços e de usos para esses locais.

Nesse sentido, cumpre observar também que a cidade, não só é diversa na sua composição física, mas também quanto às pessoas que nela habitam. Assim sendo,

---

sociais como “raça” e “classe”. Essa observação é importante, pois fazendo um recorte histórico de classe e raça, observamos distinções pungentes quanto a privilégios. Mulheres são um grupo unitário quanto ao gênero, mas distintas entre si quando fazemos uma leitura interseccional (Crenshaw, 2004).

para compreender a cidade em toda a sua diversidade, é preciso também compreender a diversidade de pessoas que a vivenciam diariamente: mulheres jovens, mães solteiras, mulheres idosas que não se aposentaram, por exemplo.

Pensando nisso e reconhecendo que **a cidade é “a projeção da sociedade sobre um local” (Lefebvre, 2001, p. 56), é preciso considerar que os espaços são moldados a partir de supostos valores simbólicos e práticas sociais.**

**Essas práticas influenciam diretamente a vida de grupos que não são contemplados ou são oprimidos a partir dessas noções que se traduzem em normas dominantes. Portanto, a configuração urbana não é neutra<sup>6</sup>.**

Em verdade, o espaço urbano vem sendo moldado desde a época da Revolução Industrial com uma diferenciação entre os espaços públicos e privados, e as suas respectivas funcionalidades, por exemplo. Diferenciação esta que, por sua vez, também se apoiou na divisão sexual do trabalho (uma das principais bases do patriarcado).

Nesse sentido, funções específicas consideradas como produtivas foram atreladas aos homens e, portanto, à esfera pública, enquanto funções chamadas de reprodutivas foram determinadas às mulheres, situadas no espaço privado, além de estabelecer uma ordem hierárquica entre essas atribuições (Valdivia, 2018).

A construção da sociedade industrial que delimitou mulheres aos espaços privados<sup>7</sup> com a função de exercerem o papel de cuidadoras (cuidar da família, casa e afazeres domésticos), se apoiou não só na instituição familiar moderna, mas também no restante das estruturas institucionais modernas como, por exemplo, o sistema jurídico e a própria organização dos espaços.

Atualmente, ainda que mulheres tenham participação na vida pública, essa estrutura criada e consolidada desde o início da era industrial apresenta reflexos até hoje. Isso porque a estruturação da cidade foi feita por homens, para homens, em uma **lógica androcêntrica** (Valdivia, 2018).

Vejamos então, alguns dados sobre a vivência de mulheres na cidade e porque

---

<sup>6</sup> “Não há neutralidade no planejamento das cidades. Não há investimentos do Estado para pensar as cidades sob a perspectiva de gênero e raça. Na dinâmica social brasileira, os espaços segregados reproduzem a desigualdade.” (Junior, O. A. S. et al., 2001).

<sup>7</sup> Aqui é importante ressaltar que ao falar em espaço privado estamos nos referindo às funções reprodutivas de cuidado. Para além das atuações nas fábricas, por exemplo, às mulheres eram devidas as atividades laborais domésticas (espaço privado), portanto um acúmulo de múltiplas funções. Além disso, é preciso observar que o trabalho doméstico não era, e ainda não é, considerado um trabalho a ser devidamente remunerado.



mulheres experienciam a cidade de maneira distinta.

Primeiro, cabe pontuar que às mulheres continua sendo atrelada a função de cuidadoras. São elas, em sua maioria, as que cuidam dos afazeres domésticos como compras de mercado, levar e buscar os filhos na escola, além de organizarem toda a rotina doméstica da casa. Além disso, são as responsáveis pela observação da saúde, cuidam dos pais e ainda dão conta dos seus respectivos trabalhos remunerados (IBGE, 2018)<sup>8</sup>.

Segundo, porque às mulheres ainda é atribuído esse tipo de função (herdada portanto da estruturação da sociedade moderna a partir da revolução industrial e da dominação patriarcal), são elas as que mais se deslocam pela cidade, pois suas jornadas são duplas e até mesmo triplas.

As suas jornadas de deslocamento são definidas como “deslocamentos poligonais”, ao passo que aos homens são atribuídos os chamados “deslocamentos pendulares”, que vão da casa para o trabalho e do trabalho para a casa. O problema nesse caso é que o sistema de transportes da cidade leva em conta essa lógica de deslocamento pendular, não atendendo as necessidades das mulheres no dia a dia. Trata-se do foco na planificação ao invés da acessibilidade (Valdivia, 2018).

Para ilustrar essa situação foi feito um estudo pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de São Paulo, a partir de dados da pesquisa Origem e Destino do Metrô de São Paulo em 2017. O estudo revela que mulheres usam mais o transporte coletivo e andam mais a pé do que homens. Somadas, as porcentagens desses meios de transporte resultam 74,6% para elas e 62,5% para eles. Além disso, em uma família cujo ganho mensal é menor do que R\$ 1.244, 50% das viagens das mulheres são feitas a pé e 28% são feitas utilizando ônibus (METRÔ SP, 2019).

Outro ponto interessante do relatório é a reafirmação de que a razão para que as jornadas das mulheres sejam mais diversificadas é o fato de que as tarefas domésticas ainda recaem, em boa parte, sobre elas.

Outra dimensão importante que reforça o imaginário da mulher enquanto cuidadora é a maternidade. A cidade, como expressão do espaço público, não leva em consideração as funções cuidadoras que ainda são impostas às mulheres.

A dificuldade que mães têm em repartições e prédios públicos, cheios de ritos

---

<sup>8</sup> De acordo com o IBGE, mulheres gastam aproximadamente 18,1 horas semanais dedicando-se aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos. Mulheres brancas gastam 17,7 horas, enquanto mulheres pretas gastam 18,6 horas. Homens gastam em média 10,5 horas semanais nessas tarefas.

que lhes oprimem, como a não naturalidade com que é vista a amamentação em público e a falta de estrutura para a própria criança, acaba sendo um fator limitante. Essa falta de suporte estrutural acaba por afastar mães de atividades públicas.

Outro ponto no tocante à maternidade e à cidade é a falta de creches, especialmente quando públicas. Esse é um ponto que impacta a rotina e a locomoção de mães diariamente, e reforça quanto o projeto das cidades não inclui os trajetos e vivências de mulheres.

Se pensarmos no fator moradia, observaremos que isso é uma questão também importante, principalmente para mulheres que vivem em periferias. Primeiro, devido aos serviços públicos/a ausência deles, depois com a questão do transporte/ausência deles, e a própria moradia distante de áreas centrais, fazendo com que a jornada dupla/tripla de cuidados-trabalho se torne ainda mais extensa.

Isso ocorre devido, dentre outros motivos, à setorização da cidade moderna, construída em zonas de divisão por tarefas e características. Por exemplo, o centro da cidade é onde se reúnem comércios, portanto as zonas residenciais deveriam se constituir no seu entorno de forma não integrada (Sim, 2019).

Para além do fator mobilidade e moradia, as vivências de mulheres na cidade, de acordo com as suas características de classe, raça e sexualidade, se intensificam com o fator segurança.

O medo da violência, do assédio em espaços públicos, das ruas mal iluminadas, da espera sozinha no ponto de ônibus e das ruas desertas, por exemplo, são fatores que interferem diretamente na experiência feminina de existir na cidade (FGV DAAP, 2019)<sup>9</sup>.

Ora, o assédio a mulheres em espaços públicos no Rio de Janeiro, por exemplo, é tão latente e reconhecido, que foi criado o “Carro das Mulheres” no metrô. Uma tentativa válida, mas ingênua (que não resolve a complexidade da questão, pois ataca as consequências e não as causas) de evitar mais assédios no transporte coletivo.

A partir das observações feitas acima é possível identificar que existe objetivamente uma visão, até mesmo por parte do poder público, de que mulheres

---

<sup>9</sup> Dados do Disque Denúncia mostram que foram registradas 6.427 denúncias de estupro e 236 denúncias de assédio sexual contra mulheres adultas e menores de idade na cidade do Rio de Janeiro durante o período de janeiro de 2006 a dezembro de 2017. Das 6.427 denúncias de estupro, 82,32% foram relativas a espaços públicos, enquanto das 236 denúncias de assédio, 64% delas também foram relativas a espaços públicos.

têm uma experiência diversa de existir na cidade.

Experiência essa de existir na cidade que é afetada na esfera do corpo também, pois tratam-se de corpos constantemente vulnerabilizados. Sendo assim, pergunta-se: por que mesmo havendo esse reconhecimento, ainda que velado, de que mulheres experienciam a cidade de forma diversa da lógica androcêntrica, suas experiências não são levadas em conta?

Para além de fatores como a violência e o assédio público, a falta de estrutura em locais públicos para mães com crianças, e um sistema de transportes e organização da cidade que não atende às jornadas poligonais de mulheres, há também o fator representatividade e participação em políticas públicas.

No Brasil, mais da metade da população é composta por mulheres. Somos 51,7%, equivalendo a 92 milhões de pessoas, no entanto, ainda há pouco protagonismo quando pensamos em políticas públicas. Apenas 15% dos cargos políticos são ocupados por mulheres, e apenas 10% de cargos de liderança seguem o mesmo caminho (IBGE EDUCA, 2018).

Certamente a construção histórica de cidades e de suas estruturas de poder a partir da Revolução Industrial, do capitalismo, da vida burguesa e do patriarcado impactaram e ainda impactam a vida das mulheres.

É inegável, como escrito acima, que a falta de protagonismo de mulheres diversas e atuantes dentro de estruturas de poder (político, normativo e decisório) impacta diretamente a discussão de pautas de gênero. A quem interessa a vida das mulheres senão a elas mesmas? Como é possível melhorar a vida de mulheres nas cidades se as suas demandas não são ouvidas ou questionadas?

A cidade é construída a partir de uma falsa neutralidade, a partir das noções de existência de ser humano universal, “ser humano médio” (representado pelo homem branco), e o urbanismo é focado para atender as necessidades desse (Valdivia, 2018). Dessa forma, observa-se a construção de uma cidade excludente, que não observa a pluralidade que a compõe.

**Ao pensarmos em um modelo de “Cidade Inteligente”, como uma cidade do futuro, é cabível questionar se não seria inteligente trazer um olhar para questões de gênero, para que se possa tratar de uma construção mais diversa de cidade.**

Um modelo de cidade pautado na igualdade e na equidade, e que seja verdadeiramente centrado nas pessoas que a compõe, e menos excludente. O

questionamento parte de considerações feitas por David Sim (2019), arquiteto que pensa a cidade como um lugar construído a partir das diversidades e não apesar delas.

Nesse sentido, a partir de tudo o que foi dito acima, um ponto a se pensar é **como o design pode contribuir para que projetos de cidades sejam mais inclusivos. É pensar o design como meio para trazer à tona discussões e problemáticas, é pensar o design em seu potencial especulativo focando em cenários e situações preferíveis**<sup>10</sup>.

Não se trata apenas de compreender o papel do design como potencializador para atuações estratégicas, mas também como um portal para o imaginário, a criatividade e o livre pensar.

De acordo com a pesquisadora e professora da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (ESDI) Barbara Szaniecki (2019), o design pode ser tanto uma ferramenta política quanto uma ferramenta para a política, fazendo com que seja um facilitador de questões, comunicações e resoluções de problemas.

Design é teoria, mas também é prática, e a sua contribuição para pensar o espaço urbano é, dentre outras, através do seu potencial especulativo que pode se traduzir em narrativas. Trata-se, portanto, de observar o design como um processo que estimula o imaginar e que também é capaz de estimular o pensar criticamente.

Além disso, ainda de acordo com Barbara Szaniecki (2019), cumpre ressaltar que a relação entre design e cidade é estreita, não só pensando em mobiliário, mas nas próprias manifestações visuais que percorrem a cidade (comunicações visuais que intervêm diretamente na nossa percepção e construção imagética de cidade), e a própria renovação do espaço urbano.

Assim sendo, unindo a questão da construção androcêntrica da cidade, o recorte de gênero e o design como processo, pensou-se em explorar o imaginário de mulheres sobre a cidade. Ora, se um dos pontos é o pouco protagonismo feminino devido a uma lógica patriarcal dominante que é histórica, nada mais justo do que trazer à tona essa questão e trabalhar com mulheres na construção do que seria uma “Cidade Inteligente” inclusiva, que facilitasse suas vivências.

Portanto, feita a explanação da problemática, o problema se materializa da

---

<sup>10</sup> DUNNE, Anthony; RABY, Fiona, *Speculative everything: design, fiction, and social dreaming*, Cambridge, Massachusetts ; London: The MIT Press, 2013.

seguinte forma: **A cidade obedece a uma lógica de estruturação que não é inclusiva e atenta às diversidades, fazendo com que mulheres não usufruam plenamente da vida urbana.** O design pode reforçar simbolismos e discursos, então pensar o design observando marcadores sociais como, por exemplo, o gênero, gera a possibilidade de ações mais inclusivas.

## **1.2. Questão norteadora**

Como as mulheres moradoras do Rio de Janeiro percebem e desejam um Rio de Janeiro preferível, que acolha as suas vivências, necessidades e desejos?

## **1.3. Objetivos geral e específicos**

### **1.3.1. Objetivo geral**

Identificar possíveis atributos, sob a ótica de mulheres moradoras do Rio de Janeiro, de uma cidade inteligente e inclusiva que acolha as suas vivências, necessidades e desejos.

### **1.3.2. Objetivos específicos**

- Investigar os conceitos e significados de design especulativo;
- Investigar os conceitos e possíveis entendimentos das expressões “Cidades Inteligentes”, “*Smart Cities*”, com uma breve revisão de literatura;
- Identificar a visão de mulheres moradoras do Rio de Janeiro sobre uma cidade que contemple suas vivências; a partir de entrevistas qualitativas;
- Consolidar os relatos das mulheres entrevistadas e compreender quais seriam os atributos essenciais para uma cidade inclusiva para mulheres, a partir de suas percepções;

#### **1.4. Objeto da pesquisa**

O imaginário de mulheres diversas sobre um Rio de Janeiro inteligente e inclusivo, se elas se sentem ou não pertencentes e com qualidade de vida nesse contexto.

#### **1.5. Relevância da pesquisa**

Atualmente, especialmente com o Covid-19, diversos questionamentos sobre o futuro se intensificaram. A pandemia trouxe diversas incertezas não só quanto à área da saúde, mas também à própria dinâmica de existir e ocupar a cidade. Pensar a cidade, os espaços e as nossas relações com lugares, demonstra-se, portanto, atualíssimo.

E pensar a cidade a partir de uma perspectiva de gênero observa-se fundamental, de acordo com todos os motivos expostos na problemática. Isso porque, ainda não é um tema amplamente pacificado, ou seja, o protagonismo feminino ainda é uma questão relevante quando pensamos na construção de uma sociedade igualitária e que respeita as pessoas na medida das suas desigualdades<sup>11</sup>.

Além disso, dentro do próprio Campo do Design, faz-se necessário esse tipo de debate e abordagem, visto que o próprio design é processo facilitador e transformador de questões sociais. Portanto, entender o design em uma perspectiva social é extremamente relevante. Trata-se de explorar uma temática que ajuda na construção de uma sociedade menos desigual e excludente.

Falar de lugares e de cidade, é falar de pertencimento. E todos nós queremos pertencer de alguma forma. Se o design, através de seus processos, consegue criar sentimentos de pertença, isso precisa ser explorado de forma a dar possibilidades para aqueles que são vulnerabilizados socialmente, para que esses grupos se sintam incluídos e respeitados.

Por fim, gostaria de deixar registrada uma motivação pessoal em abordar o recorte de gênero, pois além de trabalhar majoritariamente com mulheres, vivencio todos os dias a vida no Rio de Janeiro como mulher. Dessa forma, esse tema é

---

<sup>11</sup> Entendimento pautado no conceito de Igualdade defendido pelo ordenamento jurídico brasileiro e a Constituição Federal em seu art. 5º.

próximo porque entendo diversos dos aspectos que envolvem ser mulher em uma cidade hostil, em que mulheres são invisíveis exceto enquanto corpo visto como público.

Assim sendo, é um chamado para que as mulheres se apropriem da cidade onde vivem.

## **1.6. Estrutura do trabalho**

A presente dissertação estará estruturada em 4 capítulos. Na primeira parte o trabalho se inicia com a introdução da pesquisa que contém a contextualização do tema, em seguida problema, objetivos, metodologia e justificativa.

Nesta primeira parte do trabalho foram utilizadas autoras feministas, dentre elas filósofas e historiadoras, que elaboram teorias feministas e/ou que pensam gênero como categoria de análise. Como exemplo temos Donna Haraway, Kimberlé Crenshaw, Teresa De Laurentis, Margareth Rago e Joan Scott.

No **capítulo Cidades Inteligentes**, traçaremos breves considerações sobre cidades inteligentes, seus conceitos, autores e narrativas predominantes e sobre a relação do design com o pensar cidades. O objetivo neste capítulo é trazer uma análise crítica a essas conceituações, e questionar o modelo de cidade androcêntrica e a falta de debates de gênero dentro da temática das “cidades inteligentes”.

Os autores utilizados para este capítulo são: Artur Simões Rozestraten e Gabriel Figueiredo Poli, integrantes do grupo de pesquisa sobre cidades inteligentes da USP, bem como os autores Manuel Fernández González, Evgeny Morozov e Francesca Bria.

No **capítulo Design e Gênero – Oportunidades de pesquisa**, traçaremos conexões entre design e gênero, focando em mulheres. Ressaltamos a importância de pensar gênero no campo e no ensino do Design. Para isso recorreremos a algumas autoras como Cheryl Buckley, Giselle Safar e Maria Regina Dias, bell hooks e o autor Adrian Forty e pesquisador Rafael Efrem.

Neste segundo capítulo o objetivo é refletir sobre a necessidade de se pensar um design capaz de compreender a diversidade dos mundos que ajuda a moldar, e como o próprio design é utilizado como uma ferramenta para reforçar símbolos e determinados discursos de estereótipos. Assim sendo, falar de design, gênero e

mulheres é urgente.

Além disso, falaremos sobre o design especulativo como potencial crítico para discutir problemáticas e fomentar diálogos. Trata-se de compreender o design também como potencial verdadeiramente especulativo, que permite o livre imaginar e a dimensão do sonho.

Neste capítulo, design especulativo e feminismos se conectam enquanto práticas vanguardistas que propõe pensar outros mundos e possibilidades. De acordo com a autora Márcia Tiburi, as práticas feministas são essencialmente futuristas e utópicas em seu melhor sentido:

Em nome de nossas antepassadas, diretas ou não, nos tornamos feministas porque houveram mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns, pessoas que se tornaram exemplos, mulheres a quem devemos o nosso lugar. **Estamos unidas às feministas do passado e, desse modo, às do futuro.** A filósofa medieval Christine de Pizan no século XV falava para as mulheres do futuro, imaginando um mundo melhor para elas, que sempre foram vítimas de preconceito e misoginia. **Christine nos faz pensar que o feminismo é, há muito tempo, uma utopia.** (Tiburi, 2018, grifos nossos).

Para falar de design especulativo partiremos da obra “*Speculative Everything*” Anthony Dunne e Fiona Raby (2016). Haverá uma breve revisão de literatura acerca das definições de design especulativo, chamado também de “design crítico” ou “*design fiction*”.

No **Resultados das Entrevistas** analisaremos as entrevistas em profundidade feitas com mulheres diversas, residentes do município do Rio de Janeiro, além de analisar o questionário online, para compreender o imaginário dessas mulheres sobre o lugar em que vivem.

Por fim, o último capítulo **Considerações Finais** tratará da conclusão do trabalho.



## 2. Cidades Inteligentes

### 2.1. Cidades: problemas complexos

Diante de crises globais das mais variadas, as cidades e os seus habitantes se deparam com desafios cada vez mais complexos. Alguns desses problemas se relacionam diretamente com o aprender a lidar com as severas consequências das mudanças climáticas e da crise ambiental. Paralelo e complementar a isso, existem também as questões sociais relativas à garantia de direitos fundamentais como o direito à moradia, saneamento básico, segurança, dentre outras pautas defendidas por movimentos e organizações sociais.

Projeções das Nações Unidas para as cidades em 2050 estimam um aumento da população global para 9 bilhões de pessoas, com 70% da população mundial vivendo em áreas urbanas (ONU NEWS, 2019). O aumento da densidade demográfica trazido pela rápida urbanização é apenas um dos problemas a ser enfrentado desde agora pelas cidades.

Uma das questões abordadas neste trabalho é que os problemas das cidades na contemporaneidade são problemas chamados de “*wicked problems*”, que podem ser traduzidos como “traíçoeiros”, “capciosos”, “ardilosos”. Para o desafio de tentar compreendê-los é preciso conhecer os contextos desses problemas levando em consideração não só a história social dos espaços nas cidades, mas também os atores (pessoas, instituições, natureza) que se entrelaçam e formam a dimensão viva das cidades.

Para os autores Hornst Rittel e Melvin Webber, um *wicked problem* é aquele que é difícil dimensionar e compreender a sua causa e origem. De acordo com os autores, são problemas que surgem em sociedades plurais e repletas de aspectos complexos e, por isso, exigem uma tentativa de resolução coletiva, envolvendo inúmeras ações e múltiplos interesses. Para Rittel e Webber, diferentemente dos problemas “domados”, ou seja, aqueles cujo paradigma já foi estabelecido, os problemas capciosos não podem ser definidos totalmente. (Rittel & Webber, 1973)

Outro ponto relevante para caracterizar esse tipo de problema é que, por não ser possível defini-los completamente, sua solução também não é definida pontualmente. Nesse sentido, a busca por soluções nunca termina, podendo sempre ser aprimorada e modificada. (Rittel & Webber, 1973)

As consequências desse tipo de problema são difíceis de avaliar, não é possível testar plenamente a eficácia da solução, pois ela envolve resultados inesperados e que se modificam ao longo do tempo. Como são problemas cujas consequências não podem ser desfeitas, não é possível, neste caso, o desenvolvimento por tentativa e erro, já que não se pode voltar atrás após a implementação da solução.

Outra característica apontada por Rittel e Webber reside no fato de que esses problemas são únicos. Para eles, o fator de singularidade significa que, apesar das longas listas de semelhanças entre um problema atual e um anterior, sempre pode haver uma propriedade distintiva adicional de grande importância. Parte da arte de lidar com problemas ardilosos é a arte de não saber muito cedo que tipo de solução aplicar.

Para melhor compreender como são esses problemas, os autores formularam dez enunciados que os caracterizam.

1. Um <i>wicked problem</i> não tem formulação definitiva;
2. Problemas capciosos não têm soluções finais, há sempre algo a ser aprimorado ou explorado;
3. Soluções para problemas capciosos não são verdadeiras ou falsas, mas boas ou más;
4. Não há nenhum teste imediato e definitivo de uma solução para um <i>wicked problem</i> ;
5. Cada solução para um problema capcioso é uma "operação de um só golpe"; porque não há oportunidade de aprender por tentativa e erro, cada tentativa conta significativamente;
6. Problemas perversos não têm um conjunto enumerável (ou ao mesmo tempo exaustivamente descritível), nem há um conjunto bem descrito de operações permitidas que podem ser incorporadas ao planejamento;
7. Cada <i>wicked problem</i> é essencialmente único;
8. Todo <i>wicked problem</i> pode ser considerado sintoma de outro problema;
9. A existência de uma discrepância que representa um problema capcioso pode ser explicada de várias maneiras. A escolha da explicação determina a natureza da resolução do problema;
10. O planejador/aquele que se propõe a pensar no problema e buscar soluções não tem o direito de errar, pois não há retorno com as consequências.

**Tabela 1** - 10 características de um wicked problem. Fonte: Adaptado e traduzido de Rittel & Webber, 1973.

Pensando em cidades, e fazendo um paralelo com os pontos descritos acima

é possível encontrar equivalências, pois como já mencionado no início deste tópico os espaços urbanos tem sido palco para problemáticas cada vez mais difíceis de compreender em sua totalidade (crise ambiental sem precedentes, gentrificação climática, racismo ambiental, opressão a grupos vulnerabilizados).

A partir das considerações feitas acima, surge o interesse em pensar sobre a “Cidade Inteligente” cujas narrativas predominantes na literatura, acerca do uso de tecnologias como fator central para a melhoria da vida urbana, apontam para uma cidade capaz de solucionar os problemas mais arduos. A pergunta que resta então é: a cidade inteligente daria conta de resolver os *wicked problems*? Antes de prosseguir nesta discussão é necessário buscar compreender o que é uma cidade inteligente, ponto a ser discutido abaixo.

## **2.2. Conceito de Cidade Inteligente**

Neste tópico serão discutidos os conceitos relativos ao termo “Cidades Inteligentes” e suas variações, com base na pesquisa bibliográfica sobre o tema. Esse é um aspecto importante do presente trabalho, pois é a partir do entendimento desses significados que também se constroem as reflexões e as críticas em relação a temática proposta.

Inicialmente, para fins de um melhor entendimento sobre o que será discutido preliminarmente neste tópico, é importante ressaltar que a expressão “Cidade Inteligente” é comumente traduzida e utilizada como sinônimo de “*smart city*”, ainda que esta não seja uma tradução com equivalência exata.

Este é um ponto questionado pelo professor e pesquisador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Artur Simões Rozestraten (Rozestraten *et al.*, 2016), que encontra similaridade com a noção de *Smart city* trabalhada pelos autores Evgeny Morozov e Francesca Bria (Morozov & Bria, 2019), citados ao longo deste trabalho.

A relevância de trazer à tona esta discussão, como mencionado anteriormente, se dá pela necessidade de tentar compreender o que seria uma cidade considerada inteligente (ou *smart*), a partir de quem, e quais são as implicações desta classificação.

Embora a expressão “Cidade Inteligente” seja amplamente utilizada em

pesquisas, artigos e produções acadêmicas referentes ao tema, ainda não há um consenso e uma definição comum na literatura quanto ao seu significado (Townsend, 2013; Caragliu *et al.*, 2011; Cocchia, 2014, Griffinger *et al.*, 2007).

Há, portanto, uma precariedade apontada pela literatura crítica (González, 2016; Hollands, 2015; Vanolo, 2014) quanto ao termo que apresenta característica vaga e é utilizado de maneira subjetiva por aqueles que desejam elaborar narrativas das mais diversas em relação a essa cidade inteligente:

Não existe uma definição universalmente aceita de uma cidade inteligente. Isso significa coisas diferentes para pessoas diferentes [...] dependendo do nível de desenvolvimento, vontade de mudar e reformar, os recursos e as aspirações dos moradores da cidade. Uma cidade inteligente teria uma conotação diferente na Índia do que, digamos, na Europa. Mesmo na Índia, não há uma maneira de definir uma cidade inteligente.” (International, 2017, p.6)

Sobre o jogo de narrativas acerca das definições de uma cidade inteligente, Vanolo alerta para o seguinte ponto: aqueles que criam a narrativa do discurso acabam também selecionando o que de fato é um problema urbano que merece atenção e investimento, assim como as supostas soluções mais adequadas. Nas palavras do autor, o termo cidade inteligente é basicamente um slogan evocativo sem um núcleo conceitual bem definido e, nesse sentido, os defensores da cidade inteligente têm permissão para usar o termo de maneiras que apoiem suas próprias agendas. (Vanolo, 2014, p.884)

Além disso, observa-se que também não há unidade quanto aos critérios de avaliação encontrados em índices/*rankings* que caracterizariam essas cidades consideradas inteligentes e o seu “grau de inteligência”. Há nesse sentido uma fragilidade nesse aspecto, já que uma mesma cidade pode possuir diferentes *rankings* a depender da instituição ou da empresa que os elabora. Assim sendo, trata-se, de certa forma, de uma disputa de narrativas, seja para fomentar a competitividade entre cidades, seja para atrair investimentos.

Esses índices que servem para avaliar uma cidade são compostos por indicadores quantitativos e qualitativos dos mais variados, perpassando por categorias como: governança, segurança pública, saúde pública, mobilidade urbana, educação, lazer, cultura e sustentabilidade, por exemplo:

Indicador:	O que é avaliado:
Saúde e Segurança	- O saneamento básico atende às necessidades das áreas mais pobres

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os serviços de reciclagem são satisfatórios</li> <li>- A segurança pública não é um problema</li> <li>- A poluição do ar não é um problema</li> <li>- Encontrar moradia com aluguel igual a 30% ou menos do salário mensal não é um problema</li> </ul>
Mobilidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O congestionamento do trânsito não é um problema</li> <li>- O transporte público é satisfatório</li> </ul>
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaços verdes são satisfatórios</li> <li>- As atividades culturais (shows, bares e museus) são satisfatórias</li> </ul>
Oportunidades (Trabalho e Escola)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os serviços de busca de emprego estão prontamente disponíveis</li> <li>- A maioria das crianças tem acesso a uma boa escola</li> <li>- Oportunidades de aprendizagem ao longo da vida são fornecidas por instituições locais</li> <li>- As empresas estão criando novos empregos.</li> <li>- Minorias se sentem bem-vindas</li> </ul>
Governança	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As informações sobre as decisões do governo local são facilmente acessíveis</li> <li>- A corrupção de funcionários municipais não é motivo de preocupação</li> <li>- Os residentes contribuem para a tomada de decisões do governo local</li> <li>- Os residentes fornecem feedback sobre os projetos do governo local</li> </ul>

**Tabela 2** - Índice Smart City Index, adaptado e traduzido. Fonte: IMD, 2020.

A tabela acima representa um *ranking* criado pela *Singapore University of Technology and Design* (SUTD) sobre a cidade do Rio de Janeiro, cuja ideia é produzir um índice de “*smart cities*” que ofereça um foco equilibrado nos aspectos econômicos e tecnológicos das cidades inteligentes, por um lado, e nas “dimensões humanas” das cidades inteligentes (qualidade de vida, meio ambiente, inclusão), por outro. No entanto, no relatório disponível no site, nenhum destes aspectos é aprofundado, assim como o que significaria exatamente a cidade do Rio de Janeiro ser classificada como “C”, ocupando a posição 102 da lista.

Os índices elaborados por universidades, empresas privadas, agências de riscos acabam sendo uma tentativa de classificar esses lugares e apontar parâmetros que ajudariam na compreensão de um conjunto de características dessa cidade inteligente, além de monitorar o seu desenvolvimento e atrair investimentos por parte de governos e empresas privadas.

Todos esses fatores como o ato de nomear e classificar a cidade em um tipo, a existência de indicadores e as pesquisas sobre esse assunto contribuem para uma

compreensão imagética e conceitual de uma cidade considerada “inteligente”. É importante destacar que não se trata mera rotulação, mas sim a tentativa de compreender um fenômeno que envolve o pensar as cidades na contemporaneidade.

Outro ponto relevante é a percepção que, ainda que não haja um entendimento único quanto ao conceito de cidade inteligente, a ideia da tecnologia (especialmente as digitais, as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs e a Internet das Coisas - IoT) como fator central no desenvolvimento dessa cidade, é aspecto pontuado com frequência em diversas produções acadêmicas. Esse é um ponto que traz atenção, pois é possível observar a necessidade de uma reflexão crítica acerca do protagonismo das tecnologias em detrimento de questões sociais. Observa-se que, por vezes, o desejo por uma inovação tecnológica por si só é descolado da análise de contextos sociais e históricos na cidade (González, 2016).

Para exemplificar as diversas conceituações sobre a definição de uma cidade inteligente foi elaborada a seguinte tabela, também com o intuito de mapear quais autores abordam o tema:

Autor	Conceito	Ano
Hall	Uma cidade que monitora e integra as condições de todas as suas infraestruturas, incluindo estradas, pontes, túneis, ferrovias, metrô, aeroportos, portos, comunicações, água, energia, até mesmo grandes edifícios, e pode otimizar seus recursos, planejar suas atividades de manutenção preventiva e monitorar os aspectos de segurança enquanto maximiza os serviços aos seus cidadãos.	2000
Komninos	Cidades Inteligentes são territórios com alta capacidade de aprendizagem e inovação, criados a partir das ideias de sua população, de seus institutos de criação e de conhecimento, e sua infraestrutura digital para comunicação e gestão do conhecimento.	2006
Griffinger, et. al,	O termo <i>smart city</i> é usado para descrever uma cidade com uma indústria “inteligente”, implicando especialmente indústrias nos campos das tecnologias de informação e comunicação (TIC), bem como outras indústrias que utilizam as TICs em seus processos de produção. O termo cidade inteligente também é usado em relação à educação de seus habitantes, uma cidade inteligente tem, portanto, habitantes inteligentes.	2007
Caragliu, et. al	Uma cidade é inteligente quando investimentos em capital humano e social, transportes tradicionais e moderna infraestrutura de tecnologias de informação e comunicação alimentam um crescimento econômico sustentável e uma alta qualidade de vida, com uma gestão sábia dos recursos naturais, por meio de uma governança participativa.	2011
Zygiaris	A Cidade Inteligente é aquela que desenvolve habilidades intelectuais que endereçam vários aspectos tecnológicos e socioeconômicos inovadores de crescimento. Esses aspectos remetem à inteligência da cidade concebida como sustentável, referindo-se à infraestrutura urbana para a proteção do ambiente e redução das emissões de CO2. O termo ‘inteligente’, portanto, refere-	2013

	se à capacidade de produzir informações com valor agregado, em tempo real, a partir de sensores. Inovação e conhecimento têm base no capital humano criativo e experiente.	
Townsend	Uma cidade inteligente é um lugar em que as TICs são combinadas com arquitetura, infraestrutura, objetos do cotidiano e até mesmo os corpos humanos para tratar de problemas sociais, ambientais e econômicos	2014
Weiss	Cidade inteligente é aquela que realiza a implementação de tecnologias da informação e comunicação – TIC – de forma a transformar positivamente os padrões de organização, aprendizagem, gerenciamento da infraestrutura e prestação de serviços públicos, promovendo práticas de gestão urbana mais eficientes em benefício dos atores sociais, resguardadas suas vocações históricas e características culturais.	2016
Cunha et al.	A cidade inteligente é aquela que supera os desafios do passado e conquista o futuro, utilizando a tecnologia como meio para prestar de forma mais eficiente os serviços urbanos e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.	2016
Costa	Uma Cidade mais Humana, Inteligente e Sustentável (CHIS) pode ser definida como uma comunidade que promove sistematicamente o bem estar de todos os seus residentes.	2018

**Tabela 3** - Definições de Cidade Inteligente/Smart City. Fonte: Tabela criada pela autora a partir da pesquisa bibliográfica realizada neste trabalho.

Ainda que haja um forte protagonismo tecnológico nas definições e narrativas da cidade inteligente é preciso frisar que neste trabalho o foco ao pensar em cidades é a sua dimensão viva, especificamente a dimensão humana e social, a partir do olhar de mulheres que habitam a cidade com as suas diversas vivências. Para isso utilizaremos alguns autores que centram os seus estudos nas pessoas e as suas relações com a cidade, como Jahn Gehl (Gehl, 2010), David Sim (Sim 2019) e Jane Jacobs (Jacobs, 1961) por exemplo. Assim sendo, não se trata de uma produção que analisará profundamente indicadores ou outros aspectos mais práticos.

Por outro lado, parte deste trabalho é também reforçar a ideia de uma construção contínua de significado e entendimento. Não se trata, portanto, de citar definições e compreendê-las de maneira absoluta, como se fossem estáticas e não pudessem ser questionadas e/ou aprimoradas. Não faz parte deste trabalho pensar em uma lógica de dualidade “certo e errado”.

É preciso ressaltar também que o presente trabalho não tem a pretensão de tentar apresentar soluções finais para os diversos *wicked problems* que envolvem as cidades atualmente, mas sim estimular reflexões e o pensamento crítico. Trata-se de um trabalho que, por meio da pesquisa sobre o chamado Design Especulativo (*Speculative Design*) ou Design Crítico Especulativo, busca estimular a discussão

de pontos aqui levantados, projetando uma narrativa de futuro a ser construída no presente através de cenários especulativos.

Por fim, cabe fazer uma última observação sobre o conceito de “Cidade Inteligente”. Quando pensamos em “cidades Inteligentes”, além de perguntarmos “o que é ser inteligente?”, talvez, e mais importante, devêssemos perguntar “inteligente para quem?”, “para quem estamos olhando quando falamos em cidades e os seus espaços públicos e privados, seus recursos e serviços?”.

### 2.3.

#### **Cidades Inteligentes – uma abordagem crítica: do tecnocentrismo à dimensão humana**

De acordo com Stella Hiroki, em sua tese de doutorado intitulada: “Parâmetros para identificação dos estágios de desenvolvimento das cidades inteligentes no Brasil”, (Hiroki, 2018), a partir da década de 1980 o espaço urbano passou por significativas mudanças nos seus padrões de planejamento.

Nesse mesmo período, diversas empresas privadas passaram a identificar nas cidades um potencial de investimento. Hoje esse cenário não é completamente diferente, podemos facilmente localizar na internet, empresas e projetos<sup>12</sup> com o foco na construção das “*Smart Cities*”, termo este que também será melhor discutido no decorrer do capítulo.

Somado a esse cenário de interesse das iniciativas privadas pelas cidades, como forma de investimentos, ainda na década de 1980 tivemos o surgimento das chamadas “TICs” – Tecnologias da Informação e Comunicação e o início da utilização da internet, o que contribuiu para um imaginário de eficiência e o desejo por essa eficiência no espaço urbano (Hiroki, 2018).

Quando falamos sobre “Cidades Inteligentes”, a palavra “inteligente” denota uma ideia de otimização e praticidade de agir, pensar e planejar de maneira estratégica. Esse vocábulo remete a vontade de tornar a vida urbana mais fácil e

---

<sup>12</sup> Exemplos:

- A Smart City Mission. Disponível em: <http://smartcities.gov.in/content/>. Acesso em 3/10/2020;
- Smart City Laguna. Disponível em: [https://www.planetsmartcity.com.br/smart-city-laguna/lotes/invista-em-cidade-inteligente/?utm\\_medium=google-cpc&keyword=Google%20CPC&utm\\_campaign=Invista-em-cidade-inteligente/&gclid=CjwKCAjwoc\\_8BRAcEiwAzJevtbiUJdBdPchUSVAfgYt5REzRcf9NIibplMjKf4eyvWD3WmiElxrbeRoCDNEQAvD\\_BwE](https://www.planetsmartcity.com.br/smart-city-laguna/lotes/invista-em-cidade-inteligente/?utm_medium=google-cpc&keyword=Google%20CPC&utm_campaign=Invista-em-cidade-inteligente/&gclid=CjwKCAjwoc_8BRAcEiwAzJevtbiUJdBdPchUSVAfgYt5REzRcf9NIibplMjKf4eyvWD3WmiElxrbeRoCDNEQAvD_BwE). Acesso em 3/10/2020; e
- New Cities. Disponível em: <https://newcities.org/about/>. Acesso em 3/10/2020.



organizada, seja em termos de mobilidade urbana e deslocamento, seja em termos de moradia ou de acesso a espaços culturais, espaços de lazer e conexão com a natureza. No entanto, a partir de entendimentos que priorizam aspectos mais objetivos e práticos, é possível questionar se ser “inteligente”, ser “*smart*” necessariamente significa apenas uma busca por eficiência.

Cidade inteligente é sinônimo absoluto de “*smart city*”? Em português não se utiliza a tradução literal para o termo “*smart city*”, utiliza-se “cidade inteligente” como sinônimo, embora alguns autores reforcem a não equivalência exata entre eles.

As diferenças entre as duas expressões são fundamentais para reforçar o sentido simbólico adotado neste capítulo. Entender pontos de discordância também faz parte da construção de significados e nos permite compreender melhor questionamentos formulados.

Para os autores Francesca Bria e Evgeny Morozov, o termo “*smart*” é um substantivo predominantemente da era digital, e é utilizado frequentemente no mesmo sentido de “antenado”, “sagaz”, “engenhoso”, dentre outros. É possível argumentar que estas palavras não se distanciam tanto das representações da palavra “inteligente” (Morozov & Bria, 2019). No entanto, como já frisado ao longo deste trabalho, aqui utilizamos inteligente no sentido de valorizar em primeiro plano a dimensão humana da cidade, observando contextos histórico-sociais.

Em relação à palavra “*smart*” Morozov e Bria argumentam que, embora possa ter todas as conotações mencionadas acima, quando adicionada ao vocábulo “city” (cidade), ela apresenta a característica de trazer um tom corporativo e mercadológico, como estratégia de negócio, para o projeto a ser desenvolvido. De acordo com os autores, a genealogia do termo “*smart*” mostra que a sua origem está intrinsecamente ligada a reorientação de grandes empresas como a IBM, por exemplo. (Morozov & Bria, 2019, p. 25).

Os autores exemplificam argumentando que a IBM em uma busca por um “planeta inteligente”, ao criar estratégias voltadas para as necessidades de otimização tanto no setor público quanto privado, acabou esbarrando com o termo “*smart*” para classificar cidades e, com isso, popularizou a circulação do termo no meio *business*. Morozov e Bria destacam também que a IBM chegou a patentear o termo “*smarter cities*”, mas posteriormente acabou optando pelo uso do termo “*smart city*”. (Morozov & Bria, 2019, p. 26)

A partir desse entendimento, os autores criticam a construção de um urbanismo guiado por empresas privadas que pouco se conectam com os problemas reais de pessoas reais. (Morozov & Bria, 2019, p.17). Para os autores, não haveria um interesse real em colocar os cidadãos (e não as corporações) no centro dos processos de desenvolvimento das cidades. Neste sentido, de acordo com o pensamento dos autores, optou-se por não utilizar o termo “*smart city*” como maneira de categorizar, rotular e observar a construção da cidade focada na participação cidadã.

Dessa forma, permanecemos com a compreensão que a cidade é inteligente porque valoriza a sua dimensão humana e porque busca compreender os contextos sociais em que os diferentes habitantes estão inseridos, priorizando a tecnologia social frente à digital e os processos colaborativos de participação cidadã.

A partir das considerações trazidas ao longo do texto, questiona-se então o sentido de inteligente aliado à palavra cidade. O que é ser inteligente? Quem pode determinar? Além disso, mais importante do que questionar o que significa adjetivar uma cidade com uma característica humana, a pergunta-chave a ser feita é “inteligente para quem?”, quem está por trás desses planejamentos e das tomadas de decisão? E quem realmente se beneficia com isso?

Retomando a questão dos significados, para posteriormente aprofundar os questionamentos acima (e possivelmente trazer outros), o imaginário trazido pelo uso da palavra “inteligente”, devido às TICs, também nos remete a utilização de dados e a um forte fator tecnológico no desenvolvimento das cidades, como já mencionado no tópico anterior.

Reforçando essa visão, Townsend (2014) traz em sua definição de Cidades Inteligentes a importância das tecnologias da informação, mas de maneira instrumental, a serviço de outras áreas. Para o autor, uma cidade inteligente é um lugar em que as TICs são combinadas com arquitetura, infraestrutura, objetos do cotidiano e até mesmo os corpos humanos para tratar de problemas sociais, ambientais e econômicos. (Townsend, 2014, p.15).

Para outros autores como Menkhoff, embora a palavra tecnologia ganhe destaque quando pensamos em cidades inteligentes, o aspecto tecnológico não é o ponto principal e único. Para Menkhoff, uma cidade inteligente é uma área urbana que cria desenvolvimento econômico sustentável e alta qualidade de vida pela excelência em diversas áreas principais: meio ambiente, pessoas, vida e governo.

(Menkhoff, *et al.*, 2017).

Ainda pensando na questão tecnológica fortemente ligada aos ideais de uma cidade inteligente, Artur Simões Rozestraten observa que há uma tendência a uma interpretação “tecnocêntrica” quanto à integração da tecnologia digital no ambiente urbano. Para ele, as dimensões sociopolíticas são preteridas, tanto temporal como prioritariamente, ou seja, aparecem como um adendo posterior, em um segundo plano de prioridades (Rozestraten *et al.*, 2016).

Rozestraten além de apontar que a dimensão sociopolítica é pouco valorizada (ou não ganha destaque central) dentro da narrativa das cidades inteligentes, também menciona como a dimensão “poético-estética” é importante, mas que ainda é fracamente considerada. Para o autor, a cidade em sua urbanidade é essencialmente poético-estética.

De fato, algumas análises sobre cidades inteligentes sequer consideram aspectos que dialogam com subjetividades, focando primordialmente na utilização de dados, tecnologias e oferta de serviços como citado no início deste capítulo. A partir do levantamento realizado foi difícil encontrar uma prevalência de narrativas que destaquem os aspectos holísticos, sociais e humanos da cidade dentro do tema “Cidades Inteligentes”.

Para trazer outra visão, de certa forma oposta ao “tecnocentrismo” que parece por vezes descolado de contextos históricos e sociais, a obra do autor e arquiteto David Sim aborda o que ele chama de “*Soft City*” (Sim, 2019), em uma visão que muito se assemelha à do arquiteto Jahn Gehl em sua obra intitulada “Cidade para pessoas”, de 2010.

Para David Sim, a “*Soft City*” ou, em tradução livre, a “Cidade Suave” foca principalmente na qualidade de vida dos seus habitantes e em “suavizar” a dureza da vida diária. De acordo com o autor, da sua perspectiva cultural, o conceito de qualidade de vida está fortemente atrelado ao cuidado com as coisas rotineiras do dia a dia, além do melhor aproveitamento de recursos que são limitados. Isso encontra sintonia no conceito de “cidade cuidadora” (explorado na introdução desta dissertação), explorada por Valdivia (2018), em contraponto à uma cidade androcêntrica.

Para David Sim, as cidades enfrentam desafios cada vez mais complexos como: 1. violentas mudanças climáticas, desastres naturais cada vez mais frequentes e o esgotamento de recursos naturais; 2. A rápida urbanização e o aumento da

densidade demográfica nas cidades (ONU NEWS, 2019); 3. Por fim, o aumento de conflitos relativos a desigualdades sociais, violação de direitos e políticas segregacionistas.

De acordo com o autor, ao pensarmos em cidades e suas complexidades, devemos focar na dimensão humana sempre observando esses três fatores: densidade, diversidade e habitabilidade. E aqui diversidade entendemos também como uma cidade inclusiva e atenta às vidas de mulheres.

Para Sim, a vida em cidade trata-se sobretudo de relacionamentos: relacionamentos entre pessoas e o planeta, portanto humanos e não-humanos, relacionamentos entre pessoas e lugar, e relacionamentos entre pessoas. De acordo com ele, “*Soft City*” significa aproximar-se, conectar as pessoas umas às outras e a todos os aspectos da vida ao seu redor. (Sim, 2019, p.4)

Por fim, o autor encerra uma de suas reflexões com a seguinte colocação:

Talvez a *Soft City* possa ser considerada um contraponto ou mesmo um complemento para uma cidade “inteligente”. Em vez de buscar novas tecnologias complexas para resolver os desafios da crescente urbanização, podemos olhar para soluções simples, de pequena escala, de baixa tecnologia, de baixo custo, centradas no ser humano, que ajudam a tornar a vida urbana mais fácil, mais atraente, e mais confortável. Mais suave pode ser mais inteligente. (Tradução nossa).

A reflexão acima trazida por David Sim em seu livro “*Soft City – Building Density for Everyday Life*”, dialoga com o entendimento adotado neste capítulo. Trata-se de valorizar a dimensão viva da cidade, observando os contextos e as vivências diversas que coexistem em espaços compartilhados. No entanto, é preciso fazer uma ressalva. Embora o autor utilize o termo “*Soft City*” – “Cidade Suave”, por enquanto, para fins de construção de compreensão deste capítulo continuaremos utilizando o termo cidades inteligentes ou apenas “cidades”.

Isso ocorre por dois motivos principais. Primeiro, o que o autor descreve como proposta de pensar a cidade, ou seja, com o foco na dimensão humana, nas conexões, no senso de pertencimento e com a observância de fatores como diversidade, habitabilidade e densidade, não pode ser considerado “inteligente”?

Uma cidade é inteligente quando olha para a sua gente, para aqueles que nela existem e coexistem. Uma cidade é inteligente quando há a compreensão de que a sua construção não é “neutra” e igualitária para todos, mas que estimula o pensar em soluções para que todos tenham vidas dignas a partir da medida de suas

desigualdades<sup>13</sup>.

Ao mesmo tempo, é uma “Cidade Inteligente” aquela cujos processos estruturais, criativos, estratégicos e projetuais seguem metodologias chamadas de “*bottom up*” e engajam a participação das pessoas, considerando também processos históricos de (des)organização urbana e social.

A cidade é múltipla<sup>14</sup> e possui inúmeras particularidades tanto de territórios quanto sociais, a depender da classe, do gênero e da cor dos habitantes, por exemplo. Nesse sentido, o primeiro passo para se pensar uma cidade inteligente é reconhecer essas questões e pensar a sua construção a partir delas.

Além disso, é necessário fazer uma outra observação. Ao contrário do que possa parecer, ao adotar o entendimento do autor David Sim e autores que trazem visões críticas ao entendimento de “Cidade Inteligente”, não descartamos a importância do uso de tecnologias para promover melhorias na vida urbana.

O cuidado que se deve ter, no entanto, é para não reforçar narrativas que vendem soluções tecnológicas para problemas urbanos a partir de uma visão simplista e generalista. Da mesma forma, é preciso ter cuidado com a falsa impressão que a tecnologia é a solução para todo e qualquer tipo de problema (González, 2016). Nesse sentido, é importante ter em mente a complexidade dos problemas e pensar sobre eles. Nas palavras de González:

Outro dos elementos subjacentes na narrativa da cidade refere-se à suficiência tecnológica, um derivado do tecno-otimismo que protagoniza o ambiente em torno do atual fascínio tecnológico. Todas as soluções e as propostas de cidades inteligentes colocam serviços ou produtos tecnológicos como a resposta adequada aos problemas enfrentados pelas administrações locais: dificuldade na escalabilidade de seus serviços, aumentando os custos dos serviços público, perdas de eficiência em redes de infraestrutura, falta de interoperabilidade nos serviços, pressão para personalizar os serviços públicos e adaptá-los à demanda em tempo real, etc. (González, 2016, p. 50)

Outra observação feita na literatura crítica, é a atenção para que a utilização

<sup>13</sup> Princípio Constitucional da Igualdade. Igualdade formal e material. Art 5º, CF.

<sup>14</sup>“As cidades brasileiras sofrem de problemas sociais como, por exemplo, favelização, inacessibilidade, violência urbana e (i)mobilidade. Trata-se de problemas ainda incompreendidos e com inúmeros atores com valores e interesses conflitantes - e é improvável que a aplicação de um modelo a-histórico, genérico e universal resulte em qualquer melhoria significativa. Se muito, a aplicação de tal modelo, sem a adequada revisão da lógica por trás das políticas públicas, tornaria mais eficientes as políticas públicas ineficazes que já conhecemos. Corre-se risco, nesse aumento de eficiência, de agravar desigualdades e conflitos”. FIGUEIREDO, G. M. P.; ROZESTRATEN, A. S. Cidades inteligentes no contexto brasileiro: discurso e prática da "smart city" como forma de potencializar a democratização do espaço urbano e a redução da desigualdade social. Anais.. São Paulo: FAUUSP, 2016.

das tecnologias não seja de maneira meramente mercadológica, entrando em uma lógica consumerista que pouco observa contextos sociais. De acordo com o pesquisador Gabriel Figueiredo, as tecnologias têm potencial para abordar problemas ignorados por determinadas pautas políticas e, consequentemente, políticas públicas, desde que pensadas a partir de análises substanciais de contextos. (Rozestraten *et al.*, 2016)

Algumas dessas questões, por exemplo, são a falta da garantia de direitos fundamentais. Direitos como o acesso à moradia, ao saneamento básico, problemas como a violência urbana e as desigualdades de raça e gênero. Dessa forma, quando pensamos em “Cidades Inteligentes” através da dimensão humana, a tecnologia social é posta antes da tecnologia digital.

Nas palavras de Gabriel Figueiredo e Arthur Rozestraten:

A cidade inteligente deve reconhecer a multiplicidade de estilos de vida, de interesses, de potenciais e de problemas que se manifestam no seu território. Longe de ser uniforme, a cidade é muito heterogênea e é palco de numerosos e complexos conflitos. **Uma cidade inteligente se utiliza de tecnologia social, antes da digital**, para mediar esses conflitos e possibilitar a convergência de interesses da melhor maneira possível para a população, **visando o bem estar coletivo, a justiça social** e a realização plena do potencial dos cidadãos que nela habitam. (Rozestraten & Figueiredo, 2016)

Retomando o que foi pontuado anteriormente, em relação ao motivo da utilização da expressão “cidade inteligente”, ao longo deste trabalho, ao invés dos termos “*smart city*”, podemos prosseguir para a segunda consideração sobre isso. A opção por continuar a empregar estas palavras em conjunto também ocorre, até o momento presente de pesquisa, pela falta de um termo que traduza melhor todas as ideias que foram abordadas até aqui.

Desta maneira, por ser um termo que é adotado na academia e acaba sendo empregado em outras pesquisas e artigos, optou-se pela sua utilização neste presente trabalho. Entretanto, cabe aqui a reflexão que este é um processo contínuo de conhecimento e, por isso, deixaremos este caminho aberto.

Um ponto a ser ressaltado diante de tudo o que foi elaborado até aqui é que a construção da cidade não é neutra e universal. Para Zygiaris (2013), muitas das soluções relacionadas à criação de uma cidade inteligente são apresentadas de maneira universalista, como se pudessem ser replicadas e aplicadas em qualquer outra cidade, independentemente de suas características demográficas, sociais, estruturais e financeiras.

A imaginação tecnológica da cidade inteligente, devido a construções narrativas midiáticas (por empresas interessadas em implementar um modelo que impulse os seus negócios, por exemplo), acaba por desempenhar uma mensagem genérica e acrítica, descolada de contextos sociais. Essa mensagem genérica, por sua vez, projeta exemplos aparentemente globais e supostamente válidos em qualquer contexto como aspiração a ser seguida.

A cidade é múltipla, e as cidades brasileiras sofrem de problemas sociais como, por exemplo, favelização, inacessibilidade, violência urbana e (i)mobilidade. Trata-se de problemas ainda incompreendidos em sua integralidade e com inúmeros atores com valores e interesses conflitantes (Rozestraten & Figueiredo, 2016).

Para o pesquisador Gabriel Figueiredo, é improvável que a aplicação de um modelo genérico e universalista, que não considera aspectos históricos dos territórios, resulte em qualquer melhoria significativa. Para ele, a utilização de tal modelo, sem a adequada revisão das políticas públicas, tornaria mais eficientes políticas públicas ineficazes já conhecidas. Nesse sentido, neste trabalho busca-se frisar a importância de compreender a cidade a partir de quem nela vive, mais especificamente mulheres residentes do município do Rio de Janeiro (ponto que será tratado no capítulo 3), ressaltando que a lógica de construção universal para cidades é um mito, seja uma cidade considerada “inteligente”, ou não.

### 3. Design e Gênero – Oportunidades de Pesquisa

Este capítulo nasce a partir de algumas inquietações, observações e vivências pessoais em quase dois anos de pesquisa dentro da academia. Em um primeiro momento, houve a experiência do choque inicial por não encontrar nenhuma disciplina da pós-graduação — dentro e fora da PUC Rio — que estabelecesse diálogos entre relações de gênero (com foco em mulheres) e design ou até mesmo feminismo e design. Posteriormente, me deparei com algumas dificuldades em aprofundar estes debates, seja por resistência de docentes (veladas ou explícitas), ou por colocações como se este tema fosse tão complexo a ponto de ser quase impossível escrever sobre ele.

De fato, escrever sobre relações de gênero e design é algo complexo. Se decidirmos escrever sobre mulheres e design, também poderemos adicionar algum grau de dificuldade a isto. Primeiro, há o desafio de voltar à bases históricas e compreender historicamente onde estão as mulheres no design e quem são essas mulheres. São elas profissionais, acadêmicas, usuárias? Ou todas estas coisas juntas?

De acordo com o professor Rafael Efrem (2017) há o apagamento de mulheres, ou seja, falta representatividade profissional feminina nos registros bibliográficos da história do design<sup>15</sup>. Recorrer à história em uma era de *fake news* e desinformação parece cada vez mais uma ação de suma importância, principalmente porque observando o passado podemos compreender o presente e projetar um presente que respeite humanos e não-humanos em suas diversidades. Mas em se tratando exatamente sobre mulheres no design e relações de gênero, e portanto as suas faltas, a qual história iremos recorrer?

Hoje, mais do que nunca, é possível observar a importância da fala da filósofa Donna Haraway (2016), “importam quais histórias contam histórias” e, fazendo um paralelo com o que se propõe nesta dissertação, é possível dizer: “importa também

---

<sup>15</sup> A pesquisa do professor Rafael Efrem foca especificamente na história das mulheres designers gráficas. No entanto, ao longo do texto abordaremos autoras que abordam estudos de gênero e seu impacto na história do design de forma geral.



quem está nas histórias”. Nesse sentido, observa-se o quão essencial é trazer estas discussões de forma mais ativa e frequente para o campo do design.

Em segundo lugar, além da questão histórica mencionada acima, há certa resistência e/ou confusão dentro do próprio ambiente acadêmico quando se relaciona feminismo<sup>16</sup>, estudos de gênero e design a meras ideologias. Para as autoras Giselle Safar e Maria Regina Dias, no artigo “Estudos de gênero e seu impacto na história do design” (2016), há o risco de que ao abordarmos questões de gênero em design, esse movimento possa ser visto como algo que se reveste de algum caráter ideológico, ou até mesmo “panfletário”. No entanto, argumentam as autoras que abordar estas questões não só ajuda nas manifestações por igualdade de direitos e oportunidades, como também servem de estímulo para a mudança no próprio campo do design e suas produções.

Lembrando que por igualdade, para que não haja dúvida, temos como mote o princípio constitucional da igualdade, representado na Constituição Federal em seu artigo 5º e que pode ser traduzido da seguinte forma de acordo com o autor Nelson Nery Júnior (1999): “Dar tratamento isonômico às partes significa **tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades**” (grifos nossos).

Por compreendermos que não existe uma categoria de análise “mulheres” enquanto grupo homogêneo, esse princípio nos induz a observar as diferenças. Em verdade, trata-se de fazer uma leitura interseccional (Crenshaw, 2004), algumas mulheres estão em uma maior situação de vulnerabilidade social do que outras (especialmente mulheres negras, pobres, periféricas, mulheres trans<sup>17</sup>), a depender de outros fatores como classe social, raça, situação econômica e racismo ambiental, por exemplo.

Assim sendo, em projetos de design voltados para mulheres, é preciso que se observe de forma minuciosa quem são essas mulheres, o contexto em que se inserem, assim como realizar um trabalho de verdadeira escuta.

Atualmente os estudos de gênero formam um campo de saber muito rico, com

---

<sup>16</sup> Nesta dissertação utilizamos a palavra “feminismo” no singular de forma prática (para facilitar o entendimento nesta dissertação), fazendo uma alusão ao movimento feminista, e à epistemologia feminista. No entanto, reconhecemos que há muito o “feminismo” não é um movimento homogêneo, por isso reconhecemos também o termo “feminismos”.

<sup>17</sup>Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>. Acesso em 13/12/2021.

inúmeras publicações e reconhecidas autoras debatendo as mais diversas temáticas. No entanto, embora seja um campo com muitos avanços graças ao movimento feminista (Gonçalves, 2015<sup>18</sup>), a complexidade dos assuntos tratados faz com que seja uma área que ainda tem grandes demandas por pesquisas e reflexões. É um campo de saber que não é recente e que já foi amplamente explorado nas ciências sociais, mas que, ao mesmo tempo, está longe de ser considerado como concluído (Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia, 2016).

Quando pensamos em Design e gênero, não é diferente. Observa-se que ainda há a necessidade de um aprofundamento dessa relação no campo do design, apresentando inúmeras possibilidades e oportunidades de pesquisa. Pensar em debates sobre o gênero feminino na nossa sociedade, que é um dos focos desta dissertação, quando transportados para o campo do Design nos faz levantar algumas possíveis perguntas: novamente, onde estão as mulheres na história do design? Por que é importante pensar gênero no campo do Design?

Neste capítulo, a proposta é traçar estas discussões bem como trazer reflexões acerca delas, pois “refletir sobre design e gênero pode trazer benefícios para o design, numa época como a atual, de demanda por mudanças de paradigmas” (Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia, 2016).

Este capítulo foi dividido em quatro partes: a primeira, em que busco pensar historicamente a partir dos ensinamentos e questionamentos da autora Cheryl Buckley, uma das protagonistas dos estudos de gênero no design. Na segunda parte, assinalo a importância de discutir neutralidade no campo do Design, a urgência em se pensar o Design a partir de e com categorias de análise como gênero, raça e classe, por exemplo.

Posteriormente, falo especificamente sobre Design Especulativo e gênero. Já que o chamado “*Speculative Critical Design*” (SCD) se propõe a ser “verdadeiramente crítico” (Dunne, Raby, 2016) se faz necessário, então, observar se ele é alheio aos debates de gênero. Para isto, visto que esse é um assunto bastante específico, trarei autores que tem uma visão crítica em relação ao SCD e as minhas próprias reflexões sobre esse ponto.

Por fim, encerro este capítulo apontando “caminhos possíveis”, relato ações, pesquisas e experiências tanto do cenário Brasil, quanto alguns exemplos

---

<sup>18</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. História & Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

internacionais, que envolvem feminismo, design e cidade. Essa última parte serve para reforçar a importância em seguirmos discutindo gênero, design e cidades a partir de perspectivas feministas, além de demonstrar que esses debates precisam acontecer de forma constante e mais enérgica no campo do design brasileiro e já estão acontecendo em várias partes do mundo.

### 3.1.

#### **Pensar relações de gênero no campo do design – o design não pode mudar nada antes que mude a si próprio?**

Em 2018 a rede “*Swiss Design Network*”<sup>19</sup> propôs uma cúpula de pesquisa intitulada “*Beyond Change*”, ou “Além da Mudança” (tradução livre), com o objetivo de traçar diálogos sobre o papel do design em tempos de transformações globais. E mais do que isso, a rede convidou pesquisadores do campo do design a pensarem na seguinte provocação: “O design não pode mudar nada antes que mude a si próprio”<sup>20</sup> (tradução livre).

Parte dessa provocação vem de discursos atuais em pesquisas de design, estudos culturais, filosofia, antropologia e artes, em que reconhecem que estamos em uma era profundamente marcada pelos efeitos da atividade humana no planeta Terra – o chamado Antropoceno (Haraway, 2016).

De acordo com o *Swiss Design Network*, esses discursos têm sido usados para gerar reflexões acerca das consequências das ações humanas no clima, no meio ambiente, e nas próprias condições de sobrevivência futura. “Contra o pano de fundo da catástrofe em curso e da crise normalizada, a imagem dos designers como solucionadores de problemas e formadores da cultura material-visual é constantemente evocada”.

O trecho acima reforça a ideia do designer capaz de solucionar os mais complexos problemas, sejam quais forem. No entanto, diante desse cenário de um planeta Terra em crise, a pergunta a ser feita é, “*E se o design não for a solução, mas sim grande cúmplice dos problemas que pretende resolver?*”. A partir desta proposta de reflexão, somos levados a pensar como o design pode contribuir para

<sup>19</sup> Disponível em: <https://swissdesignnetwork.ch/en/conferences/beyond-change/>. Acesso em 10/01/2021.

<sup>20</sup> “Our conviction is: Design cannot change anything before it changes itself”. Trecho retirado do site Site: <https://swissdesignnetwork.ch/en/conferences/beyond-change/>. Acesso em 10/01/2021.

uma sociedade mais justa e igualitária.

Para nós, através das colocações desta dissertação, propor reflexões sobre a necessidade de uma conexão maior entre o design e categorias de análise como gênero, raça e classe (focando no gênero feminino neste trabalho), já é um importante primeiro passo para mudanças no design. Reflexões que ultrapassem projetos pontuais e que tomem conta de disciplinas dentro da academia e na vida prática.

Em verdade, para a autora bell hooks (1994) a teoria e a prática deveriam ocupar o mesmo lugar. Isso significa dizer que a ideia de teoria deve ser construída a partir da experiência prática, não distinguindo uma coisa da outra. Ação e reflexão são dimensões que se interligam intimamente, pois quando uma é sacrificada, ainda que em parte, a outra se ressentirá imediatamente. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (Freire, 1968).

Para bell hooks, se as realidades e experiências vividas fora da sala de aula não servirem de base para a construção teórica na academia, estas de nada valerão. E da mesma forma, a teorização ajuda a compreender o que está acontecendo ao redor e possibilita ao sujeito compreender seu próprio lugar no mundo. Para ela, reforçar a ideia de uma separação entre teoria e prática seria, portanto, negar “o poder da educação libertadora para a consciência crítica” (Hooks, 1994).

Bell hooks defende a produção teórica como prática social libertadora, e como ponto de cura para dores que surgem a partir das estruturas sociais de opressão. Nesse ponto, falar sobre design, mulheres e feminismo, pensando em uma construção de cidade que não nos invisibilize é também uma ação de cura e empoderamento em algum grau. E este processo só começa a ocorrer quando refletimos sobre isso, e o campo do design pode ser esse espaço-ponto de partida para a reflexão.

### **3.1.1.**

#### **Design e Mulheres, um problema histórico?**

Para refletirmos como o design pode pensar em relações de gênero e mulheres, assim como o *Swiss Design Network* fez, recorreremos à uma das autoras pioneiras a questionar os efeitos do patriarcado no design e sua hitoriografia: Cheryl Buckley.

Buckley em sua obra “*Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of*

*Women and Design*” (1986), tece algumas críticas à historiografia, bem como à teoria e à prática do design. Em primeiro lugar, a autora aponta como mulheres têm se envolvido com o design de várias maneiras - como profissionais, teóricas, consumidoras, historiadoras e como objetos de representação. No entanto, uma pesquisa bibliográfica da história, teoria e prática do design levariam alguém a acreditar no contrário.

De acordo com a autora, as intervenções das mulheres, tanto passadas como presentes, são consistentemente ignoradas<sup>21</sup>. Para Buckley, o raro reconhecimento chega a ser superficial e marginalizado, observando que esses silêncios não são acidentais e aleatórios; em vez disso, são a consequência direta de métodos historiográficos específicos e a própria estruturação da sociedade em bases patriarcais. Nesse sentido, o pensamento de Cheryl Buckley nos remete à própria Bauhaus:

Considere como exemplo o quase silêncio sobre o envolvimento das mulheres na Bauhaus. Embora as mulheres tenham sido treinadas e ensinadas na Bauhaus, a vasta literatura sobre o assunto faz pouca referência à sua presença. (Incluo aqui a versão atualizada de Gillian Naylor de seu primeiro livro sobre a Bauhaus.) Sabemos muito sobre Marcel Breuer, Walter Gropius, Laszló Moholy-Nagy, Johannes Itten e Wassily Kandinsky, mas o quanto sabemos sobre as suas parceiras de campo? (Buckley, Cheryl, 1986).

Inclusive, a própria autora revisita o seu texto de 1986 em 2018, reforçando que ainda há grande importância em debatermos estes tópicos. Em verdade, mesmo sendo um debate que se popularizou nos anos 80 no cenário acadêmico internacional devido ao movimento feminista, esse resgate no campo do design, além de recente, no Brasil ainda é bastante tímido (Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia, 2016).

As autoras Giselle Safar e Maria Regina Alves Correia (2016) apontam que outra razão que estimula a abordagem do tema é a possibilidade que surge com a atenção ao senso comum, essa percepção coletiva que é por vezes subestimada e

---

<sup>21</sup> Para exemplificar, a autora Cheryl Buckley cita os seguintes autores e suas respectivas obras: Nikolaus Pevsner, *Pioneers of Modern Design: De William Morris a Walter Gropius* (Londres: Penguin, 1975); Reyner Banham, *Teoria e Design na Primeira Era da Máquina* (Londres: Architectural Press, 1975); Fiona MacCarthy, *A History of British Design, 1830-1970* (Londres: George Allen and Unwin, 1979); Open University, *History of Architecture and Design 1890-1939* (Milton Keynes: Open University, 1975); John Heskett, *Industrial Design* (Londres: Thames and Hudson, 1980). Nesses livros básicos de história do design, duas ou três mulheres são mencionadas consistentemente. - BUCKLEY, Cheryl. *Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design*. Design Issues, Cambridge, v. 3, n. 2, 1986.

desconsiderada pela perspectiva científica. Embora a questão do gênero não esteja adequadamente abordada em pesquisas e artigos do design, pode ser encontrada de forma frequente como assunto de conversas e desabafos entre profissionais e acadêmicas, naturalmente em sua maior parte mulheres:

Inclusive, em seus escritos, historiadoras feministas desafiaram a centralidade dos indivíduos como agentes da história e o foco nas estruturas profissionais e modos de atividade (Buckley, 1986). Em vez disso, apontaram o trabalho doméstico e as atividades não profissionais como áreas cruciais da história das mulheres e localizaram informações alternativas, como fontes orais, para contrabalançar o grande peso da documentação "oficial". (Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia, 2016).

Por isso a importância de ouvir mulheres e compreender o que é dito e vivenciado no dia a dia, o que buscamos fazer através de entrevistas qualitativas em profundidade e pesquisa quantitativa, a ser explicado no Capítulo 3.

Além das omissões históricas de mulheres atuando tanto profissionalmente quanto academicamente no design, as poucas mulheres que fazem parte da literatura do design são consideradas dentro da estrutura do patriarcado (Buckley, 1986). Isso significa dizer que, historicamente, elas são definidas por seu gênero como designers ou usuárias de produtos femininos, em uma visão estereotipada ou são incluídas sob o nome de seu marido, companheiro, pai ou irmão.

Isso não é algo que deixou de existir nos dias de hoje:

As mulheres são consideradas como possuidoras de habilidades específicas, determinadas pelo sexo, o que, por sua vez, também determina suas habilidades de design; elas são aparentemente hábeis, decorativas e meticulosas. Essas habilidades significam que as mulheres são consideradas naturalmente adequadas para certas áreas de produção de design, a saber, as chamadas artes decorativas, incluindo trabalhos como joias, bordados, ilustração gráfica, tecelagem, tricô, cerâmica e costura. Colocar todas essas atividades juntas em uma mesma categoria é a própria noção de que elas são naturalmente femininas; os produtos de design resultantes são usados por mulheres ou produzidos por elas para cumprir tarefas essencialmente domésticas. Significativamente, os homens podem ser designers de roupas, têxteis ou cerâmica, mas primeiro as atividades de design precisam ser redefinidas. (Buckley, Cheryl, 1986) (tradução nossa)

Estereótipos se apresentam no imaginário social e o design dá corpo a eles. Por exemplo, a atribuição de significado às formas, materiais e cores utilizados no design de produtos demonstra sua contribuição para a reprodução das diferenças de gênero com as quais a cultura material trabalha (Rodrigues Talita Meier Marques; Portinari, Denise Berruezo, 2016). Para as autoras, esta é uma reprodução de estereótipos que acontece de maneira inconsciente, mas que acaba favorecendo a

manutenção de um sistema de diferenciação pautado em ideais que possuem origens socioculturais.

Adrian Forty (2007) em sua obra “Objetos de Desejo” destaca como o próprio design não é neutro, mas sim dotado de ideologias que servem para reforçar práticas sociais como sendo verdades inerentes aos todos os seres humanos, e não criações socioculturais. Para Forty (idem), o design reforça ideias de “masculinidade” e “feminilidade” que não se referem a diferenças biológicas, mas sim a construções sociais. O design pode potencializar a construção social dessas supostas diferenças, tendo a capacidade de moldar os mitos numa forma sólida, tangível e duradoura, de tal modo que parecem ser a própria realidade. O design reflete e corrobora crenças.

### 3.2. Design Especulativo e Gênero

O filósofo Villém Flusser, ele mesmo um imigrante, costumava lembrar que o termo especulação vem de espelho, ou seja, reflete a realidade mas também a inverte. Quem reflete deve reconhecer o mundo como um imenso conjunto de ficções, mas isso não significa que a realidade não existe. É o caráter ficcional dos modelos que informam a vida e nos tornam responsáveis pelas ficções cotidianas, incluindo as imagens que fazemos de nós mesmos e de “nossos outros”. (Greiner, Christine, 2008).

#### 3.2.1. Do que se trata o Design Especulativo?

O trecho acima reflete a tônica deste sub capítulo. Ao buscar compreender o que é o design especulativo, neste projeto - tal qual Flusser - observei uma realidade e desejei invertê-la. Qual realidade? A realidade em que projetos de cidade e até mesmo pesquisas sobre cidades inteligentes (Townsend, 2013; Caragliu et al., 2011; Cocchia, 2014, Griffinger et al., 2007) não exploram relações de gênero focando em mulheres e suas diversas necessidades. E como inverter isto? Falando diretamente com mulheres sobre a cidade que almejam, desejam, e sonham, trazendo-as para a reflexão, para a especulação. Além disso, discutir essa temática dentro do campo do design também faz parte dessa “inversão”.

O que fica evidente neste projeto, portanto, é que a provocação da inversão nasce de um desejo impulsionado pelo especular, proposta que foi levada para as mulheres entrevistadas quando perguntadas, por exemplo “se **hoje** você pudesse construir a cidade, o que você faria?”, ou ainda “qual é o seu **sonho**, como mulher,

para a cidade do Rio de Janeiro hoje?” – ponto que será melhor explorado no próximo capítulo.

Ao escrever o projeto desta dissertação observei de forma constante a correspondência entre “futuro” e “design”, na medida em que o design se relaciona com o projetar. Projetar, na forma imperativa da palavra nos leva a pensar em algo ainda a se formar, algo que tomará forma, algo portanto futuro.

Essa relação entre futuro e design, por vezes, se estreita com o chamado “Design Especulativo” na sua provocação em buscar “futuros preferíveis”. Para Anthony Dunne e Fiona Raby que são os precursores do termo cunhado no livro *Speculative Everything: Design, Fiction and Social Dreaming* (2013), o design especulativo fugiria da concepção de que o design existe necessariamente para solucionar problemas. Para os autores, o design especulativo estaria voltado para o ato de gerar reflexões, discussões e proposições de futuros, além de posicionar o designer como produtor de discursos, mais do que um produtor de materialidades – desviando de objetivos puramente mercadológicos que poderiam exigir postura de “neutralidade” (Barros, Camila; Machado, Lara Maria, 2019). Conforme o Manifesto A/B de Dunne e Raby (2013):



A - design "não especulativo"	B - design especulativo
Afirmativo	Crítico
Resolução de problemas	Busca de problemas
Prover respostas	Fazer perguntas
Design para produção	Design para debate
Design como solução	Design como meio
À serviço da indústria	À serviço da sociedade
Funções de ficção	Ficções funcionais
Como o mundo é	Como o mundo poderia ser
Muda o mundo para nos servir	Nós mudamos para servir ao mundo
Ficção Científica	Ficção Social
Futuros	Mundos paralelos
O real "real"	O real "irreal"
Narrativas de produção	Narrativas de consumo
Aplicações	Implicações
Diversão	Humor
Inovação	Provocação
Design de conceito	Design conceitual
Consumidor	Cidadão
Nos faz comprar	Nos faz pensar
Ergonomia	Retórica
Facilidade de uso	Ética
Processo	Autoria

**Figura 1** - Imagem adaptada e traduzida pela autora, baseada no Manifesto A/B do livro "Speculative Everything Design, Fiction and Social Dreaming", 2013, pg. vii.

De acordo com a tabela acima podemos observar que o chamado Design Especulativo foca em fazer perguntas e em trazer à tona problemas que talvez não estejam sendo vistos, ou não tenham a devida atenção. O autor Caio Vassão<sup>22</sup> (2010) defende pensamento similar:

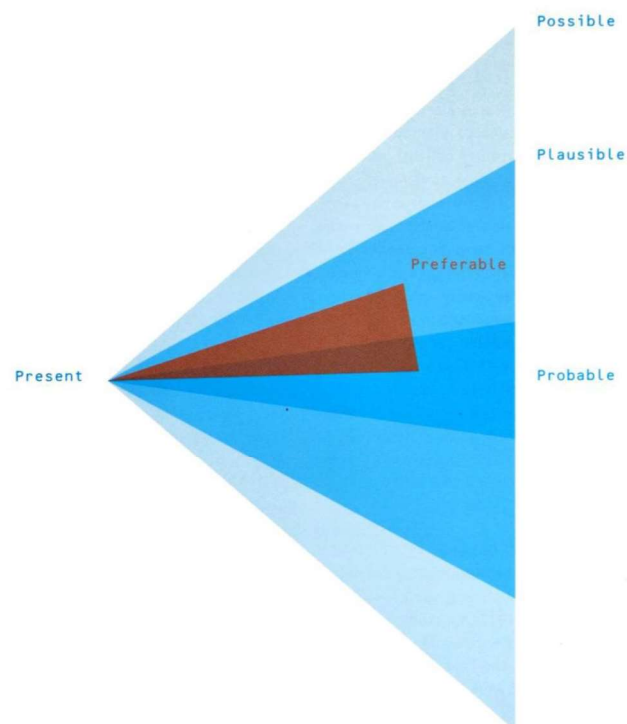
Muitos entendem a atividade de Design (projeto) como uma solução (resposta) para um problema (pergunta). À medida que se aceita a complexidade em sua inteireza, percebe-se como é frágil a certeza de uma resposta assertiva. Não seria melhor assumidamente "projetar perguntas" do que, concretamente, pouco têm de "definitivas". (Vassão, Caio Adorno, 2010)

Neste sentido, o designer seria um agente questionador e muito mais do que

<sup>22</sup> VASSÃO, Caio Adorno. Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade. São Paulo: Blucher, 2010

um facilitador, talvez um provocador. O autor Caio Vassão (2010), portanto, enfatiza o potencial questionador do Design, pois para ele nenhum projeto será completamente capaz de apresentar respostas fechadas e soluções infalíveis, indiscutíveis para problemas. Sendo assim, de acordo com o autor citado acima, o principal papel do design seria o de especular e fomentar discussões.

Além disso, um dos motivos de pesquisar sobre o Design Especulativo nesta dissertação é a sua ligação com o sonho e com as narrativas, que permitem imaginar futuros preferíveis.



**Figura 2** - “Cone dos futuros preferíveis” - imagem retirada do livro “Speculative Everything Design, Fiction and Social Dreaming”, 2013)

Na figura acima o cone cinza intercepta o cone “provável” e o “plausível”. Este é o cone de futuros preferíveis. No entanto, a ideia de preferível não é tão absoluta, pois o que significa preferível, para quem e quem decide? A quem é dada a liberdade para sonhar outros futuros e narrativas? E mais, quais vozes são efetivamente ouvidas, quem pode contar novas histórias? De acordo com Dunne e Raby (2013), atualmente, essas decisões são determinadas pelo governo e pela indústria, e embora tenhamos de desempenhar um papel como consumidores e eleitores, é um papel limitado. Ainda sobre o papel do Design Especulativo:

Esta é a parte que nos interessa. Não em tentar prever o futuro mas ao usar o design para abrir todos os tipos de possibilidades que podem ser discutidas, debatidas e

usadas para definir coletivamente um futuro preferível para um determinado grupo de pessoas: das empresas, às cidades, às sociedades. Os designers não devem definir futuros para todos os outros, mas trabalhar com especialistas, incluindo especialistas em ética, cientistas políticos, economistas e assim por diante, gerando futuros que atuam como catalisadores para o debate público e discussões sobre os tipos de futuros que as pessoas realmente querem. O design pode dar permissão aos especialistas para as imaginações fluírem livremente, dar expressão material aos insights gerados, fundamentar essas imaginações em situações cotidianas e fornecer plataformas para especulação colaborativa adicional. Acreditamos que especulando mais, em todos os níveis da sociedade, e explorando cenários alternativos, a realidade se tornará mais maleável e, embora o futuro não possa ser previsto, podemos ajudar a estabelecer hoje fatores que aumentarão a probabilidade de futuros mais desejáveis acontecendo. (Dunne, Raby, 2013, tradução nossa).

Em relação à visão de futuro expressa no livro *Speculative Everything Design, Fiction and Social Dreaming* de Anthony Dunne e Fiona Raby, talvez seja preciso atualizar essa visão devido às grandes crises globais (ambientais especialmente) que estamos vivenciando. O nosso amanhã enquanto espécie humana está cada vez mais incerto na era do Antropoceno, podendo não existir. Nesse sentido, trazemos a visão da autora Donna Haraway (2016) em sua obra “*Satying with the trouble*”, ainda sem tradução no Brasil.

Haraway nos ensina que é preciso “ficar com o problema” e nos mantermos no presente, presente este que é cada vez mais espesso<sup>23</sup>. “Ficar com o problema”, portanto, é reconhecer nossas limitações e buscar compreender o que é possível fazer em um mundo em desencanto, em que não é mais possível voltar atrás em relação ao que foi destruído pela ação humana. É preciso ficar no presente e compreender este presente para que a continuidade se mantenha. Nesse sentido, pensamos que o “futuro preferível” a que Dunne e Raby (2013) mencionam deve ser pensado e construído no tempo presente, no hoje. Ao construirmos o hoje renovamos o potencial de pensar o amanhã, e baseado no pensamento de Donna Haraway (2016) estruturamos perguntas para compreender o que mulheres moradoras do Rio de Janeiro desejam hoje para a cidade em que vivem.

### 3.2.2

#### **Especular é preciso: um design especulativo feminista?**

---

<sup>23</sup> Haraway (2016) faz referência a um presente “espesso” que parece se alargar cada vez mais. Isto porque com as incertezas de um amanhã, e com uma forte crítica a um “progresso a qualquer custo” que sempre aponta para o futuro, Haraway observa o tempo de maneira a caracterizar o presente como um tempo cada vez mais denso.

Ao longo deste capítulo trabalhamos a noção de que o design não é neutro, seja por reforçar ideais simbólicos (Forty, 1986) através dos seus produtos, seja pela própria figura do designer. Conforme Camila Barros e Lara Maria Machado (2019) em seu artigo “(Re)inventando futuros possíveis: Design crítico e especulativo:

Enquanto sujeito comunicante, o produto do trabalho do designer declara, simbolicamente, o seu estar no mundo, promovendo valores (culturais, políticos, ideológicos...), provocando reflexões e podendo transformar, ou seja, o design comunica e constrói discursos. (Barros, Camila; Machado, Lara Maria, 2019)

Partindo dessa premissa, e de que esta é uma dissertação voltada para sinalizar a importância de se pensar design, relações de gênero e práticas feministas, procuramos analisar o chamado design especulativo também por este ângulo. Além disso, embora haja controvérsia na literatura<sup>24</sup>, o design especulativo também é chamado de “*Speculative Critical Design*” (SCD) por Dunne e Raby, autores que cunharam o termo. Desta forma, buscamos compreender também se o design especulativo é de fato crítico e atento aos novos paradigmas do design, especialmente no “Sul Global” em que tem se falado sobre decolonizar o design.

Para iniciar esta análise acessamos o portal de periódicos da CAPES e pesquisamos o que havia sido escrito sobre o tema. Na busca, primeiro foram digitadas as expressões “design especulativo e gênero”, não encontrando nenhum resultado correspondente ao assunto. Em seguida devido à própria origem do termo foram utilizadas as seguintes expressões em inglês: “*Speculative design and gender*”, “*Feminist Speculative design*”, em dois momentos distintos.

Para a primeira expressão, “*Speculative design and gender*”, foram encontrados 18.639 resultados, mas sem nenhuma correspondência exata. Isso significa dizer que: os artigos encontrados na plataforma trabalham gênero e design

---

<sup>24</sup> O autor Francisco Laranjo (2017) em sua tese de doutorado, por exemplo, diferencia o termo “design especulativo” de “design crítico”. Para ele, o termo design crítico foi popularizado por Anthony Dunne e Fiona Raby, principalmente através da publicação do livro de Dunne, Contos Hertzianos (1999): “Quando Dunne e Raby apresentaram seu projeto United Micro Kingdoms (2013) na Design Museum (Londres), design crítico era um termo invariavelmente usado como com design especulativo (que seu livro *Speculative Everything* (2013) reforçou) e ficção de projeto. Como Dunne admitiu, o design fiction é o termo que mais prevalece nos EUA por meio de autores como Bruce Sterling, enquanto o design especulativo está mais presente na Europa. (...) A especulação e o uso da ficção no processo de design acabaram se tornando componentes do design crítico. No entanto, enquanto o design crítico pressupõe uma crítica, especulação e design ficcional são mais vagos em suas aspirações e, portanto, podem ser mais difíceis de explicar. Críticas ao tipo de design crítico que Dunne e Raby defendem era quase inexistente até 2013.” (Laranjo, Francisco, 2017). Nesta dissertação, no entanto, utilizaremos o termo “design especulativo” como sinônimo de “design crítico”, partindo do próprio uso dos autores Dunne e Raby (2013) na obra “*Speculative Everything*”.

de forma apartada. No tocante ao termo “*Speculative*”, quando associado à palavra “*gender*”, nos deparamos com artigos do campo da literatura, que analisam ficção especulativa, não apresentando relação com design.

Em relação à segunda expressão, “*feminist speculative design*”, foram encontrados 3.265 resultados, também sem correspondências exatas. No entanto, nesta segunda pesquisa, dois artigos nos chamaram a atenção por se aproximarem um pouco mais da temática. Um artigo denominado “*Feminist strategies for changing the story: re-imagining Arctic exploration narratives through (the staging of) photographs, travel writing and found objects*” (von Spreter, Stephanie, 2021); e o segundo intitulado “*A Speculative Feminist Approach to Project Management*” (Radzikowska, Milena *et al*, 2019)<sup>i</sup>.

O artigo escrito por Stephanie von Spreter (2021) trata do campo especulativo enquanto narrativa especulativa, fabulações especulativas, que mais se aproximam do campo da filosofia e das artes, tendo pouca relação direta com design. O que nos chama a atenção neste artigo, no entanto, é o foco na construção de narrativas com base nos ensinamentos de Haraway (2016), já que a autora busca re-imaginar narrativas fotográficas de explorações no Ártico, feitas majoritariamente por homens.

Nesse sentido, a proposta do artigo de Von Spreter (2021) se aproxima relativamente com a proposta desta dissertação, ao provocarmos mulheres a re-imaginem a cidade a partir das suas vivências e dos seus pontos de vista. E esta ação de re-imaginar narrativas colocando mulheres no centro é também uma prática feminista, uma estratégia feminista para visibilidade e para contar novas histórias capazes de questionar o *status quo*.

O segundo artigo “*A Speculative Feminist Approach to Project Management*” (Radzikowska, Milena *et al*, 2019) trata de uma abordagem especulativa e feminista no gerenciamento de projetos envolvendo a interação humano-computador. Embora seja um tema bastante específico e que não discuta as noções de design especulativo e as suas problemáticas especificamente, este artigo traz seis princípios a serem observados na prática de um design especulativo feminista em projetos sobre HCI (interações humano-computador) – mas que poderiam se expandir para qualquer outro:

1. Desafiar métodos, crenças, sistemas e processos existentes;
2. Concentrar-se em um futuro ideal acionável;

3. Procurar o que ficou invisível ou sub-representado;
4. Considerar o micro, meso e macro;
5. Privilegiar a transparência e a prestação de contas; e
6. Esperar e dar as boas-vindas a críticas rigorosas

Nesta dissertação, focamos especialmente nos pontos 1 e 3, ou seja, questionar, provocar reflexões, realizar comunicações e ouvir narrativas/pontos de vista sub-representados, em alguma medida, de mulheres em relação à cidade em que vivem. Da mesma forma que Milena Radzikowska *et al* (2019) atentam para a necessidade da integração de uma agenda feminista na pesquisa e prática de design de interação, nós reforçamos que isso se expanda para as demais áreas como algo inerente às práticas de design. Conforme as autoras:

Na última década, a HCI testemunhou um apelo para a integração de uma agenda feminista na pesquisa e prática do design de interação (Bardzell, “Feminist HCI”, 2010). Uma razão pode ser, como observado por Hooks (1997), que a teoria feminista é tradicionalmente caracterizada por sua interdisciplinaridade: “sua transgressão do assunto usual divide (por exemplo, literário, histórico, filosófico, psicológico, antropológico e sociológico) (...) Muller acrescenta que as ideias feministas nos ajudaram a “reorientar nosso pensamento de um conjunto de objetivos dado pela autoridade, para uma maneira mais polivocal de descrever necessidades e objetivos” (448). O termo polivocal refere-se à consideração de múltiplas perspectivas enquanto, especificamente, adicionando volume às diversas vozes que normalmente são silenciadas. (Radzikowska, Milena et al, 2019, tradução nossa).

Os dois artigos citados acima, resultados da pesquisa na plataforma de periódicos da CAPES, embora interessantes serviram principalmente para exemplificar que: não há vasta literatura nacional sobre design especulativo, gênero e feminismo. Ao contrário, são trabalhos pontuais aqueles que exploram um design especulativo feminista e que irão ter um olhar verdadeiramente crítico sobre o design e sobre o design especulativo.

Ainda durante a fase inicial de pesquisa para a dissertação, encontramos apenas um material que faz referência ao que se pretende discutir quando falamos de design especulativo. O artigo “*Privilege and Oppression: Towards a Feminist Speculative Design*” da autora Luiza Prado Martins (2014) discute a clara falta de teoria e práxis voltadas para questionar a opressão de gênero em se tratando de design especulativo.

Luiza Prado Martins (idem), em seu corajoso artigo, questiona o que é ser verdadeiramente crítico, apontando que o design especulativo tem falhado neste

ponto. Para ela, esta falha pode estar associada ao fato de o design especulativo ter sido, até agora, praticado e teorizado majoritariamente dentro do espaço privilegiado das universidades caras em países desenvolvidos. Ignorar questões de gênero, raça ou classe quando se olha de um lugar de privilégio não é algo incomum e o design especulativo ao tratar da busca de “futuros preferíveis” precisa observar estas questões:

Compreender o privilégio é essencial para construir um discurso teórico capaz de superar verdadeiramente a injustiça. O problema está em quão difícil é para os privilegiados compreenderem seu próprio privilégio, pois o privilégio existe justamente porque é invisível para aqueles que dele se beneficiam. (...) Esses privilégios funcionam silenciosamente em benefício daqueles que se encaixam nos padrões estreitos de uma sociedade excludente e em desvantagem daqueles que não. Quando o design crítico e especulativo ignora essas questões, ela cumpre a opressão e trabalha por um futuro de desigualdade. (Prado, Luiza, 2014, tradução nossa).

Dunne e Raby (2001) apontam que todo design é ideológico. Nesse sentido, então, que tipo de ideologia e narrativa nós, enquanto estudiosos do design, designers e profissionais da área, estamos propagando ao não relacionar o design às questões de gênero, raça e classe como se fosse um campo neutro (Prado, Luiza, 2014).

É possível observar, como já mencionado anteriormente ao longo deste trabalho, que o design pode ser uma ferramenta para a opressão, mas na mesma medida pode ser um potente e efetivo agente para a mudança social. É nesse sentido que procuramos pensar o design especulativo, mesmo com todas as relevantes críticas em relação ao campo.

Para nós o design especulativo pode nos ajudar a sonhar com um presente mais igualitário, imaginativo e criativo. De acordo com Dunne e Raby (2013), para encontrar inspiração para especular é preciso olhar além do design, observando os campos do cinema, literatura, ética, política e arte; explorar, hibridizar, emprestar e adotar as muitas ferramentas disponíveis para criar não apenas coisas, mas também ideias e principalmente narrativas de mundos fictícios, contos de advertência e cenários hipotéticos.

Baseado nas práticas de design especulativo nós partimos da radical pergunta “e se?” para estruturar um questionário e entrevistar mulheres. As informações detalhadas sobre as perguntas, a metodologia e o perfil das mulheres entrevistadas serão discutidas no capítulo 4.

Ao total obtivemos 56 respostas. Parte das respostas foi obtida através de

entrevistas qualitativas em profundidade (com 10 entrevistadas), de forma preliminar, e a outra decorrente da pesquisa online através de formulário. Uma das perguntas do questionário foi “e se você tivesse o poder de fazer o que quisesse com a cidade do Rio de Janeiro, o que você faria?”. Aqui valorizamos a percepção das mulheres entrevistadas e as que responderam ao questionário a partir de suas vivências, da sua rotina na cidade. Essa pergunta serviu também de preparo para a pergunta que daria origem ao “Mapa dos sonhos de mulheres para o Rio de Janeiro”. A partir da noção de que as elas poderiam fazer o que desejassem com o Rio de Janeiro, caso tivessem esse poder e visibilidade, finalmente perguntamos para elas “qual é o seu sonho hoje, enquanto mulher, para a cidade do Rio de Janeiro?”.

Ao realizar esta pergunta foi frisado que esse era um exercício de imaginação e que tudo aquilo que parecia improvável ou absurdo seria bem-vindo e sem julgamentos. Evitamos dar exemplos para não influenciar nas respostas, mas inspirados pela forte ligação do design especulativo com a ficção científica (como fonte para imaginar futuros), pedimos para que as entrevistadas se colocassem no papel de diretoras de filme de ficção, fantasia, ação, pois talvez assim facilitasse a capacidade de abstração.

As 56 respostas foram analisadas, agrupadas e compiladas conforme a similaridade nas respostas. Em verdade, muitos temas cotidianos se repetiram, deixando pouco espaço para um imaginário que poderia ser considerado mais “surreal” como, por exemplo, a existência de esteiras para mobilidade por toda a cidade. As respostas foram agrupadas em três áreas: 1) Imaginário – grupo em que apareceram as respostas que fogem do considerado real/normal e cotidiano; 2) Espaços – focando na relação com os espaços físicos; 3) Coletividade – grupo que foi chamado dessa forma por se tratar, majoritariamente, de noções de direitos coletivos e representatividades; 4) Segurança – o tema principal, com o maior número de respostas voltadas para esse tópico.

A partir da análise das respostas, algo que se evidencia é que a maior parte das mulheres entrevistadas está tão preocupada com a própria segurança que fica difícil imaginar outros mundos possíveis, para além do cotidiano de insegurança. O que seria um exercício de imaginação, se torna um exercício de confirmação dos problemas enfrentados e do desejo por “coisas simples”: poder caminhar sem medo, fazer exercícios ao ar livre de noite, usar a roupa que quiser, isso tudo sem receio de sofrer assédio e outras violências. Todos estes pontos denotam que mulheres não



experienciam de forma plena o seu direito à cidade (Imbelloni, Mariana, 2019), o seu direito de caminhabilidade, por exemplo.

Uma das frases que certamente me marcou enquanto pesquisadora foi a seguinte: *“fica muito difícil imaginar algo fantástico quando não se tem o básico, então acaba que o desejo pelo básico é a nossa maior ficção”*.

### 3.3.

#### **Caminhos Possíveis: Iniciativas que misturam design, feminismo e cidade.**

Nesta parte da pesquisa, fomos em parte inspirados por uma iniciativa do “*Massachusetts Institute of Technology*” – MIT que busca catalogar, arquivar, adicionar os registros de mulheres docentes, funcionárias, alunas e ex-alunas ao registro histórico coletando, preservando e compartilhando sua vida e trabalho com o MIT e o público global.

A iniciativa se chama “*The Women@MIT archival initiative*”, e é uma interessante forma de contornar o apagamento histórico sofrido por mulheres tanto em âmbito profissional quanto acadêmico. De acordo com o MIT, ampliar essa iniciativa, é inclusive um movimento para adquirir, preservar e tornar acessíveis os documentos de pessoas não-binárias e não-conformes de gênero no MIT, para ajudar a compartilhar suas histórias e contribuições<sup>25</sup>.

Esses esforços ocorrem com o intuito de que este projeto incentive mais mulheres e pessoas sub-representadas a se envolverem em ciência, tecnologia e engenharia, por exemplo. De acordo com o site do projeto, o primeiro ano do projeto teve como foco o contato com docentes que estavam encerrando a fase ativa de suas carreiras para a coleta de material. Atualmente, a primeira onda de coleções está sendo processada para prepará-las para pesquisadores, esforços futuros de planejamento de coleções estão em andamento.

Observamos que no design essa iniciativa de arquivar e catalogar obras de mulheres e/ou projetos voltados para mulheres seria uma forma interessante de criar registros históricos importantes. Essa “catalogação” é válida para evitar o apagamento de mulheres e para que estes assuntos estejam cada vez mais presentes em discussões no campo.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://libraries.mit.edu/distinctive-collections/women-at-mit/>. Acesso em 29/01/2022.

Assim sendo, resolvemos incluir esta seção na dissertação, apontando três projetos inspiracionais, como forma de incentivar um possível movimento futuro que envolva catalogar projetos, atividades e pesquisas que orbitem o tema “design, feminismo e cidades”. Além disso, criando mapas sabemos para onde ir e quais novos caminhos e discussões podem ser levantadas.

Os projetos selecionados obedeceram a três critérios: serem iniciativas de países distintos, um projeto que envolva diretamente o uso de tecnologia digital (para compreendermos como a tecnologia pode atuar em prol de questões de gênero), e projetos que estimulem ativamente a participação de mulheres, colocando-as como especialistas em relação às suas questões.

### 3.3.1

#### **Crowdmapping e Crowdsourcing: a tecnologia como ferramenta de co-design para meninas e mulheres na construção de uma cidade segura.**

Reconhecer como cidades podem engajar mulheres e meninas como codesigners para cidades sensíveis ao gênero é o ponto de partida do projeto “*Free To Be*”. O projeto é fruto de uma excelente iniciativa de um laboratório de design chamado “XYX Lab – Gender + Place”<sup>26</sup> na *Monash University* na Austrália, especializado em gênero e lugares em parceria com a instituição *Plan International Australia*. Esse laboratório tem inúmeros projetos focados especialmente em segurança e mobilidade para mulheres, além de mapeamento.

Ativo em outubro a dezembro de 2016, consiste em uma ferramenta de mapeamento co-projetada com mulheres jovens ativistas (de 15 a 25 anos) e que usa tecnologia de geolocalização para permitir que mulheres e meninas mostrem os espaços onde se sentem seguras (ou não). A ideia, portanto, era que meninas e mulheres mapeassem os pontos da cidade onde elas se sentiam seguras e bem-vindas, ou inseguras e indesejadas, compartilhando isso em rede para que mais mulheres tivessem acesso ao mapa.

Este projeto testa como o mapeamento coletivo pode expressar novos insights sobre o uso e a percepção dos locais. A ferramenta de mapeamento foi co-projetada com as usuárias de *Free to Be* em conexão com o Google Maps para criar um mapa ao vivo que envolve uma visão aérea da cidade criando uma intervenção

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.monash.edu/mada/research/labs/xyx> . Acesso em 21/07/2021.

atmosférica, fundamentada, em rede e global (Castells, 2015: 347). O principal significado da abordagem de mapeamento coletivo do *Free to Be* reside na possibilidade determinar o grau e a natureza da associação entre o ambiente construído e a perpetuação da violência por meio da constatação de espaços “seguros” e inseguros pelos usuários.

O mapa permitiu que mulheres e meninas marcassem esses lugares na cidade, com a opção de acompanhar o “*pin*” /alfinete de marcação no mapa com um pequeno depoimento para compartilhar suas experiências em relação a lugares específicos. Ao total foram 1.300 pins e 600 depoimentos documentando essas percepções de segurança.

O mapa testa como a tecnologia de *crowdsourcing* (pesquisa de multidões) pode expressar as experiências de mulheres e meninas com potencial para co-projetar soluções que possibilitem uma cidade segura e inclusiva. Usando técnicas de codificação e comunicação visual, as autoras analisaram e sintetizaram os dados do mapa em duas categorias: tendências e tensões. A ocorrência cotidiana de assédio e agressão sexual enfrentada por mulheres e meninas é o tema que se destaca do conjunto de dados, aspecto em comum com as entrevistas realizadas para a presente dissertação.

Usando os pontos mais populares de espaços inseguros e seguros, um método de estudo de caso de análise do local identifica o tipo de incidentes e as qualidades dos diferentes espaços. Uma análise mais específica examina então como a marca, a publicidade e a linguagem podem contribuir para experiências positivas ou negativas para mulheres e meninas. Como uma introdução às técnicas de co-design, este projeto também discute como contribuições valiosas de não-designers podem ser utilizadas para impactos significativos de design urbano que permitiriam que mulheres e meninas se sentissem incluídas e seguras em Melbourne.

Um aspecto interessante desse projeto é observar como o *crowdmapping* pode ser considerada uma ferramenta feminista, um método feminista para análise de dados. Iniciativas internacionais que abordam a violência contra mulheres em espaços urbanos têm utilizado métodos de geolocalização para coletar e compartilhar dados (Kalms, Nicole, et. al, 2017). O uso dessa tecnologia incentiva mulheres e meninas que sofreram ou temem a violência sexual, por exemplo, a divulgar o local, o contexto e os detalhes. Os dados gerados são denominados “*geossociais*” e são compostos por pontos que são criados e marcados para uma

localização geográfica precisa.

As pesquisas de mapeamento de multidões, quando disponíveis gratuitamente ao público, estendem o ativismo inovador nas mídias sociais e, quando usadas para aproveitar a colaboração feminina, fornecem uma importante lente feminista (Rabie<sup>27</sup>, Sara, 2013; Kalms, Nicole, 2017b<sup>28</sup>) para a igualdade.

O método de *crowdsourcing* também faz parte de um movimento de ativismo internacional – ou como Sara Rabie chama de “*crowd-feminism*” (2013) – que começou a documentar a violência sexual contra mulheres em espaços urbanos. Projetos como o brasileiro “Chega de Fiu Fiu”<sup>29</sup>, por exemplo, usam tecnologia inteligente de geolocalização. Mulheres e meninas que sofreram ou temem sofrer violência sexual são encorajadas por essas ferramentas a divulgar o local e o contexto de sua experiência de maneira informal e genuína, sem a pressão de julgamentos. “O benefício desse método é que, uma vez que “esses mundos internos se tornam públicos, o espaço urbano é reconfigurado” (Kelley, 2013, in Kalms, et.al, 2017).

A pesquisa de multidões e o mapeamento coletivo atuam tanto como uma campanha ativista quanto como um meio para ouvir percepções nunca compartilhadas e consideradas para a construção, organização e reestruturação dos espaços urbanos. O “*crowd-feminism*”, ou o mapeamento feminista de multidões, é capaz de traduzir vozes femininas e feministas com inúmeros pontos em comum, porém ainda diversas (Kalms, 2017b), além de possibilitar uma colaboração mais profunda entre *stakeholders*

Por fim, o projeto “Free To Be”, ao destacar espacialmente os mecanismos

---

<sup>27</sup> Rabie, Sara. (2013) Crowd-Feminism: Crowdmapping as a Tool for Activism. Masters Thesis, Goldsmiths University.

<sup>28</sup> Kalms, N. (2017b) Digital technology and the safety of women and girls in urban space: Personal safety Apps or crowd-sourced activism tools? in H. Frichot, C. Gabrielsson, and H. Runting (Eds) *Critiques* (London: Routledge).

<sup>29</sup> “A Chega de Fiu Fiu é uma campanha de combate ao assédio sexual em espaços públicos lançada pela Think Olga em 2013. No início, realizamos a mobilização nas redes sociais, onde o movimento ganhou força com a participação maciça de mulheres. Com a expertise adquirida na campanha, a Think Olga tornou-se uma voz importante contra o assédio no Brasil, estabelecendo parcerias para a criação de diversas iniciativas para o aumento da conscientização sobre o tema. Elaboramos um estudo online, para conhecer a opinião das mulheres sobre as cantadas de rua. Criamos também o mapa Chega de Fiu Fiu, que identifica o local onde ocorrem abusos, e o e-book Meu Corpo Não é Seu, um ensaio sobre violência contra a mulher. Desenvolvemos, em parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, a Cartilha sobre Assédio Sexual. Em 2018, lançamos o documentário Chega de Fiu Fiu, que mostra o cotidiano de assédio e discute se as cidades foram feitas para as mulheres.”

Disponível em <https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>. Acesso em: 13/12/2021.

de exclusão das mulheres, revela uma série de dificuldades - do aspecto econômico ao político, e do sutil ao abertamente violento - no espaço urbano que limitam o direito pleno à cidade. Essas percepções e experiências variadas de segurança para as mulheres influenciam profundamente a sua relação com a cidade, e é isso que é preciso compreendermos para a construção de uma cidade mais igualitária. Para todas essas compreensões e observações, um ponto chave: a escuta<sup>30</sup>.

### 3.3.2. Barcelona: Workshops pela cidade

“*Collectiu Punt 6*” ou “*Collective Point 6*” é uma cooperativa formada por arquitetas, sociólogas e urbanistas de diversas origens com mais de 10 anos de experiência local e internacional que fica em Barcelona. Aqui vale destacar que, após a realização desta presente pesquisa, é perceptível que o campo da arquitetura é de fato o campo em que se discute a cidade sob uma perspectiva feminista, um urbanismo feminista, o pensar a cidade sob perspectivas de gênero. No design, em contrapartida, este é um assunto que ainda está engatinhando.

Voltando à iniciativa apresentada aqui, a ideia do *Collectiu Punt 6* é propor pesquisas (inclusive com artigos publicados), realizar a facilitação de oficinas com mulheres, elaborar guias de ação e prestar consultorias sobre assuntos urbanos e gênero. O grupo leva esse nome em razão da chamada “*Law of Neighborhoods*”<sup>31</sup>, uma legislação que implementou medidas sociais e urbanas através do desenvolvimento de 8 pontos. O ponto 6 é aquele que inclui uma perspectiva de gênero no desenho dos espaços urbanos, por isso o nome do coletivo.

O coletivo defende o chamado “urbanismo feminista” (Borin e Meireles, 2019; Borin *et al*, 2020; Elorza, 2019; Valdivia, 2018; Alves, 2016) cuja premissa é a compreensão de que a cidade é considerada um espaço “neutro”, mas que se estrutura a partir dos valores patriarcais da sociedade e, portanto, essa estruturação precisa ser repensada. Frente a isso, o urbanismo feminista propõe colocar a vida das pessoas no centro das discussões e decisões de planejamento urbano, além de incorporar a diversidade de experiências das pessoas como ponto essencial de

<sup>30</sup> Disponível em: <https://theconversation.com/to-design-safer-parks-for-women-city-planners-must-listen-to-their-stories-98317> . Acesso em: 27/07/2021.

Disponível em: <https://www.monash.edu/mada/research/lighting-cities>. Acesso em 27/07/2021.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.punt6.org/en/who-are-we/> . Acesso em 20/12/2021.

qualquer processo e projeto urbanístico.

Um dos projetos que mais se destacam no *Collectiu Punt 6* é sobre trabalhadoras noturnas e a planificação urbana, examinando aspectos preponderantes nesta relação que são: o medo, a segurança e a mobilidade urbana (Ortiz, Sara, 2017).

Sara Escalante Ortiz autora do artigo “*The Night Side of the Everyday Life: A Feminist Analysis of Planning the Night*” (2017) e integrante do *Collectiu Punt 6* investiga a relação de mulheres com a noite e a vida pública:

Especificamente, as mulheres foram excluídas da vida noturna devido a seus corpos que foram socialmente definidos e controlados. A noite tem sido historicamente conceituada como um tempo e espaço perigoso e proibido para as mulheres (Wilson, 1991; Hooper, 1998). Consequentemente, as mulheres que transgridem esse imaginário e usam os espaços públicos à noite ainda são vistos como fora de lugar em muitos contextos. (Ortiz, Sara, 2017).

O trecho acima foi retirado de um artigo, e faz parte da pesquisa de doutorado da autora Sara Ortiz Escalante, que escreveu a sua tese na Universidade de British Columbia, e teve o apoio da Prefeitura de Barcelona na pesquisa. Ela iniciou uma pesquisa-ação participativa feminista, intitulada “*Mulheres transgredindo espaço e tempo: o cotidiano/cotidiano das trabalhadoras noturnas*” (tradução nossa) que resultou na criação de um guia, disponível no site<sup>32</sup>, chamado: “*Nocturnas. The everyday life of women nightshift workers in the Barcelona Metropolitan Area*”.

Neste guia temos acesso não só aos resultados da pesquisa, bem como à metodologia utilizada, servindo efetivamente de guia para iniciativas locais desde que devidamente adaptadas aos seus contextos. No guia observamos as seguintes etapas:

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.punt6.org/en/own-guides-col%c2%b7lectiu-punt-6/> acesso em 20/12/2021.



**Figura 3** - Imagem criada pela pesquisadora com base no guia “Nocturnas. The everyday life of women nightshift workers in the Barcelona Metropolitan Area”).

#### **Fase 1:** Promoção do senso de propriedade coletiva.

O projeto se inicia com a noção de que é um projeto de autoria coletiva, bem como a horizontalidade nas relações. Ou seja, ninguém sabe mais do que o outro, ou é mais “autor” ou *expert* do que o outro dentro do processo do projeto e isso é acordado entre todas as participantes. A fase 1 também é uma etapa em que são feitas entrevistas individuais, com cerca de 1h de duração, com as mulheres trabalhadoras noturnas chamadas a participar ativamente. Foram chamadas 24 mulheres que passaram a atuar como co-pesquisadoras.

#### **Fase 2:** Descrição e análise detalhada das do dia a dia das trabalhadoras noturnas, a rotina noturna.

Nesse momento, as mulheres trabalhadoras noturnas são consideradas as especialistas nos seus ambientes e comunidades, devido a sua presença em todas as esferas da vida cotidiana. Através dessas análises as experiências cotidianas noturnas dessas mulheres se tornaram visíveis, sendo possível compreender a relação delas com os espaços públicos, bem como com os transportes públicos e as

suas redes locais. Uma das principais atividades nesta etapa foi acompanhar a rota, o deslocamento do trabalho até a residência dessas mulheres e registrar isso em relatos e em vídeos.

### **Fase 3: Compartilhamento de Experiências.**

Com os dados e materiais produzidos na etapa anterior, nesta etapa o objetivo foi compartilhar os resultados das análises feitas através de relatórios online, e os vídeos do projeto.

### **Fase 4: Trabalhando para a ação.**

Esta etapa ainda está em andamento, ela foi iniciada simultaneamente à etapa 3. O foco desta etapa é definir as ações que resultaram como proposta desse projeto de pesquisa-ação feminista. O objetivo é apresentar um plano de trabalho para instituições e organizações que trabalhem com o planejamento urbano da cidade de Barcelona, trabalho noturno e feminismo. O plano de trabalho teve início com o começo do processo de sensibilização e divulgação dos resultados. No guia completo<sup>33</sup> é possível verificar quais foram as ferramentas criativas utilizadas durante a pesquisa.

Por fim, podemos observar que igualmente à iniciativa do *XYX Lab – Gender + Place na Monash University* na Austrália, o primeiro passo é a escuta. O designer enquanto alguém externo àquela comunidade, ou ambiente, pode não saber mais do que as pessoas que vivenciam o dia a dia, o contexto e às situações. É preciso, portanto, fazer-com (Haraway, 2016).

### **3.3.3.**

#### **Meu Ponto Seguro: uma iniciativa brasileira para repensar o espaço público para mulheres.**

No Brasil existem alguns coletivos e iniciativas online que debatem cidades e gênero. Temos, por exemplo o Cidades, que “repensa a cidade a partir de um olhar interseccional, plural e de saberes não convencionais desde 2018”<sup>34</sup>. Temos também o Cidade Queer<sup>35</sup>, um espaço de reflexão para despertar a consciência e a

<sup>33</sup> Disponível em [https://issuu.com/punt6/docs/nocturnas\\_eng](https://issuu.com/punt6/docs/nocturnas_eng). Acesso em 20/12/2021.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/ascidades/>. Acesso em 20/7/2020.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.cidadequeer.com/>. Acesso em 20/7/2020.



urgência de se pensar a cidade através da perspectiva de gênero não heteronormativa.

Estes projetos se configuram através do estudo acadêmico, mas ultrapassam a “bolha” acadêmica sendo traduzidos com linguagem acessível para o espaço online. Assim como o projeto “*Free To Be*”, utilizam o ativismo online para gerar reflexões e promover debates.

No contexto Brasil, observamos a ONG Think Olga<sup>36</sup>. Think Olga é uma organização de inovação social junto à sociedade civil, que tem por missão sensibilizar a sociedade para questões de gênero e as suas intersecções. Utiliza a comunicação como a principal ferramenta, junto com estratégias de educação e tecnologia para gerar impactos positivos na vida de mulheres.

Em 2021 A Think Olga criou o “Laboratório de Inovação Social Mulheres em Tempos de Pandemia”<sup>37</sup>, um espaço digital para investigar o impacto da COVID-19 na vida das mulheres, além da proposta de mapear possíveis ideias e soluções social para reduzir tais impactos. O laboratório de inovação Think Olga é um “espaço de conhecimento, investigação e produção de conteúdo com foco em inovação social para as mulheres.”<sup>38</sup>

Para nós, um dos projetos de maior destaque da Think Olga é o projeto chamado “Meu Ponto Seguro – como melhorar a vida das mulheres que caminham”, que fez parte da mobilização dos “21 Dias de Ativismo Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres”, campanha da ONU Mulheres<sup>39</sup>

Acessando o relatório disponível no site da organização, temos acesso à “Jornada Cidades para mulheres”, que contou com a participação de designers, arquitetas, engenheiras, jornalistas, agentes públicos, participantes de coletivos, uma motorista de ônibus, e mulheres que utilizam o transporte público como meio prioritário de locomoção.

Essa jornada foi estruturada em 5 etapas para a solução de problemas enfrentados pelas mulheres no tocante à mobilidade urbana:

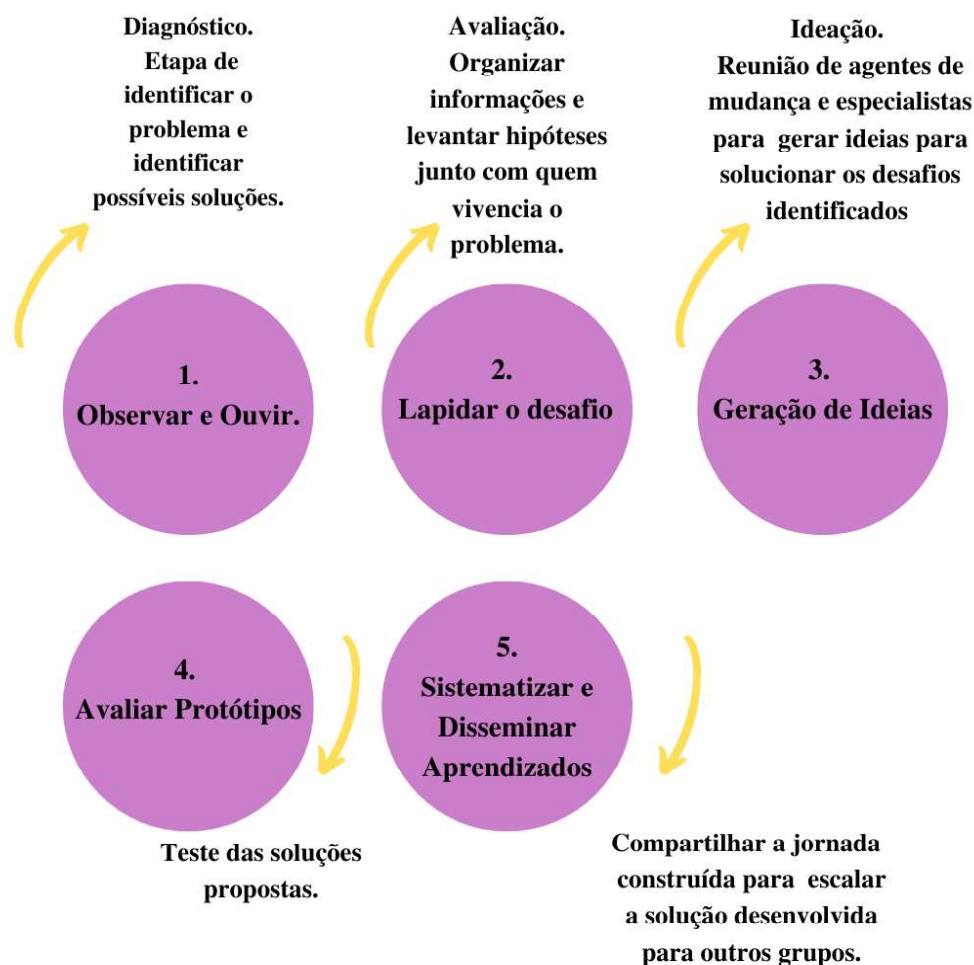
---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/quem-somos/>. Acesso em 13/3/2021.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/lab/>. Acesso em 13/03/2021.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/lab/>. Acesso em 13/03/2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/159309-violencia-contra-mulheres-campanha-da-onu-brasil-pede-vida-e-dignidade>. Acesso em 20/11/2021.



**Figura 4** - Imagem criada pela pesquisadora com base pesquisa “Meu Ponto Seguro” desenvolvida pela ONG Think Olga).

Na pesquisa “Meu Ponto Seguro” da organização Think Olga (THINK OLGA. Pesquisa Meu PONTO Seguro. São Paulo s/d) foi observado que 77,8% das participantes disseram se sentir inseguras nos pontos de ônibus. Fatores como iluminação, espaços isolados, vazios e distantes de comércios e áreas movimentadas, por exemplo, foram as queixas mais comuns. Além disso, foi possível observar que as mulheres não só se sentiam inseguras no ponto de ônibus, mas no trajeto até ele.

Como conclusão, foi desenvolvido então o protótipo “Meu Ponto Seguro”, um check-list que avalia as características que tornam os pontos inseguros para mulheres, ainda a ser disponibilizado pela ONG.

Mais uma vez, o que se percebe como ponto em comum entre os projetos trazidos como inspiracionais, é a escuta como etapa essencial de metodologia de

pesquisa dos projetos. Algo que priorizamos nesta dissertação, focando na etapa de diagnóstico.

## **4. Resultados das Entrevistas**

### **4.1. Percurso Metodológico**

Tendo em vista a delimitação do campo de trabalho, objetivos e objeto desta pesquisa, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica focando nos temas: cidades inteligentes; gênero, design e feminismo; design especulativo.

Para a análise do tema cidades inteligentes: Caragliu (2011), Cocchia (2014), Figueiredo e Rozenstraten (2016), Giffinger (2007), González (2016), Hollands (2015), Morozov e Bria (2019), Sim (2019), Townsend (2014), Vanolo (2014), Zygiaris (2013); para analisar gênero, design e feminismo, e por se tratar de uma pesquisa de característica multidisciplinar, foram consultadas várias autoras: bell hooks (1994), Alves (2016), Federici (2017), Forty (1986), Kilomba (2019), Haraway (1995), Rago (1998), Scott (1991), Tiburi (2018), Crenshaw (2004), Valdivia (2018), Buckley (1986 e 2020), Rodrigues e Portinari (2016), Elorza (2019), Ortiz (2015 e 2017), Radikowska (2019), Efrem (2017), Safar e Dias (2016), Gonçalves (2015), Borin e Meireles (2019), Rabie (2013), Kalms (2017-b), Imbelloni (2019); para analisar design especulativo: Dunne e Raby (2013), Barros e Machado (2019), Prado (2014), Haraway (2016), Laranjo (2017), Fry (2020), Gomes (2017), Medeiros e Souza (2019), Lorenz, et al. (2018).

A seguir, pretendendo investigar a percepção de mulheres sobre a cidade do Rio de Janeiro a partir de suas experiências e vivências cotidianas, foram elaboradas entrevistas como forma de coleta de dados, privilegiando a interação social (Gil, 2008).

#### **4.1.1. Entrevistas Qualitativas**

A pesquisa focou principalmente no aspecto qualitativo por dois motivos: 1) se estamos falando de uma cidade para mulheres, precisamos ouvir mulheres; 2) privilegiar um processo de pesquisa mais intimista, além de tratar a comunicação

da pesquisadora com campo como parte da própria produção de conhecimento (Flick, 2009a).

Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas em profundidade semiestruturadas com 10 mulheres. De acordo com Laville e Dionne (1999), as entrevistas semiestruturadas permitem que algumas perguntas sejam feitas no decorrer da conversa, assim preservando a espontaneidade e a possibilidade de descobrir novas informações.

Devido à pandemia do coronavírus as entrevistas foram realizadas de maneira remota, online, através do aplicativo e *software* livre e de código aberto *jitsi*. Duraram em média 50 minutos e foram armazenadas em uma pasta do *Google Drive*. O roteiro das entrevistas foi estruturado com as seguintes perguntas:

1. Você é carioca? E se sente carioca?
2. Pretende ficar no Rio de Janeiro?
3. Alguém já te perguntou o que você pensa sobre a cidade, o lugar, em que você vive?
4. Você se sente vulnerável, enquanto mulher vivendo no Rio de Janeiro?
5. Você acha que a cidade do Rio, ou município do Rio, é um lugar bom para mulheres viverem?
6. Quais são as qualidades/atributos que uma cidade precisa ter para ser um bom lugar para mulheres viverem de forma plena e digna?
7. Quais são os principais defeitos a serem eliminados, os principais desafios a serem superados na cidade do Rio de Janeiro, para que ela seja uma cidade que contemple as vivências de mulheres?
8. Se você tivesse o poder de fazer o que quiser com a cidade do Rio de Janeiro, o que você faria?
9. Faria alguma mudança/intervenção estética na cidade do Rio de Janeiro?
10. Você já ouviu falar em Cidade Inteligente?
11. Para você o que é uma Cidade Inteligente?
12. Para você o que é tecnologia?
13. Qual é o seu sonho como mulher para a cidade do Rio de Janeiro?

Além das perguntas feitas acima, também foi perguntado: a) a identidade de gênero (mulher cis ou mulher trans); b) formação/escolaridade; c) profissão/ocupação; d) se tem filhos ou não; e) idade; f) bairro onde mora. Estas

perguntas foram feitas para compreendermos o recorte utilizado, e serviram para compreender melhor o perfil das mulheres entrevistadas. O objetivo desta pesquisa no início foi o de entrevistar mulheres diferentes entre si, ou seja, com variação de profissão, classe social, identidade de gênero, maternidade e bairro onde vivem. No entanto, percebemos que houve pouca distinção em alguns pontos, fator que será melhor descrito na seção “Limitações da Pesquisa”.

#### 4.1.2 Questionário Online

Além das entrevistas qualitativas semiestruturadas, posteriormente foi realizado um questionário *online*, através do *Google Forms*, para que mais mulheres pudessem responder. O questionário foi distribuído em grupos de WhatsApp dos quais a pesquisadora faz parte, com uma breve explicação do tema e objetivo da pesquisa e o convite para quem desejasse participar. Além disso, foi distribuído em grupos de universidades tanto no Facebook quanto no *Whatsapp*, e no *Twitter*.

A elaboração do questionário online foi baseada no roteiro de perguntas (feitas para as entrevistas semiestruturadas) e a partir da análise das respostas das entrevistas. Assim sendo, as respostas das entrevistas em profundidade serviram como *insights*, já que havia muitos pontos em comum entre as respostas das mulheres entrevistadas.

Por exemplo, quando perguntadas sobre as qualidades/atributos que uma cidade precisa ter para ser um bom lugar para mulheres viverem, todas as 10 entrevistadas responderam: segurança. Dessa forma, sabíamos que este seria um tópico a ser incluído no questionário online.

A partir da análise das respostas das entrevistas, a título de organização e como forma de ajudar na formulação/adaptação de perguntas, dividimos o questionário online em 3 eixos:

Eixo Percepção	Eixo Vivência	Eixo Desejo
Para compreender este ponto, listamos uma série de adjetivos para que as participantes selecionassem de acordo com a sua percepção sobre o Rio de Janeiro.	Neste ponto focamos em perguntas que nos ajudassem a compreender a rotina de circulação pela cidade. A partir de experiências cotidianas observamos o que elas sentem em relação à segurança e os 3 principais defeitos do Rio de Janeiro.	Por fim, com este eixo exploramos o potencial especulativo, observando os desejos e os sonhos das mulheres que responderam o questionário, em relação ao Rio de Janeiro.

Como as mulheres percebem a cidade em que vivem?		
--	--	--

**Tabela 4** – Eixos de orientação para as perguntas. Fonte: Criada pela autora.

Depois de pensar nos eixos que orientariam as perguntas, o questionário<sup>40</sup> foi estruturado com perguntas como: “Como você descreveria o Rio de Janeiro?”. Em seguida, foram listados uma série de adjetivos positivos e negativos, para que as respondentes escolhessem até 3 características. Os adjetivos escolhidos foram: maravilhoso; acolhedor; colorido; divertido; dinâmico; bonito; exuberante; limpo; calmo; desorganizado; desigual; violento; perigoso; caótico; sujo; sem estrutura; insalubre; paradoxal; turístico.

A escolha dessas palavras ocorreu com base nas palavras que as mulheres entrevistadas utilizaram para se referir ao Rio de Janeiro, além de expressões comuns que observamos na mídia e no dia a dia, quando se fala da cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo do questionário também foram feitas perguntas como “Quais são os lugares que você circula no Rio de Janeiro?”, “Você se sente segura nos espaços em que você circula no Rio de Janeiro?”, para analisarmos não só por onde as mulheres entrevistadas circulam, mas também as suas sensações em relação a esses lugares. Além disso, as mulheres também foram perguntadas sobre os principais defeitos do Rio de Janeiro, aqueles identificados por elas como pontos que afetam diretamente a vida das mulheres.

O questionário online feito pelo *Google Forms* foi distribuído em grupos de *whatsapp* da pesquisadora, com pedidos de compartilhamento para que alcançasse o maior número possível de mulheres. Além disso, foi distribuído em grupos de universidades tanto no *Facebook* quanto no *Whatsapp*, e no *Twitter*.

Grupos online podem ser uma rica fonte e meio para pesquisa, como observado no trabalho da pesquisadora Adriana Braga (2008), a sua *netnografia*<sup>41</sup> chamada “Personas materno-eletrônicas: Feminilidade e interação no blog Mothern”. Em relação à esta dissertação, no entanto, encontramos uma série de limitações como a própria falta de circulação, não só física, mas do próprio questionário e foram registradas 46 respostas.

<sup>40</sup> O questionário completo está ao final desta dissertação, corresponde ao Apêndice 1.

<sup>41</sup> Aqui neste trecho citamos o trabalho da professora Adriana Braga como uma grande inspiração pelo seu trabalho com grupos *online*, mesmo que na presente dissertação a proposta não tenha sido realizar uma *netnografia*..

## 4.2.

### Analizando Resultados

#### 4.2.1.

##### O perfil das mulheres entrevistadas

Falar sobre “mulheres” em uma pesquisa acadêmica certamente é desafiador, pois não se trata de um grupo homogêneo. Mulheres são um grupo unitário quanto ao gênero, mas distintas entre si quando fazemos uma leitura interseccional (Crenshaw, 2004), ou seja, quando consideramos classe social, cor e sexualidade. Sueli Carneiro (2011) chama a atenção para essa generalização quando se fala em “mulheres”:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (Carneiro, 2011).

O processo de construção social de gênero (Beauvoir, 2014) não ocorre de maneira igual para todas as mulheres, e é isto que não se pode alienar quando a proposta é iniciar uma pesquisa com mulheres. Quem são essas mulheres? Mulheres têm experiências muito distintas de viver no Rio de Janeiro, e dentro de uma cidade podem existir várias outras “cidades”. Não é tão provável que uma mulher branca, de classe alta, moradora do Leblon, tenha exatamente as mesmas percepções sobre o Rio de Janeiro que uma mulher preta e que vive em áreas de periferia.

Nesse sentido, observando a importância da diversidade de mulheres para esta pesquisa, para selecionar as mulheres a serem entrevistadas estipulamos os seguintes critérios a serem observados:

- Que fossem mulheres moradoras de diferentes zonas do município do Rio de Janeiro;
- Mulheres mães e/ou grávidas, mulheres sem filhos;



- Diversidade de cor
- Mulheres com profissões diferentes. Neste sentido buscamos categorizar nas seguintes áreas: saúde, educação, cultura, área criativa e planejamento, pois são áreas também observadas em projetos de cidade<sup>42</sup>.

Além disso, incluímos trabalho doméstico, pois:

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. (Vergès, Françoise, 2020).

Excluir este grupo do diálogo seria perpetuar a cadeia de exclusão a que este grupo é submetido, de acordo com o citado acima pela autora Françoise Vergès. No entanto, na prática de pesquisa os resultados foram divergentes em relação àquilo que se idealizou – pois não obtive contato com grupos de mulheres em condição de grande vulnerabilidade, e após a seleção de entrevistadas (observando os critérios acima), o resultado foi este:

Entrevistadas	Zona em que reside	Mãe ou sem filhos	Cor	Profissão
entrevistada 1	zona norte	sem filhos	branca	psicóloga
entrevistada 2	zona norte	sem filhos	branca	arquiteta
entrevistada 3	zona sul	sem filhos	branca	estudante de arquitetura
entrevistada 4	zona oeste	grávida	preta	estudante de direito e fundadora de um laboratório de comunicação no Jacarézinho.
entrevistada 5	zona norte	sem filhos	preta	produtora cultural
entrevistada 6	zona norte	sem filhos	branca	diretora de cinema
entrevistada 7	zona norte	sem filhos	branca	designer
entrevistada 8	zona oeste	mãe	preta	diarista
entrevistada 9	zona sul	sem filhos	branca	professora
entrevistada 10	zona oeste	mãe	branca	empresária e doutoranda.

**Tabela 5** – Perfil das mulheres entrevistadas – entrevistas qualitativas. Fonte: Criada pela autora.

<sup>42</sup> Sim, 2019.

Das 10 mulheres entrevistadas, 50% são moradoras da Zona Norte, distribuídas nos bairros Grajaú, Tijuca e Méier. Majoritariamente são mulheres brancas, solteiras, sem filhos (apenas duas entrevistadas eram mães e uma estava grávida), com nível de escolaridade superior e de classe média.

Um ponto que chamou a atenção e que uniu todas as mulheres entrevistadas foi: o fator segurança e o medo de assédio, por exemplo. Esse foi um dos resultados da pesquisa, independentemente da classe social, das diferenças de idade, cor e formação, todas as 10 respondentes apontaram o medo de sofrer assédio e/ou violência sexual física ao circularem pela cidade em algum ponto:

Aqui, ultimamente a gente vive do trabalho para casa e da casa para o trabalho, e vive nessa cidade que todo mundo considera linda e maravilhosa, mas não usufrui quase nada desses espaços. **Por medo, por me sentir vulnerável sendo mulher e não podendo fazer coisas básicas como correr de noite. Tenho medo de ser assediada.** Gostaria de fazer coisas básicas pra saúde, coisas básicas: percorrer e ocupar os espaços da cidade. Então eu vivo numa cidade vitrine, como a maioria dos cariocas vive na cidade vitrine, porque com certeza, uma parcela muito pequena é que realmente consegue usufruir de todas essas qualidades que o Rio de Janeiro tem. (entrevistada 3).

Durante as entrevistas o assédio foi tema comum em todas as 10 conversas, seja pelo medo de sofrer ou pelas experiências vividas, sendo indissociável da experiência de viver na cidade. Nesse sentido, observamos que de forma consciente ou não, há uma ligação muito íntima entre o corpo, a cidade e os espaços públicos. Não à toa, em 2017 foi iniciada uma campanha nas redes sociais chamada “meu corpo não é público”<sup>43</sup>, que consistia em cartazes contra assédios nos transportes públicos:

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/meu-corpo-nao-e-publico-propoe-campanha-colaborativa-contr-assedio-nos-transportes-baixe-cartazes/>. Acesso em 20/12/2021.



**Figura 5** - Arte: Mariana Simões / Texto: Thaís Sereno, disponível em: <https://www.geledes.org.br/meu-corpo-nao-e-publico-propoe-campanha-colaborativa-contra-assedio-nos-transportes-baixe-cartazes/>.

#### 4.2.2.

#### O perfil das mulheres respondentes ao questionário

O assédio foi um ponto que também apareceu de forma consistente nas respostas do questionário online. E em relação ao perfil das mulheres que responderam o questionário online, em resumo, temos as seguintes características predominantes:

- 100% das respondentes se identificam como mulheres cis, ou seja, cuja identidade de gênero corresponde ao sexo biológico;
- 75,6% das respondentes se identificam como brancas – 34 das 46 respostas na opção “branca”.
- 63% das mulheres que responderam ao questionário de identificam como heterossexuais – 29 das 46 respondentes;
- a faixa etária predominante é a dos 25 aos 34 anos, com 21 marcações nesta opção;
- 45,7% das respondentes têm ensino superior completo – correspondendo a 21 das 46 respostas;

- a renda familiar ficou bem dividida: 23,9% responderam que ganham de 1 a 3 salários mínimos, 23,9% de 3 a 6 salários mínimos, 23,9% de 6 a 9 salários mínimos e 23,9% acima de 9 salários mínimos. Isso equivale a 11 pessoas respondendo a cada uma destas respectivas opções. Duas pessoas apenas marcaram opções distintas, “prefere não declarar” e “abaixo de 1 salário mínimo”;
- majoritariamente as mulheres que responderam ao questionário vivem na Zona Norte do Rio de Janeiro, residindo nos bairros:

Bairro	Número de Respostas
Tijuca	6
Alto da Boa Vista	1
Grajaú	5
Vila Isabel	1
Méier	1
Cachambi	1
São Cristóvão	1
Engenho Novo	3
Engenho de Dentro	2
Vila da Penha	1
Cordovil	1

**Tabela 6** – Bairros das mulheres respondentes ao questionário. Fonte: Criada pela autora.

A zona que teve o menor número de respostas foi o centro, com duas respostas para Santa Teresa e Glória respectivamente, e a Zona Oeste, com apenas 6 respostas divididas entre Recreio, Campo Grande, Realengo (2 respostas), Jacarepaguá e Anil;

- as profissões das mulheres entrevistadas foram bastante variadas, mas com algumas predominâncias como, por exemplo, o Campo do Design:

Profissão	Número de mulheres da respectiva profissão
Designer	5
Designer de moda	1

Designer de calçado	1
Designer e Ilustradora	2
Ilustradora	2
Pesquisadora	3
Professora	2
Atriz	1
Advogada	1
Assistente de curadoria	1
Comerciante	1
Empresária	3
Estudante	1
Funcionária Pública	5
Relações Públicas	1
Dentista	2
Massoterapeuta	1
Personal Trainer	1
Psicóloga	2
Pedagoga	1
Bibliotecária	1
Jornalista	1
Bancária	1
Analista Financeira	1
Auxiliar Administrativo	2
Produtora Cultural	2
Aposentada	1

**Tabela 7** – Profissão das respondentes ao questionário. Fonte: Criada pela autora.

- a maioria das mulheres que responderam ao questionário não são mães - 69,6% correspondendo a 32 respostas, enquanto 30,4% ou 14 respondentes marcaram a opção “sim” para a pergunta “tem filho?”

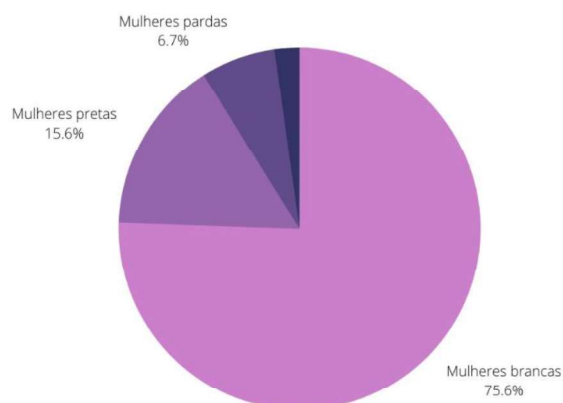
Por fim, na última parte do questionário perguntamos se as opções de perguntas de identificação como gênero, cor, orientação sexual, profissão, idade, cuidado com filhos, modificam a percepção que elas têm sobre a cidade. Mais uma vez observamos que o corpo tem profunda ligação com os espaços públicos, com a cidade. As experiências na cidade são pautadas pelo corpo:

Partimos da premissa de que o corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana. (Beitto, Fabiana Dutra; Jacques, Paola Berenstein, 2008, grifos nossos).

Nesse sentido, a percepção que as mulheres respondentes têm sobre a cidade é marcada por seus corpos, que por sua vez são marcados pela cor, gênero, idade, maternidade. Como resposta destacamos algumas respostas à pergunta “Alguma dessas opções de perguntas de identificação (gênero, cor, orientação sexual, profissão, idade, cuidado com filhos) modifica a sua percepção sobre a cidade?”

- “*Todas! O pessoal é político*”;
- “*eu tendo a ter mais cuidado quando sugiro policiamento como uma solução possível. sou branca, pra mim a polícia não é uma ameaça*”;
- “*Tenho noção de que muitos problemas enfrentados por mulheres de outra cor, classe social e orientação sexual sequer posso imaginar, considerando que pertenço a uma classe privilegiada, que tem acesso a um Rio de Janeiro para poucos. O subúrbio tem muitas deficiências, as pessoas de baixa renda, principalmente mulheres, enfrentam desafios diários, seja na mobilidade ou no acesso à educação dos filhos, saúde e serviços essenciais. Com isso, temos uma cidade desigual, na qual a zona sul e algumas áreas da zona norte recebem cuidados e investimentos que não chegam às zonas norte e subúrbio, que por vezes sequer tem saneamento básico. Temos duas cidades distintas e mulheres, em especial as de baixa renda, sofrem preconceitos e dificuldades imensas.*”

Abaixo seguem as demais informações sobre o perfil das mulheres que responderam ao questionário online:



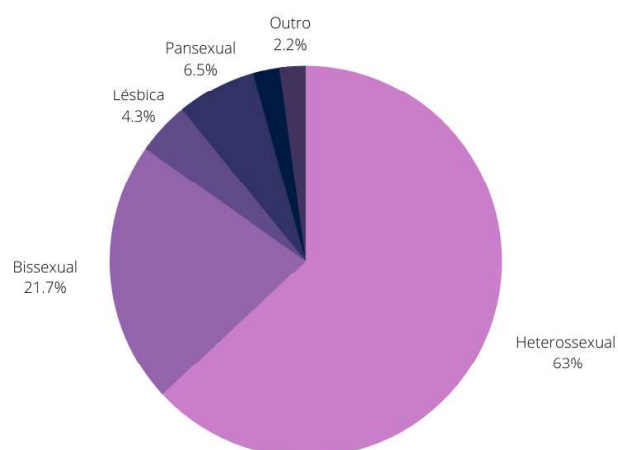
**Figura 6** - Como as mulheres se identificam quanto à cor/raça

As opções “não branca” e “pardo” foram acrescentadas pelas próprias respondentes. Número de mulheres respondentes que marcaram as seguintes opções:

Branca	Preta	Não branca	Pardo	Outros...
34	7	1	3	1

**Tabela 8** – Etnia das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.

Quanto à orientação sexual temos:



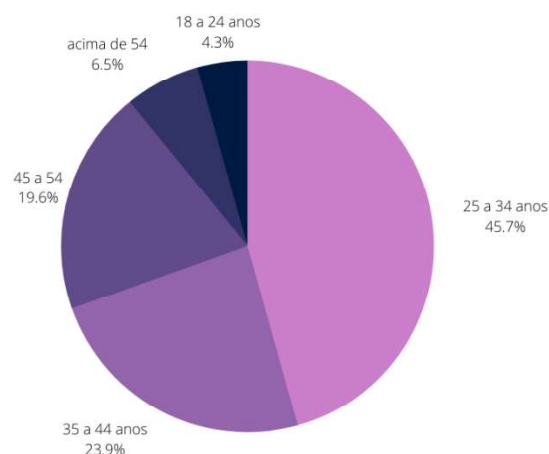
**Figura 7** - Orientação sexual das mulheres respondentes do questionário online.

Número de mulheres respondentes que marcaram as seguintes opções:

Heterossexual	Bissexual	Lésbica	Pansexual	Assexual	Outro
29	10	2	3	1	1

**Tabela 9** – Sexualidade das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.

Faixa etária:



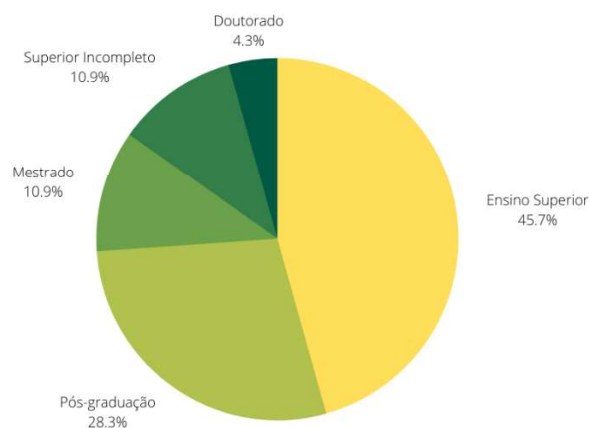
**Figura 8** - Faixa etária das mulheres respondentes do questionário online.

Número de mulheres respondentes que marcaram as seguintes opções:

25 – 34 anos	35 - 44	45 - 54	Acima de 54	18 - 24
21	11	9	3	2

**Tabela 10** – Faixa etária das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.

Quanto à escolaridade:



**Figura 9** - Escolaridade das mulheres respondentes do questionário online.

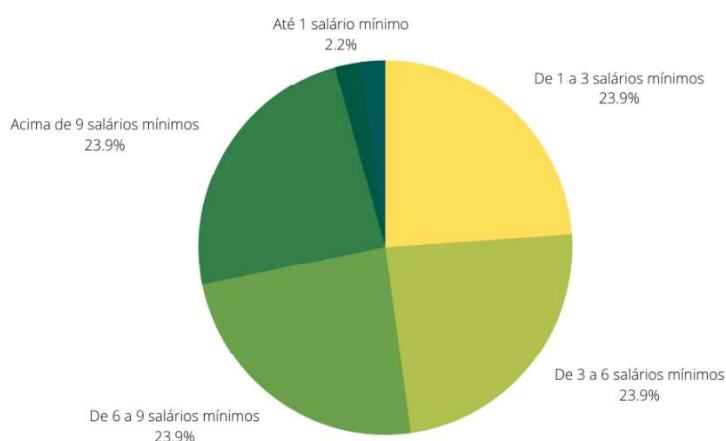
Número de mulheres respondentes que marcaram as seguintes opções:

Ensino Superior	Pós-graduação	Mestrado	Superior Incompleto	Doutorado
21	13	5	5	2

**Tabela 11** – Escolaridade das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.



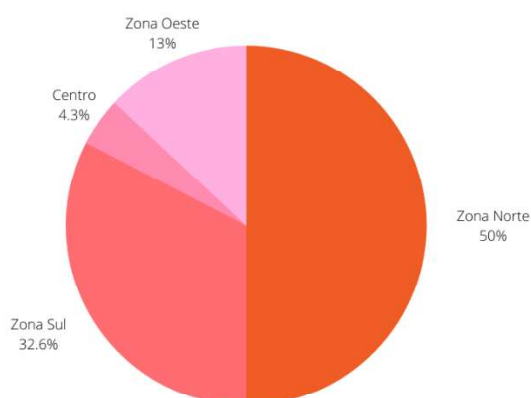
Quando perguntadas sobre a renda familiar, ocorreu a seguinte configuração:



**Figura 10** - Renda familiar das mulheres respondentes do questionário online.

Cada quadrante da figura acima, exceto a opção “até um salário mínimo” e “prefere não declarar”, ambos marcados por 1 pessoa cada, todos os outros quadrantes correspondem a 11 pessoas respondendo.

Em relação à zona onde vivem:



**Figura 11** - Zona onde vivem as mulheres respondentes do questionário.

Número de mulheres respondentes que marcaram as seguintes opções:

Zona Norte	Zona Sul	Zona Oeste	Centro
23	15	6	2

**Tabela 12** – Zona de residência das mulheres entrevistadas. Fonte: Criada pela autora.

### 4.2.3. Segurança

Nesta seção destacamos o fator segurança, por ter sido tema recorrente nas entrevistas feitas em profundidade, além de ser algo que afeta profundamente a vida das mulheres no Rio de Janeiro. Perguntamos às respondentes se elas se sentiam seguras nos espaços em que circulam no Rio de Janeiro, 39 de 46 respostas foram “não” e apenas 7 responderam “sim”.

Em seguida, para aquelas que não se sentem seguras, elencamos possíveis medos em relação à circular no Rio de Janeiro, e pedimos que selecionassem até 3 – que representassem os seus maiores medos. Esse foi o resultado:



**Figura 12** - Medos envolvendo circular pelo Rio de Janeiro.

Em um primeiro momento, observa-se que “assalto” se destaca como o medo mais comum, com 38 votos. No entanto, um olhar atento revela que os receios envolvendo violência sexual – somando a “categoria” “violência sexual” e “assédio” e totalizando 48 votos – são predominantes. Isso porque “assédio” pode ser tanto uma violência verbal quanto sexual, o assédio sexual é caracterizado por constrangimentos e ameaças com a finalidade de obter favores sexuais<sup>44</sup>. Já o assédio verbal é uma importunação ofensiva ao pudor como, por exemplo, as cantadas – que podem ser de cunho sexual ou pornográfico.

Posteriormente foi respondida a seguinte pergunta “Você tem medo de andar sozinha?”, que resultou em 26 respostas para “sim” e 20 para “não”. Para aquelas que responderam sim, perguntamos quais as situações/contextos de maior medo ao circularem sozinhas pelo Rio de Janeiro:

<sup>44</sup> Artigo 216-A do Código Penal.



**Figura 13** - Situações/contextos que causam medo ao circular no Rio de Janeiro.

Lugares ermos, ruas desertas e mal iluminadas, terrenos vazios/baldios ou em construção, assim como “pontos cegos” em ruas, ou seja, pontos que não permitem a visualização plena do entorno, são fatores que causam forte insegurança na experiência de vivenciar a cidade (Jacobs, 2015).

O medo é um fator predominante. Para Christine Hudson e Malin Rönnblom (2008), mulheres são (ou se sentem) excluídas de certas partes das cidades mesmo durante as horas de luz do dia. Iluminação pública, a disposição dos edifícios, espaços abertos, passagens subterrâneas e assim por diante são, frequentemente, inadequadas ou mal projetadas do ponto de vista da segurança. E de acordo com as autoras, isso acontece em grande parte porque as mulheres nunca fizeram parte de seu design e planejamento.

As autoras (Hudson e Rönnblom, 2008) complementam, chamando a atenção para algo essencial:

**No entanto, é importante salientar que não é o ambiente físico em si que ameaça as mulheres; o medo está embutido nas relações de poder de gênero na sociedade** onde as mulheres como um grupo são subordinados aos homens como um grupo. O medo não pode ser “desenhado”. Melhorar a iluminação pública ou construir passarelas em vez de túneis não resolverão a causa raiz do medo das mulheres em locais públicos. Estes residem nas estruturas de gênero e de poder desiguais na sociedade, onde a violência dos homens contra as mulheres e o medo das mulheres dessa violência desempenham um papel importante na manutenção dessas relações desiguais (Hudson e Rönnblom, 2008, tradução nossa, grifos nossos)

Em 4º lugar as mulheres que responderam ao questionário também pontuaram como medo “passar por um grupo de homens quando estou andando sozinha” (15 votos), em seguida, usar transporte de aplicativo (4 votos), andar de transporte coletivo público (3 votos) e, por fim, andar pelo bairro (2 votos).

Perguntamos também sobre o uso de estratégias com o objetivo de se sentirem

mais seguras nos lugares em que circulam. 34 mulheres responderam que utilizam estratégias para circularem de forma mais segura no Rio de Janeiro, enquanto 12 responderam que não utilizam nenhuma estratégia. Analisamos e classificamos as estratégias da seguinte forma: Estratégia de Compartilhamento e Comunicação, Estratégia de Circulação, Estratégia de Postura e Estratégia de Defesa.

Como Estratégia de Compartilhamento e Comunicação foram apresentadas as seguintes ideias: compartilhar a localização com amigos e/ou familiares através do whatsapp ou algum aplicativo de localização – essa foi a estratégia mais apontada pelas respondentes; avisar aonde vai/onde está; estar ao telefone com alguém de confiança quando em algum transporte de aplicativo; fingir que está falando com um marido imaginário no celular.

Para as Estratégias de Circulação observamos as seguintes ideias: andar próxima a outras mulheres/andar em grupo/andar com o marido; entrar em lojas ou restaurantes quando se sentir acuada, perseguida, observada; não andar perto de muros de prédios; sentar sempre perto do cobrador e no assento do corredor; frequentar apenas locais movimentados; evitar passar por locais ermos à pé; evitar andar sozinha à noite; escolher horários para circular; conhecer o local previamente/pesquisar; traçar rotas de fuga assim que chegar nos lugares.

Em relação as Estratégias de Postura foram apresentadas as seguintes respostas: estar sempre atenta, sempre em estado de alerta; andar com velocidade, rápido e de forma assertiva; “marra”, “cara fechada”, evitar ser simpática com homens na rua, “cara de maluca”; chamar pouca atenção – de acordo com as respostas, aqui envolve também escolhas de vestuário: roupas escuras, se vestir de maneira simples, evitar usar roupas curtas e decotadas, calçados confortáveis que possibilitem correr; cumprimentar autoridades.

Por fim, as estratégias classificadas como Estratégias de Defesa foram: spray de pimenta; chave entre os dedos; ter sempre algo na mão, como um guarda-chuva ou até mesmo um galho encontrado na rua.

Observando as respostas acima fica evidente que mulheres precisam de um planejamento minucioso para sair de casa, desde a roupa que vestem até a pesquisa prévia de locais e/ou rotas. Calcular, recalcular, selecionar horários para melhor circular, estar sempre alerta em um modo “luta ou fuga” são necessidades forçadas, e que carregam a rotina de tensão, medo e insegurança.

Além disso, é importante frisar que o medo de circular pela cidade também

restringe a autonomia das mulheres entrevistadas, a ponto de apenas se sentirem seguras ao lado de uma figura masculina (marido, companheiro), ou com grupos e outras mulheres. Não só a autonomia é restrita, como também a própria privacidade com o compartilhamento da localização. A alteração na postura e no vestuário também alteram a forma de expressão, pois pode deixar de usar algo com medo de assédio – mesmo sabendo que esse tipo de violência independe da vestimenta que se usa.

É uma despersonalização constante (altera-se a roupa, a postura, perde-se a privacidade e a autonomia), demonstrando que não há o usufruto pleno à cidade. Todas essas preocupações somadas ao fato de mulheres gastarem aproximadamente 18,1 horas semanais dedicando-se aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos (IBGE, 2018), faz com que reste pouco espaço para imaginar, especular, outras possibilidades de vida. Como que mulheres conseguirão pensar em cidades mais inclusivas e exercitar a imaginação se estão tão preocupadas com a própria segurança? Se estão tão preocupadas em se manter vivas?<sup>45</sup>

#### **4.2.4. Atributos de uma cidade para mulheres**

Nesse ponto analisaremos a percepção das mulheres em relação ao Rio de Janeiro, quais os atributos para uma cidade mais acolhedora, segura e inclusiva para mulheres viverem, e como isso pode se relacionar com a ideia de uma “cidade inteligente”

Na visão das mulheres que responderam ao questionário, o Rio de Janeiro tem as seguintes características predominantes:

---

<sup>45</sup> O Brasil registra um feminicídio a cada 6 horas e meia. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/com-isolamento-social-brasil-registra-um-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia/#:~:text=Em%20meio%20ao%20isolamento%20social,comparado%20ao%20total%20de%202019>. Acesso em: 13/01/2022.



**Figura 14** - Adjetivos que melhor caracterizam o Rio de Janeiro hoje.

Para pensar em uma cidade mais inclusiva é preciso compreender os principais defeitos que afetam a vida de mulheres hoje no Rio de Janeiro. Os principais defeitos elencados foram:

- Em 1º lugar a **violência** – Que se destrincha tanto em “violência urbana” (assaltos, furtos, roubos, acidentes), quanto violência de gênero: feminicídio, violência sexual e violência doméstica. O machismo também apareceu na pesquisa como um defeito a ser eliminado. Por estar relacionado diretamente à violência de gênero, também o destacamos aqui. Algumas frases que se destacaram em relação à violência:

*“Violência masculina em espaços urbanos, falta de espaços exclusivos para mulheres e crianças em locais públicos e privados, estrutura urbana precária para circulação (iluminação, calçadas, etc.).* Um outro ponto que alimenta todas essas violências e o próprio machismo é a falta de educação de gênero, faltam políticas educacionais de gênero, políticas de conscientização sobre a igualdade de gênero.

- Em 2º lugar a **precariedade envolvendo o transporte público e a mobilidade urbana** – falta de mobilidade urbana eficiente, trens lotados, falta de linhas do metrô para todos os pontos da cidade, falta de transportes públicos 24h, o carro das mulheres não resolve, é apenas um “paliativo”, assédio nos transportes públicos. Algumas respostas:  
*“Violência, falta de políticas educacionais para este tema, pouca segurança pública treinada para ajudar as mulheres”; “violência urbana (assaltos e furtos), assédio em meios de transporte (acho o vagão feminino do metrô uma medida muito insuficiente), machismo da*

*população e dos agentes públicos”;*

- Em 3º lugar houve um empate entre **“assédio”** e **“falta de segurança”**. Sobre o assédio, mais uma vez, trata-se tanto de assédio verbal quanto sexual, e sobre “falta de segurança”, as pessoas relacionaram a: assaltos, falta de iluminação, ruas escuras e vazias e falta de atendimento capacitado para mulheres em situação de vulnerabilidade, em perigo, vítimas de violência doméstica.

Foram observados os principais defeitos do Rio de Janeiro, e em seguida trataremos dos atributos que, de certa forma, se complementam ao que foi escrito acima. Após analisar a pergunta “Quais qualidades o Rio de Janeiro poderia ter para ser uma cidade mais acolhedora e segura para mulheres?” foi possível categorizar as respostas, observando um padrão de repetição dos temas, em 4 áreas: Segurança, Mobilidade Urbana, Educação e Ocupação de mulheres em espaços. Dessa forma, nós observamos que uma cidade que acolha as vivências de mulheres precisa ter os seguintes atributos:



**Figura 15** - Atributos de uma cidade para mulheres.

Quando falamos em segurança especializada em atender mulheres, falamos a partir da observação dos principais defeitos a serem eliminados no Rio de Janeiro e que afetam a vida de mulheres, de acordo com respondentes. O primeiro defeito a ser transformado com urgência é a violência, seja ela física, psicológica e institucional, além da sensação de insegurança ao circular espaços pela cidade. Nesse sentido, uma cidade segura para mulheres, de acordo com as respondentes, envolve:

- maior iluminação em diversos pontos da cidade, e manutenção dessa iluminação – esse foi o aspecto mais pontuado e mais associado à segurança;

- mais espaços que não sejam pensados apenas como passagem;
- maior policiamento – mas não qualquer policiamento, uma polícia presente, eficaz e que, principalmente, receba treinamento adequado para ajudar mulheres, o que envolveria um intenso plano de combate ao machismo institucional também (Cavadinha, 2016);
- mais mulheres trabalhando como segurança nas ruas – frisa-se a necessidade de capacitação específica também;

Em relação à mobilidade urbana, destacou-se a necessidade de uma mobilidade que pense em jornadas de deslocamento poligonal (Valdivia, 2018), ou seja, que atenda as jornadas duplas e triplas de mulheres que precisam não só se deslocar da casa para o trabalho (deslocamento pendular), como para a creche, o supermercado, levar parentes ao médico. São jornadas que destacam o papel de cuidadoras, ainda hoje designado para mulheres, em especial mulheres pretas (Vergès, 2020). Nesse sentido, a cidade precisa se tornar cuidadora também, acolher e cuidar de mulheres.

Quando falamos em mobilidade urbana que atenda às jornadas de mulheres, de acordo com as respondentes trata-se de:

- transportes públicos com espaços e facilidades para carrinhos de bebê;
- menor intervalo entre os transportes, evitando deixar os pontos de acesso vazios e a lotação dos veículos;
- maior vigilância dentro dos transportes, pois existe uma grande preocupação com assédio nesses espaços;
- transportes com horários bem definidos, para que as mulheres planejem as suas rotinas de maneira mais tranquila;
- linhas especiais, criadas para a demanda de grandes comunidades e bairros periféricos;
- linhas que cheguem a mais pontos, pois sabemos que as mulheres são as que mais caminham para chegar até o transporte público (METRÔ SP, 2019).

Outro atributo destacado foi a “Educação que debata gênero e equidade social”. As sugestões das respondentes relacionadas a educação foram:

- investimento em educação e políticas públicas sobre o tema;



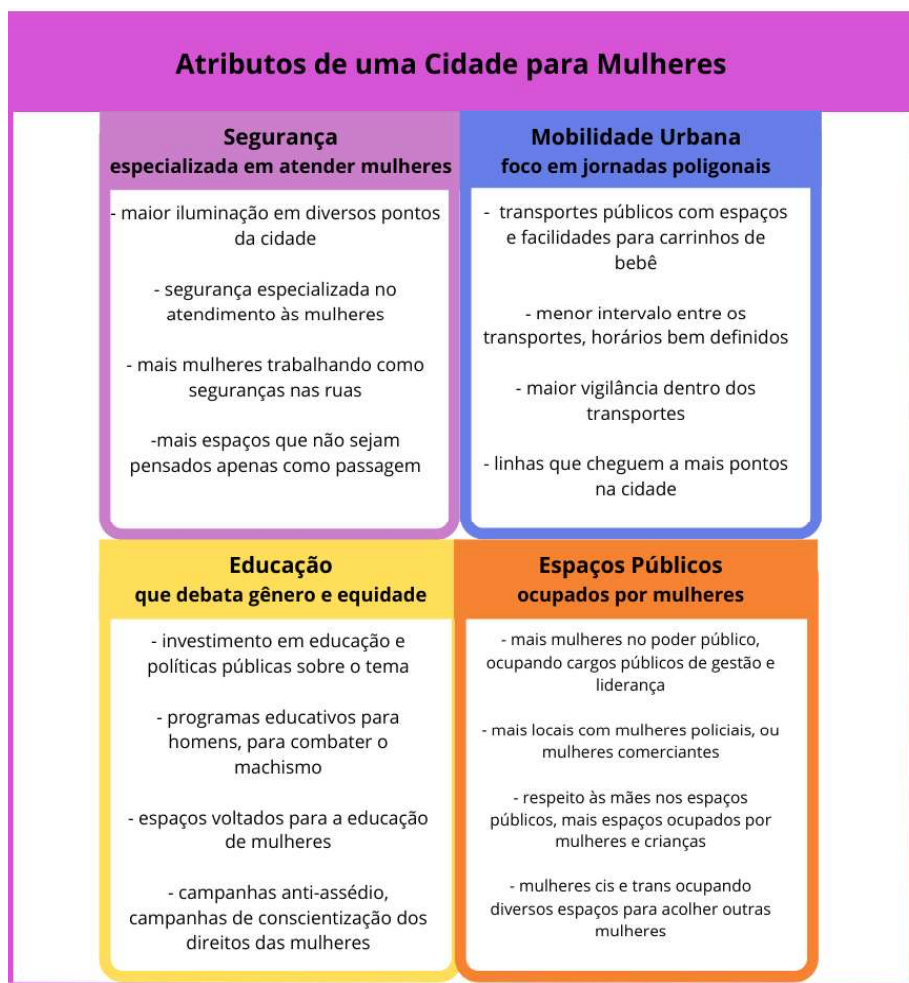
- programas educativos para homens, para combater o machismo;
- espaços voltados para a educação de mulheres, cursos profissionalizantes, espaços de debates, discussões e acolhimento.

Junto a esse ponto foi destacado também a importância de leis e políticas públicas focadas no público feminino, campanhas publicitárias anti assédio e de preservação dos direitos das mulheres como forma de conscientização da população.

Por fim, o último atributo “Espaços públicos ocupados por mulheres”, trata da importância da representatividade de mulheres que lutam pelos direitos das mulheres ao ocuparem espaços tradicionalmente ocupados por homens. A política e o seu “espaço político” é um exemplo, apenas 15% dos cargos políticos são ocupados por mulheres, e apenas 10% de cargos de liderança seguem o mesmo caminho (IBGE EDUCA, 2018). Além da importância da representatividade, esse atributo fala sobre identificação e acolhimento, sentimentos apontados pelas respondentes em relação ao alívio que sentem ao encontrar mulheres policiais, ou até mesmo quando estão passando por um local ermo e visualizam uma mulher por perto. É sobre ocupar os espaços da cidade. Algumas respostas em relação a esse atributo:

- mais locais com mulheres policiais, ou mulheres comerciantes;
- respeito às mães nos espaços públicos, mais espaços ocupados por mulheres e crianças;
- mais mulheres no poder público;
- mais mulheres ocupando cargos públicos de gestão e liderança;
- mulheres cis e trans ocupando diversos espaços para acolher outras mulheres;
- presença de banheiros exclusivos e fraldários em praças públicas e edifícios públicos, ou de lazer.

Esquematizando temos:



**Figura 16** - Imagem criada pela autora, Atributos de uma Cidade para Mulheres.

Estes são os atributos apontados pelas mulheres que responderam ao questionário online. Para nós, construir uma cidade para mulheres é construir uma cidade para todas as pessoas, pois quando um grupo vulnerabilizado socialmente se beneficia, todos se beneficiam.

Abaixo apresentamos o “Mapa dos Sonhos das Mulheres para a Cidade do Rio de Janeiro”. Esse mapa foi criado a partir de um exercício de imaginação feito com as entrevistadas e respondentes ao questionário online. O exercício surgiu a partir da seguinte conversa: “Agora vamos a um exercício de imaginação! Aqui nada é impossível. Para você, como seria um Rio de Janeiro ideal para mulheres viverem, o que você deseja?”, que acabou levando à pergunta final representada no círculo central abaixo:



**Figura 17** - “Mapa dos sonhos de mulheres para o Rio de Janeiro” - Imagem criada pela pesquisadora).

#### 4.2.5. “Cidade inteligente?”

A partir do que foi escrito até aqui observa-se que uma cidade atenta às

necessidades de mulheres é uma cidade que contém, de forma bem desenvolvida, os quatro atributos mencionados no tópico anterior. Nesse sentido, não seria também uma cidade inteligente aquela que observa esses mesmos atributos (Segurança especializada em atender mulheres e às suas questões; Mobilidade urbana que foca em jornadas poligonais; Educação voltada para debates de gênero e equidade; Espaços Públicos ocupados por mulheres)?

Para nós, uma cidade inteligente deve ser necessariamente igualitária, não excludente e não violenta com mulheres. No entanto, ao falarmos de “cidades inteligentes” o que as mulheres que participaram da pesquisa pensam sobre isso? Quando perguntadas se já haviam ouvido falar em “cidade inteligente”, 29 responderam que não e 17 sim. Em seguida, pedimos para que mesmo que nunca tivessem ouvido o termo, descrevessem o que seria uma “cidade inteligente”. Abaixo compartilhamos algumas respostas:

- *“Para mim uma cidade inteligente seria uma cidade segura, sem trânsito intenso, com transporte público eficaz, abundante, que obedecessem a sua lotação máxima, que fossem mais frequentes e que tivessem um custo menor. Falando em custo, uma cidade inteligente, para mim, deveria suprir as necessidades básicas dos que nela moram, oferecendo escola, saúde e transporte de qualidade gratuitamente ou com preços mais acessíveis que na cidade em que vivemos.”;*
- *“Cidade inteligente seria uma cidade em que todos os espaços são pensados para a população de alguma forma, para não só atender suas necessidades, mas também tornar útil tudo que compõe a cidade e coeso com pedestres e não pedestres”;*
- *“Alguma coisa com tecnologia servindo a gente o tempo todo”;*
- *“Cidades inteligentes são aquelas que otimizam a utilização dos recursos para servir melhor os cidadãos. Isso vale para a mobilidade, a energia ou para qualquer serviço necessário à vida das pessoas”;*
- *“Uma Cidade que poderíamos circular sem medo”;*
- *“Uma cidade onde todos vivem bem, sendo viver bem viver sem fome, com acesso à educação e saúde e atrações culturais gratuitas”;*

Nas respostas apareceram muitos verbos como “otimizar, conectar, integrar automatizar”, assim como a presença da palavra “tecnologia”. Observamos que de

fato o “inteligente” está associado ao imaginário tecnológico e vice-versa (González, 2016), como já tratado no Capítulo 2. Além disso, algumas respostas apontaram que uma cidade inteligente é uma cidade sustentável, e o fator segurança segue presente como aspecto determinante de vivenciar a cidade.

Analisando os atributos que uma cidade inclusiva, acolhedora e atenta às experiências de mulheres, e a percepção delas sobre uma “cidade inteligente”, podemos pensar em dois caminhos:

1) Uma cidade inteligente precisa ser necessariamente inclusiva e atenta às questões de gênero e, portanto, pode se guiar pelos quatro atributos elaborados nesta pesquisa;

2) De que forma a tecnologia, a gestão, a integração e organização da cidade podem potencializar os quatro atributos? Por exemplo, de que forma a tecnologia poderia colaborar com a segurança especializada em mulheres e suas necessidades? Vimos no capítulo anterior o uso de mapeamento digital para marcar áreas seguras e áreas perigosas pela cidade (Kalms, Nicole, et. al, 2017) como uma forma de utilizar a tecnologia em prol da segurança de mulheres. Esse segundo caminho apontado, embora interessante, foge da proposta desta pesquisa, mas aponta possibilidades para pesquisas futuras.

### **4.3. Limitações da Pesquisa**

Antes de encerrar a pesquisa e, portanto, seguir para a Conclusão no próximo capítulo, é importante falar sobre as limitações envolvendo o presente trabalho.

Além de limitações pessoais, devido aos efeitos da pandemia (mencionados na introdução deste trabalho), a presente pesquisa passou por limitações operacionais significativas, pois a proposta inicial era realizar uma pesquisa de campo com a realização de *workshops* presenciais. Com a pandemia e, portanto, o medo do contágio, os *workshops* foram suspensos, e encontrei dificuldades em transpor a ideia das oficinas presenciais para meios online.

Em relação as entrevistas em profundidade, as limitações se deram em relação ao acesso a mulheres. A proposta desta dissertação era ouvir um número

significativo de mulheres, e mulheres diversas, ou seja: de classes sociais, profissões e idade diferentes, por exemplo. No entanto, houve uma dificuldade de fazer a pesquisa circular fora de meios acadêmicos e “furar a bolha”, alcançando mulheres sem formação no ensino superior, bem como mulheres de classes sociais mais baixas. Também não foram incluídas na pesquisa mulheres trans, por falta de contatos, falha que deve ser evitada em pesquisas futuras.

Gil (2008) enumera algumas desvantagens na realização de entrevistas: a) a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas; b) a inadequada compreensão do significado das perguntas; c) a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado; d) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

Durante o processo de pesquisa não foi percebido falta de motivação das entrevistadas, mas sim falta de interesse em potenciais mulheres a serem entrevistadas. Dificuldades para marcar a entrevista e remarcações de data também foram comuns. A sensação foi a de que, com a pandemia, houve uma saturação de reuniões online, dificultando ainda mais a disponibilidade e a paciência para a participação na pesquisa.

Em relação ao questionário online, por sua vez, embora haja muitos pontos positivos como a possibilidade de atingir um maior número de pessoas, garantia do anonimato nas respostas e a possibilidade de responder no momento em que julgar mais adequado (Gil, 2008), também possui limitações.

Foi observado que mesmo o questionário online atingindo um maior número de mulheres, ainda assim, não “furou a bolha”, pois a maior parte das respondentes foram mulheres brancas, heterossexuais, com formação acadêmica e de classe média. Seria essencial ouvir mais mulheres pobres e que vivem em periferias, por exemplo, pois estas se encontram em situações de maior vulnerabilidade social.

Além disso, uma das limitações que envolve o questionário online é o próprio fato de precisar ser respondido através de uma interface digital com acesso à internet. Ainda hoje o Brasil enfrenta desafios para a universalização da internet no país (IDEC, 2019).<sup>46</sup>

Faleiros, Fabiana, *et al.* (2016), alertam para a possibilidade de a amostra ser

---

<sup>46</sup> Pesquisa: ACESSO MÓVEL À INTERNET NO BRASIL: LIMITES E BLOQUEIOS. Disponível em: [https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec\\_pesquisa-acesso-internet\\_acesso-movel-internet-brasil.pdf](https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-movel-internet-brasil.pdf). Acesso em: 13/02/2022

composta por indivíduos com maiores níveis de instrução, inclusive excluindo analfabetos digitais, portanto criando um viés. Outros fatores limitantes e que podem ter impactado no recebimento e preenchimento do questionário online proposto nesta dissertação:

As possíveis limitações do questionário online observadas pelos pesquisadores foram: exclusão dos analfabetos digitais, impedimento do auxílio ao participante quando o mesmo não compreende alguma pergunta, impossibilidade do conhecimento das circunstâncias em que o questionário foi respondido. (Faleiros, Fabiana, *et al.* 2016)

Outro ponto que pode ter impactado na aderência ao questionário é a quantidade de perguntas, já que questionários curtos têm maiores chances de obterem altas taxas de respostas.

Para pesquisas futuras, a partir do que aprendemos com esta, fica a lição sobre a importância de um melhor planejamento e organização para que mais mulheres que não costumam ser ouvidas e se encontram em maiores situações de vulnerabilidade social, possam participar e serem efetivamente ouvidas.

## 5. Considerações Finais

Como diria Donna Haraway (1995), os saberes são localizados e a produção de saberes também é. Ao longo desta pesquisa percebi como o campo do design ainda tem um longo caminho a percorrer quando se trata de relações de gênero, mulheres e feminismo. No mesmo sentido, quando falamos de cidades, sejam elas “inteligentes” ou não, é preciso não esquecer de traçar essas relações, pois cidades são compostas por pessoas. E se pensarmos no Rio de Janeiro, veremos que a maior parte das pessoas que o compõe são mulheres<sup>47</sup>. Não é estranho que boa parte da população viva em um lugar que não acolhe as suas vivências?

Essa dissertação teve o objetivo de identificar quais seriam os possíveis atributos, sob a ótica de mulheres moradoras do Rio de Janeiro, de uma cidade inteligente e inclusiva que acolhesse as suas vivências, necessidades e desejos. E mais do que isso, trata-se de um trabalho que buscou incentivar o pensamento crítico através da pesquisa em design, defendendo que o design estaria voltado muito mais para o ato de gerar reflexões, discussões e proposições de futuros, do que necessariamente “resolver problemas” (Dunne, Raby, 2013); além de posicionar o pesquisador de design como produtor de discursos, mais do que um produtor de materialidades produtor.

De acordo com o autor Kenya Hara no seu livro “Designing Design” (2007), falar sobre design, e escrever sobre design, é fazer design. E seguindo os ensinamentos de Donna Haraway (2016) “importam quais histórias contam histórias”, reforçando a importância e o poder das narrativas, aqui construímos a narrativa de um campo que é extremamente rico e sim multidisciplinar, mas que ainda precisa se conectar mais com os estudos de gênero para atender aos novos paradigmas da atualidade (Safar, Giselle Hissa; Dias, Maria Regina Alvares Correia, 2016).

Nesta dissertação investigamos o design especulativo, pois queremos contar boas e novas histórias, agindo no presente para construir o futuro. E essas histórias

---

<sup>47</sup> Disponível em: [https://www.ceperj.rj.gov.br/?page\\_id=222](https://www.ceperj.rj.gov.br/?page_id=222). Acesso em 27/01/2022.



do amanhã envolveram levar para as mulheres entrevistadas a possibilidade de pensarem naquilo que elas gostariam de mudar hoje no Rio de Janeiro, se tivessem o poder para tal. Envolveram perguntar para as entrevistadas: “qual é o seu sonho hoje, enquanto mulher, para a cidade do Rio de Janeiro?” – frisando que esse era um exercício de imaginação e que tudo aquilo que parecia improvável ou absurdo seria bem-vindo e sem julgamentos.

No entanto, o que descobrimos a partir da pergunta feita acima é que mulheres estão preocupadas demais com a sua própria segurança, e com as suas próprias vidas, para imaginar algo que fuja daquilo que deveria ser básico no cotidiano.

Mulheres sonham com o palpável, com segurança nas ruas, ruas iluminadas, fortes campanhas de conscientização contra o assédio e a violência de gênero. Aliás, assédio foi um tema que permeou a pesquisa inteira, pois ele está em cada canto da cidade, e em cada canto do imaginário de mulheres sobre a cidade.

A violência de gênero não termina aí, ela também consiste no apagamento histórico de mulheres nos mais diversos campos, incluindo o design. O design, aliás, não é um campo neutro assim como não é a ciência e a pesquisa (Haraway, 2005), e não é universal (Moura, 2018). E o que desejamos reforçar aqui é que é preciso que discussões de gênero e feminismo aconteçam de forma mais recorrente no campo do design, para que não só mulheres, mas também outros grupos vulnerabilizados sejam contemplados cada vez mais em projetos – sejam de pesquisa ou profissionais.

Por fim, vale ressaltar que as inquietações que senti quando iniciei a pesquisa não diminuíram, apenas aumentaram conforme o percurso ia se traçando. Pude perceber que projetos que envolvem pensar a cidade sob perspectivas de gênero, focando em mulheres, ocorreram de maneira coletiva (Capítulo 2), com mais de uma pesquisadora, além de parcerias entre ONGS e/ou o poder público local. Dessa forma, senti a jornada um pouco solitária e com a sensação de que projetos que envolvem assuntos tão complexos podem ser tornar mais ricos se forem desenvolvidos coletivamente. Certamente, trata-se de temática com muitos caminhos a serem explorados em pesquisas futuras.

## 6. Referências bibliográficas

ALVES, José Eustáquio Diniz, Desafios da equidade de gênero no século XXI, **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 629–638, 2016.

AZEVEDO, E.; DE, M. D. **Design Especulativo: Ficção, Imaginação e Arquitetura**. p. 19, [s.d.].

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU/UFBA, 2008.

BUCKLEY, C. **Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design**. Design Issues, v. 36, n. 1, p. 19–29, jan. 2020.

CARAGLIU, A.; DEL BO, C.; NIJKAMP, P. *Smart cities in Europe*. Journal of Urban Technology, v. 18, n. 2,. [S.l.]: 2011, p. 65–82.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011 Disponível em <http://arquivo.geledes.org.br/emdebate/sueli-carneiro/17473-sueli-carneiro-enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-naamerica-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 15/09/2021.

CAVADINHA, Samanta L. T. **Violências, relações de gênero e poder: efeitos do trabalho sobre subjetividades e saúde mental de militares**. São Paulo: USP, 2016.

COCCHIA, A. *Smart and Digital City: A Systematic Literature Review*. [S.l]: 2014. p. 13–43.

COLLECTIU PUNT 6. **Urbanismo feminista por una transformació radical**. 2019.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem. 2004.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. **Speculative everything: design, fiction, and social dreaming**. Cambridge, Massachusetts ; London: The MIT Press, 2013.

FALEIROS, Fabiana et al. **Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos**. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 25, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: elefante, 2017.

FGV DAPP. **#observasegurança: Um olhar sobre denúncias de estupro e assédio na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2019. Disponível em: [http://dapp.fgv.br/um-olhar-sobre-denuncias-de-estupro-e-assedio-na-cidade-rio-de-janeiro/#\\_ftn1](http://dapp.fgv.br/um-olhar-sobre-denuncias-de-estupro-e-assedio-na-cidade-rio-de-janeiro/#_ftn1) . Acesso em: 30/05/2020.

ELORZA, P. A. L. **Pensar la ciudad desde el urbanismo feminista y popular**. v. 2, p. 11, 2019.

FERNANDES, Ana B. R. A. O design na articulação de feminismos em rede: da representação de identidades individuais à construção de uma identidade política feminista. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

FIGUEIREDO, G. M. P.; ROZESTRATEN, A. S. **Cidades inteligentes no contexto brasileiro: discurso e prática da "smart city" como forma de potencializar a democratização do espaço urbano e a redução da desigualdade social**. Anais.. São Paulo: FAUUSP, 2016.

\_\_\_\_\_. **O discurso e a prática da Smart City: Perspectivas críticas e aproximações sistemáticas no contexto de metrópoles latino-americanas**. São Paulo: [S.d.].

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

GIFFINGER, R. *et al.* **Smart cities Ranking of European medium-sized cities**. n. April 2014, 2007. .

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2008.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

GONZÁLEZ, M. F. **La construcción del discurso de la smart city: mitos implícitos y sus consecuencias socio-políticas**. URBS: Revista de estudios urbanos y ciencias sociales, v. 6, n. 2, p. 83–99, 2016. .

\_\_\_\_\_. **La Smart City como imaginario socio-tecnológico**. Cuadernos de Investigación Urbanística, n. 109, 2016.

HARAWAY, Donna. **‘Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial’**. Cadernos Pagu (5), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-42.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble making kin in the Chthul.pdf.** , [s.d.]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374763/mod\\_resource/content/0/Haraway-](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374763/mod_resource/content/0/Haraway-)

Staying%20with%20the%20Trouble\_%20Making%20Kin%20in%20the%20Chthulucene.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021

HOLLANDS, R. G. *Critical interventions into the corporate smart city*. Cambridge Journal of Regions, Economy and Society, v. 8, n. 1, p. 61–77, 2015.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>. Acesso em: 20/05/2020.

IBGE EDUCA. **Quantidade de homens e mulheres**. 2018. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html> . Acesso em: 25/05/2020.

IMBELLONI BRAGA ALBUQUERQUE, M. **DE QUANTOS CAMINHOS SE FAZ UM DIREITO?: MOBILIDADE E GÊNERO NOS QUADROS DE CIDADE**. MESTRE EM CIÊNCIAS JURÍDICAS—Rio de Janeiro, Brazil: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, 20 mar. 2019.

IMD, 2020. *Smart City Index 2020*. Disponível em: <<https://www.imd.org/smart-city-observatory/smart-city-index/>>. Acesso em: 2 e outubro de 2020.

INTERNATIONAL, P. *Smart Cities: Utopian Vision , Dystopian Reality*. n. October, p. 1–25, 2017. .

JUNIOR, O. A. S et al. **Dossiê do desmonte da política urbana federal nos governos Temer e Bolsonaro e seus impactos sobre as cidades: violações de direitos humanos e os riscos de construção de cidades intolerantes, excludentes, injustas e antidemocráticas**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2020/02/Dossi%C3%AA-FNURU-2020-Final.pdf> Acesso em: 20/05/2020.

KALMS, N. (2017b) **Digital technology and the safety of women and girls in urban space: Personal safety Apps or crowd-sourced activism tools?** in H. Frichot, C. Gabrielsson, and H. Runting (Eds) *Critiques* (London: Routledge).

LARANJO, Francisco. **Design as criticism: methods for a critical graphic design practice**. London: UAL, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução Rubens Eduardo Frias.

LINDNER, Christoph & MEISSNER, Miriam. **The Routledge companion to urban imaginaries**. Routledge, 2020.

METRÔ SP. **OD Pesquisa Origem Destino 2017 50 anos – A Mobilidade**

**Urbana da Região Metropolitana de São Paulo Em Detalhes.** São Paulo: s/e, 2019. Disponível em: [http://www.metro.sp.gov.br/pesquisaod/arquivos/Ebook%20Pesquisa%20OD%202017\\_final\\_240719\\_versao\\_4.pdf](http://www.metro.sp.gov.br/pesquisaod/arquivos/Ebook%20Pesquisa%20OD%202017_final_240719_versao_4.pdf). Acesso em: 20/05/2020.

MOROZOV, E.; BRIA, F. **A Cidade Inteligente Tecnologias Urbanas e Democracia.** São Paulo, 2019.

ONU NEWS. **População mundial deve ter mais 2 bilhões de pessoas nos próximos 30 anos.** Brasília: 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676601#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial%20deve%20aumentar,9%2C7%20bilh%C3%B5es%20em%202050>>. Acesso em: 2 de outubro de 2020.

ORTIZ ESCALANTE, S.; GUTIÉRREZ VALDIVIA, B. **Planning from below: using feminist participatory methods to increase women's participation in urban planning.** *Gender & Development*, v. 23, n. 1, p. 113–126, 2 jan. 2015.

RABIE, Sara. **Crowd-Feminism: Crowdmapping as a Tool for Activism.** London: Goldsmiths University, 2013.

RADZIKOWSKA, M. et al. **A Speculative Feminist Approach to Project Management.** *Strategic Design Research Journal*, v. 12, n. 1, p. 94–113, 12 jul. 2019.

RAGO, Margareth. **“Epistemologia Feminista, Gênero e História”.** In: *Masculino, feminino, plural*. Pedro, J.M. e Grossi, M. (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RITTEL, H., WEBBER, M. M. **Dilemmas in a General Theory of Planning.** Elsevier Scientific Publishing Company, v. 2. [S.l.]: 1973, p. 155–169.

RODRIGUES, T. M. M.; PORTINARI, D. B. **GÊNERO NO DESIGN: A REPRODUÇÃO DOS IDEAIS DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE.** Blucher Design Proceedings. *Anais...* In: 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN. Belo Horizonte, Brasil: Editora Blucher, dez. 2016. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/24306>>. Acesso em: 2 fev. 2022

ROZESTRATEN, A. S. **Dúvidas, fantasias e delírio: smart cities, uma aproximação crítica.** In: 1º Colóquio Internacional ICHT 2016 – Imaginário: Construir e Habitar a Terra, 16 a 17 de março, 2016, São Paulo. Atas do 1º Colóquio Internacional ICHT. São Paulo: FAU/USP, p15-30, 2016.

ROZESTRATEN, A.; et al. **Imaginário e Tecnologia: Cidades “Inteligentes” e poéticas urbanas 1.** São Paulo: 2016. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/icht2016/>>. Acesso em: 2 de outubro de 2020.

SCOTT, Joan. 1991. **Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica.**

**Educação e Realidade**, v.16, 1991, p.5-22.

SIM, D. **Soft City**. 1 ed. Washington DC: Island Press, 2019. 235 p.

SZANIECKI, Barbara. **O direito à cidade consiste no direito de usufruto pleno da vida urbana**. Entrevista especial com Barbara Szaniecki ao Instituto Humanitas UNISINOS on-line. São Leopoldo: IHU On-line, 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/588020-o-direito-a-cidade-consiste-no-direito-de-usufruto-pleno-da-vida-urbana-entrevista-especial-com-barbara-szaniecki> . Acesso em: 25/05/2020.

THINK OLGA. **Pesquisa Meu PONTO Seguro**. São Paulo: s/d.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

TOWNSEND, A. M. **Smart Cities: Big Data, Civic Hackers, and the Quest for a New Utopia**. New York: W.W. Norton & Company, 2014.

VALDIVIA, Blanca. **Del urbanismo androcéntrico a la ciudad cuidadora**. Hábitat y Sociedad (issn 2173-125X), n.º 11, noviembre de 2018, Universidad de Sevilla, pp. 65-84.

VANOLO, A. **Smartmentality: The Smart City as Disciplinary Strategy**. Urban Studies, v. 51, n. 5. [S.l.]: 2014, p. 883–898.

VASSÃO, Caio Adorno. **Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade**. São Paulo: Blucher, 2010.

ZYGIARIS, S. **Smart City Reference Model: Assisting Planners to Conceptualize the Building of Smart City Innovation Ecosystems**. Journal of the Knowledge Economy. [S.l.]: 2013, pp. 217–231. Disponível em: <<https://goo.gl/QRcxRV>>. Acesso em: 1/10/2020.

## **6. Apêndices**

### **Apêndice I – Questionário on-line.**

#### **1. Como você descreveria o Rio de Janeiro? Escolha até 3 características.**

- ☐ Maravilhoso
  - ☐ Acolhedor
  - ☐ Colorido
  - ☐ Divertido
  - ☐ Dinâmico
  - ☐ Bonito
  - ☐ Exuberante
  - ☐ Limpo
  - ☐ Calmo
  - ☐ Desorganizado
  - ☐ Desigual
  - ☐ Violento
  - ☐ Perigoso
  - ☐ Caótico
  - ☐ Sujo
  - ☐ Sem estrutura
  - ☐ Insalubre
  - ☐ Paradoxal
  - ☐ Turístico
- 

#### **2. Quais são os lugares que você circula no Rio de Janeiro?**

---

#### **3. Você se sente segura nos espaços que você circula no Rio de Janeiro?**

Sim ( ) Não ( )

---

#### **4. Caso tenha marcado não na resposta anterior, quais são os seus maiores medos? Marque até 3.**

- ☐ Assalto
- ☐ Violência sexual física

- ☐ Assédio
  - ☐ Sequestro
  - ☐ Sofrer racismo
  - ☐ Discriminação, preconceito por orientação sexual e identidade de gênero
- 

**5. Você tem medo de andar sozinha?**

Sim ( ) Não ( )

---

**6. Se sim, quais situações você tem mais medo? Escolha até 3.**

- ☐ Andando pelo meu bairro
  - ☐ Andar à noite
  - ☐ Usar transporte de aplicativo
  - ☐ Usar transporte público
  - ☐ Caminhar por lugares com pouca ou nenhuma iluminação
  - ☐ Ruas, lugares vazios, sem circulação de pessoas
  - ☐ Passar por um grupo de homens
  - ☐ Outros: \_\_\_\_\_
- 

**7. Você usa alguma estratégia para se sentir mais segura nos lugares que você circula?**

Sim ( ) Não ( )

---

**8. Se sim, quais?**

---

**9. Quais são os 3 principais defeitos do Rio de Janeiro que você identifica e considera que afeta a vida das mulheres?**

---

**10. Quais qualidades o Rio de Janeiro poderia ter para ser uma cidade mais acolhedora e segura para mulheres? Cite até 3.**



**11. Você já ouviu falar em “Cidade Inteligente”?**

Sim ( ) Não ( )

---

**12. Mesmo que nunca tenha ouvido falar de “Cidade Inteligente”, para você o que seria uma “Cidade Inteligente”?**

---

**13. Agora vamos a um exercício de imaginação! Aqui nada é impossível. Para você, como se ria um Rio de Janeiro ideal para mulheres viverem, o que você deseja?**

---

**14. Como você se identifica:**

- ☐ Mulher Cis
  - ☐ Mulher Trans
  - ☐ Branca
  - ☐ Preta
  - ☐ Indígena
  - ☐ Outra:
- 

**15. Orientação sexual:**

- ☐ Heterossexual
  - ☐ Bissexual
  - ☐ Lésbica
  - ☐ Prefiro não dizer
  - ☐ Outra:
- 

**16. Escolaridade:**

- ☐ Nenhuma
- ☐ Ensino Fundamental
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Superior Incompleto
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

**17. Ocupação/Profissão:**

---

**18. Renda familiar:**

- ☐ Nenhuma Renda
  - ☐ Até 1 salário mínimo
  - ☐ De 1 a 3 salários mínimos
  - ☐ De 3 a 6 salários mínimos
  - ☐ De 6 a 9 salários mínimos
  - ☐ Acima de 9 salários mínimos
  - ☐ Prefere não declarar
- 

**19. Tem filhos:**

Sim ( ) Não ( )

---

**20. Idade:**

- ☐ 18 anos a 24 anos
  - ☐ 25 anos a 34 anos
  - ☐ 35 anos a 44 anos
  - ☐ 45 anos a 54 anos
  - ☐ acima de 54
- 

**21. Onde você mora?**

- ☐ Zona Norte
  - ☐ Zona Sul
  - ☐ Centro
  - ☐ Zona Oeste
- 

**22. Bairro:**

**23. Alguma dessas opções de perguntas de identificação (gênero, orientação sexual, profissão, idade, cuidado com filhos) modifica a sua percepção sobre a cidade?**

Sim ( ) Não ( )

---

**24. Se sim, de que forma?**